

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

T. e.
S. 9(c)
3621

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

O "NÃO-TRABALHO"?:
UMA ANÁLISE DAS TENSÕES NA CONSTRUÇÃO
DA MISÉRIA EM UBERLÂNDIA (2000-2007)

LILIANE CIRINO VIEIRA

3621 9.c

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Ensino, Pesquisa e Pesquisa em
História
Campus São João - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

LILIANE CIRINO VIEIRA

**O "NÃO-TRABALHO"?:
UMA ANÁLISE DAS TENSÕES NA CONSTRUÇÃO
DA MISÉRIA EM UBERLÂNDIA (2000-2007)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa.

Uberlândia, Janeiro de 2008.

LILIANE CIRINO VIEIRA

**O "NÃO-TRABALHO"?:
UMA ANÁLISE DAS TENSÕES NA CONSTRUÇÃO
DA MISÉRIA EM UBERLÂNDIA (2000-2007)**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marta Emília Jacinto Barbosa

Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Prof. Dr. Sérgio Paulo de Moraes

*À minha mãe
e à minha avó com infinito amor
e à todos os meus professores
que demoliram meus falsos alicerces
e construíram em mim
as bases para a busca do conhecimento.*

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a minha formação, desde meus professores, principalmente os do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e em especial à professora Marta Emísia Jacinto Barbosa, minha orientadora.

Aos professores Sérgio Paulo e Regina Ilka pela participação na minha banca de defesa de monografia.

À minha mãe Selma Maria, e à meu à padrasto Ivan. Também à minha querida avó, Maria Martins Ferreira, mulher de muita fibra e luta, pelo amparo dedicado a mim apesar de todas as dificuldades.

Aos funcionários do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História), principalmente à Máucia e também à estagiária Lorraine do 8º período (segundo semestre de 2007) do Curso de História por ter disponibilizado a Dissertação de Mestrado da professora Maria Clara Tomaz Machado para leitura.

Ao pessoal da APG-UFU (Associação dos Pós-Graduandos da Universidade Federal de Uberlândia) por terem disponibilizado a digitação do trabalho. E também aos funcionários do Arquivo Público Municipal por terem disponibilizado a pesquisa dos jornais inicialmente.

A todos os amigos que têm apreço por mim particularmente aos amigos, Kélia, Leandro e também aos companheiros de militância Gilberto, Maria Betânia, Gilber, Heliane e ao amigo especial André por todas as discussões estimulantes e criativas que tivemos e o apoio final num dos momentos mais difíceis da minha vida durante a fase final desta monografia.

Agradeço também a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho. A todos os funcionários e entrevistados do Albergue Noturno Ramatis. Aos funcionários do Núcleo de Atendimento ao Migrante e Mendicante do Terminal rodoviário Castelo Branco. E também àqueles que me ajudaram de alguma maneira, mas que porventura eu não citei por falha da memória ou negligência. Obrigada!

Resumo

A proposta deste trabalho traz como problemática a discussão sobre a construção da miséria e a mendicância em Uberlândia no início do século XXI até o presente momento, fazendo uma análise do processo de mudanças ocorridas. Para tal empenho analiso fontes escritas e orais como a mídia (Jornal Correio de Uberlândia e Jornal da Globo), as Leis municipais e nacionais, as entrevistas orais do Albergue Noturno Ramatis, dentre outros. Investigando vários focos de interesses da construção histórica na cidade desses conceitos de "mendigos", "vagabundos", etc.

O primeiro capítulo se esforça exatamente em esboçar a construção desses conceitos supracitados como sendo forjados pelos diversos mecanismos que a classe dominante possui para uma finalidade política e social de controle. Articulando-se entre o poder público e privado através de diversas meios como a polícia, as instituições assistenciais, a mídia, dentre outros.

O segundo capítulo ambiciona tentar, com entrevistas orais, enxergar através dos olhos dos miseráveis da cidade, as várias maneiras de viver e contar sobre sua vida para sondar alguns processos que culminaram na sua atual situação de miséria e dependência. Assim poderemos entender que, como eles, apesar das peculiaridades, todos os demais têm um processo de construção, mesmo que diferentes. Sendo que, o mais importante a compreender, é que, a maior parte desses indivíduos não está nessa situação por que quer, mas porque foram levados a ela por alguma razão. Entendendo-a como uma condição difícil de sair.

E para isso, é importante entender que o capitalismo privilegia uma pequena parcela da população em Uberlândia e explora uma grande parcela de diversas formas, gerando o desemprego, exército de reservas e sua conseqüente miséria, do qual fazem parte os indivíduos em estudo.

A abordagem com relação ao assistencialismo não tem a intensão de defendê-lo. Mas sim abordá-lo como veículo despolitizador e mantenedor do desemprego e da falta de moradia e comida, à medida que, serve como mecanismo sutil e eficaz de dominação para aliviar as tensões do capitalismo.

Sumário

Introdução.....	07
Capítulo I – Trabalho e não-trabalho: tensões na construção da miséria em Uberlândia.....	12
Capítulo II - Cidade e construção da pobreza: análise do viver dos sujeitos Históricos em questão.....	64
Considerações finais.....	97
Referencial bibliográfico.....	100

Introdução

Victor Hugo (26/02/1802 - 22/05/1885)

*"João Valjean foi conduzido diante dos tribunais daquele tempo por 'roubo e arrombamento durante uma noite numa casa habitada'. (...) João Valjean foi declarado culpado (...) Começou por julgar a si mesmo. Reconheceu não ser um inocente injustamente punido. Concordou que havia cometido uma ação desesperada e reprovável, que, talvez, se tivesse pedido, não lhe haveriam de recusar o que roubara que, em último caso deveria confiar na caridade ou no próprio trabalho, que afinal, não era razão suficiente afirmar-se que não pode esperar quando se tem fome. (...) Era necessário, portanto, ter paciência (...) porque afinal era absurdo ele, infeliz e mesquinho como era, querer pegar toda uma sociedade pelo pescoço, e ter pensado que é pelo roubo que se foge à miséria, pois é impossível sair-se da miséria pela porta que leva à infâmia. Enfim, ele estava errado. (...) Depois deve ter perguntado a si mesmo: (...) Nessa história toda, o erro era só dele? Era igualmente grave o fato de ele, operário, não ter trabalho e não ter pão. Depois de a falta ter sido cometida e confessada, por acaso o castigo não foi por demais feroz e excessivo? Onde haveria mais abuso: da parte da lei, na pena, ou da parte do culpado, no crime? Não haveria excesso de peso em um dos pratos da balança, justamente naquele em que está a expiação? Por que o exagero da pena não apagava completamente o crime, quase que invertendo a situação, substituindo a falta do delinqüente pela da Justiça, fazendo do culpado a vítima, do devedor credor, pondo definitivamente o direito justamente do lado de quem cometeu o furto? (...) Pode a sociedade humana ter o direito de sacrificar seus membros, ora por sua incompreensível imprevidência, acorrentando indefinidamente um homem entre essa falta e esse excesso, falta de trabalho e excesso de castigo? Não era, talvez, exagero a sociedade tratar desse modo precisamente os seus membros mais mal dotados na repartição dos bens de fortuna, e, conseqüentemente, os mais dignos de atenção? (...) É próprio das sentenças em que domina a impiedade, isto é, a brutalidade, transformar pouco a pouco, por uma espécie de estúpida transfiguração, um homem em animal, às vezes até em animal feroz. As sucessivas e obstinadas tentativas de evasão, bastariam para provar o estranho trabalho feito pela lei sobre a alma humana. João Valjean renovou as fugas, tão inúteis e loucas, toda vez que se apresentou ocasião propícia, sem pensar um pouquinho nas conseqüências, nem nas vãs experiências já feitas. Escapava impiedosamente, como o lobo que encontra a jaula aberta. O instinto lhe dizia: "Salve-se". A razão lhe teria dito: "Fique"! Mas, diante de tentação tão violenta, o raciocínio desaparecia, ficando somente o instinto. Era o animal que agia. Quando era novamente preso, os novos castigos que lhe infligiam só serviam para torná-lo mais sobressaltado. (...) A história é sempre a mesma. Essas pobres criaturas, carecendo de apoio, de guia, de abrigo, ficam ao léu, quem sabe até, indo cada uma para seu lado, mergulhando na fria bruma que absorve tantos destinos solitários, mornas trevas onde, na sombria marcha do gênero humano desaparecem sucessivamente tantas cabeças desafortunadas."*¹

¹ HUGO, V.. *Os miseráveis*. Tradução de José Maria Machado. 8. Ed. Curitiba: Hemus, 2002. O clássico "Os Miseráveis", do escritor francês Victor Hugo, foi um dos maiores best-sellers de todos os tempos. Escrito em 1862, o livro conta a triste história de João Valjean, que, por ver os irmãos passarem fome, assalta uma padaria e é condenado a 5 anos de prisão. Devido às tentativas de fuga e mau comportamento na cadeia, acaba sofrendo outras condenações, pagando 19 anos de reclusão. O livro é uma denúncia contra as injustiças do poder judiciário que vem se repetindo em todas as épocas.

Começar a introdução deste trabalho com fragmentos de “Os miseráveis” de Victor Hugo constitui-se numa provocação para aguçar os aspectos cognitivos e sensoriais sobre as injustiças sociais como, por exemplo, as desigualdades, antes de qualquer julgamento pejorativo sobre o tema, na tentativa de sensibilizar a reflexão para entender que antes de tudo falo sobre seres humanos. Também, este trabalho não tem a pretensão de fazer a História da miséria em Uberlândia, mas sim eleger alguns aspectos de indivíduos que aparentemente são caracterizados como mendigos e indigentes, entendendo como é forjada a sua imagem enquanto construção histórica na cidade, visto que, eles mesmos não se reconhecem como tal.

Numa sociedade capitalista, onde a cidadania se mede pela capacidade de compra dos indivíduos, principalmente numa como Uberlândia que possui o discurso do progresso, pareceu-me relevante investigar a importância do trabalho e as práticas de mendicância neste contexto de “internacionalização das forças produtivas”. Como a sociedade de Uberlândia trata os mendigos e aqueles que não trabalham; qual a relação dos mendigos com a sociedade e o mundo do trabalho; onde eles moram; como vivem e quais as razões de se estabelecerem como tal, refletindo sobre os nossos conceitos de mendicância. Contudo, fui obrigada a modificar este projeto inicial na medida em que minhas fontes apontavam outras problemáticas e minhas análises mostravam outros indivíduos que foram surgindo.

Assim, a princípio minha problemática apontou uma preocupação em entender o universo da mendicância, suas práticas, suas causas e consequências tendo o conceito de mendigo como aquele indivíduo nauseabundo que precisa pedir esmolas para sobreviver e que mora nas ruas. Todavia, a minha pesquisa mostrou empiricamente este conceito sendo forjado pela sociedade, tendo investigado a cidade de Uberlândia, de maneira preconceituosa onde as relações sociais envoltas alimentam a continuidade e conformidade da situação.¹

¹ Entendendo que este conceito é forjado pela classe política dominante na cidade, mas sendo apropriado pelos demais indivíduos de forma acrítica.

Este conceito congela o indivíduo em uma situação de miséria e o induz à margem mais distante da sociedade da mesma forma que os conceitos de bandidos e marginais. Podemos estabelecer esta crítica, “*se concordarmos com a idéia de que os conceitos têm história*”.² Sendo que, baseada nesta crítica a proposta requer pensar os indivíduos em questão como pessoas desempregadas, sem teto, miseráveis, sem comida e que dependem do assistencialismo alimentado pela mesma classe dominante que forja esse conceito do mendigo como criminoso.

A preocupação com tal temática talvez tenha se dado porque fui criada numa família cristã que defendia a caridade como um bem que se faz a si e aos outros. Nem por isso, me considero cristã com todos os atributos que possui o termo. Apesar de sermos pobres minha família, diferente de mim, sempre defendeu a filantropia. Se tivéssemos uma determinada porção de arroz para a refeição e aparecesse algum pedinte, ela considerava uma obrigação dar-lhe uma parte dessa porção.

Todavia, ao refletir sobre a transitoriedade da vida me recordo sempre que quando criança, minha avó me levava pelas ruas para pedir porque ela não tinha trabalho e conseqüentemente não tinha provisões. Sentia-me envergonhada, porque em mim, algo anunciava que era vexatório, culposos, feio, constrangedor, uma prática condenável. Mas ao mesmo tempo sentia-me no dever de acompanhá-la. Foi por pouco tempo e mesmo assim minha avó conseguiu criar suas estratégias de pedido. Gostava de pedir nas fábricas de arroz e feijão, nos açougues, nas feiras e mercados. Assim, sempre conseguia alguns ossos, canjica, frutas e verduras que ninguém comprava.

Contudo, essa situação de pedintes não poderia nos classificar como mendigas porque tínhamos uma casa para morar, mesmo que alugada. Pois, se pensarmos como Santana, minha avó e eu não poderíamos ser classificadas como mendigas porque não nos encaixávamos nas categorias que ela delimita: “*ficar na rua - circunstancialmente / Estar na rua - recentemente / Ser de rua – permanente*”.³ Contudo, interessa pensar que

² ROMERO, Daniel, *Marx e a técnica: um estudo dos manuscritos de 1861-1862*. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 30.

³ SANTANA, Eliane Aparecida. *A margem da História: mendigos na cidade de Uberlândia nos anos 90*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia 2002.

cada cidade cria e utiliza uma forma diferente de classificação destes indivíduos e nos importa refletir sobre eles para além de qualquer classificação.

No caso de Santana, ela pega emprestadas as categorias utilizadas pela Secretaria Municipal do bem-estar Social do Estado de São Paulo para designar as ruas de Uberlândia como termômetro da mendicância.⁴ Segundo a pesquisa da Secretaria Municipal do bem-estar do Estado de São Paulo, a utilização da rua como abrigo e moradia seria fator principal para classificar o mendigo tendo como referência o tempo na rua.

Assim, *ficar na rua* é não ter dinheiro para pagar pensão ou não conseguir vaga em nenhum albergue e dormir na rua com temor. Porém, a pessoa pode conseguir trabalho ou “bico” e sair da rua, pois seu tempo nela é tão pequeno que resta apenas o estranhamento e sua vontade de sair é tão grande que não quer criar vínculos.

Estar na rua é não ter mais medo dela, pois o seu espaço não é mais totalmente estranho e quem está nesta situação consegue criar ligação com as pessoas da rua e conhecer novas alternativas para sobreviver e se estabelecer como tal. Apesar disso, eles conseguem “bicos” e tentam se diferenciar dos moradores de rua definitivos sempre pensando em sair dela.

E *ser de rua*, diferentemente das situações anteriores, é não alternar entre albergues, pensões baratas, mas sim, se estabelecer definitivamente nas ruas, criando vínculos de amizade e enraizamento. “A rua toma-se espaço de moradia de forma praticamente definitiva”.⁵

Claramente o trabalho citado representa uma pesquisa apenas sobre os mendigos que vivem na rua.⁶ Mas então o que a minha avó e eu éramos naquele momento? O que realmente é ser mendigo na nossa atual sociedade? Será que é “*ficar, estar ou ser de rua?*” Minha experiência trouxe inúmeras indagações e vejo, portanto, uma necessidade de pensarmos essas indagações à luz do capitalismo, discutindo a relação entre o trabalho e o “não-

⁴ SECRETARIA DE AÇÃO SOCIAL E BEM-ESTAR DO ESTADO DE SÃO PAULO (Org.). *População de Rua: Quem é, Como vive, Como é vista*. 2 ed. São Paulo: Hucitec. 1994, p. 93-95.

⁵ SANTANA, Eliane Aparecida. Op. Cit., p. 95.

⁶ Refiro-me ao trabalho da Secretaria de Ação Social e Bem-Estar do Estado de São Paulo citado anteriormente.

trabalho" na atualidade.

Por isso, minha pesquisa procura se diferenciar de algumas avaliações atuais que deixam de analisar as questões sociais da pobreza como fruto do Capitalismo. Procuro, por isso, entender que os indivíduos estudados sem teto e sem trabalho estão nesta situação não porque querem, mas sim porque são empurrados ao estado de miséria onde mal conseguem sobreviver através do assistencialismo criado para manutenção e amenização da falta de oportunidades que são geradas pelo próprio sistema. Trata-se, portanto, de uma crítica clara a uma das maiores mazelas produzidas pelo capitalismo.

Sendo assim, a princípio, minha temática parecia demasiadamente difícil de delimitar. Tendo que encontrar um conceito entre trabalhadores desempregados e mendigos eu tive que aderir o termo "não-trabalho", pois me pareceu mais próximo à situação de miséria vivida pelos trabalhadores pobres sem teto e sem trabalho formal. Mas não significa que pretendo avaliar a questão tendo como perspectiva o fim do trabalho na sociedade capitalista.

Os temas nos capítulos serão abordados tematicamente onde cada um trata determinado problema da pesquisa, conforme a natureza das fontes trabalhadas, etc.

Capítulo I

I – Trabalho e “não-trabalho”: tensões na construção da miséria em Uberlândia

Não existe uma preocupação neste trabalho em defender e nem acusar a mendicância, mas ao contrário, tentar entender a maneira como as políticas públicas e privadas tratam o problema aliando políticas assistencialistas a políticas neoliberais que não solucionam o problema e muito pouco minimizam.

Tomando como eixo para a discussão as investidas do *Jornal Correio de Uberlândia* e do Poder público que tentam lançar no imaginário da cidade as suas representações sobre os indigentes é necessária a crítica da maneira como esses indivíduos são tratados em Uberlândia.⁷

Como podemos perceber nas palestras do promotor de Justiça Marco Aurélio Nogueira, a Prefeitura da cidade, em uma ação conjunta com as polícias civil e militar e outras instituições, lançou campanhas contra a mendicância em Uberlândia (MG). Campanhas como: “*Uberlândia Sem Esmola e Quem dá esmola não dá escola, não dá futuro e não dá emprego*” além das reportagens do *Jornal Correio de Uberlândia*: “*Operação para conhecer pedintes e punir aqueles que cometem crime em Uberlândia; O fim da esmola, MP cadastra pessoas na operação pedinte; campanha publicitária alertando a comunidade contra os andarilhos que incomodam a comunidade*”, etc. Assim, os mendigos que pedem esmolas são recolhidos e levados para a delegacia, onde são cadastrados.

Uma das mais recentes campanhas contra a mendicância na cidade diz

⁷ FALSO mendigo tem até casa com DVD em MG, diz promotor, *Gazeta On Line*, 24/08/2007 10:07:00-G1, Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/noticias/minutoaminuto/nacional/nacional_materia.php?cd_matia=345338&cd_site=843>.

respeito a um projeto conjunto com a polícia militar para criar a '*Patrulha Antiimportuno*' (PAI) em Uberlândia.

O objetivo seria inibir a mendicância em áreas centrais e impedir "atos violentos" contra a população. Assim, a Prefeitura tenta "conscientizar" a população para não dar esmolas e, em vez de oferecer dinheiro a um pedinte, contribuir com instituições de caridade e alimentar o assistencialismo. Tendo como conseqüências a despolitização dos movimentos sociais na luta por respeito e dignidade. Desconsiderando também que a população paga impostos, como por exemplo, a extinta CPMF, para investir em ações sociais como educação, saúde, dentre outras.⁸

Esta política é expressa em propagandas, outdoors, reportagens televisivas e nos jornais locais como o *Jornal Correio de Uberlândia*. Observe um dos outdoors que foram colocados no pátio da polícia civil e, como esse, existiram vários outros na cidade inteira sugerindo que a população não dê esmola, o qual faz parte da Campanha *Quem dá esmola, não dá futuro*:



Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL91214-5598,00.html>

Esta foto faz parte de uma reportagem da Rede Globo sendo lançada no Jornal O Globo, no dia 21 de agosto de 2007 no qual inaugura a "Campanha de Lei e Ordem". Christiane Pelajo apresenta e Segundo um repórter local, Luiz Gustavo "(...) mendicância é contravenção penal, a pena vai de 15 dias a 3

⁸ No momento da pesquisa ainda existia a CPMF (Contribuição Provisória sobre a Movimentação ou Transmissão de Valores e de Créditos e Direitos de Natureza Financeira, tributo brasileiro com aplicação federal que vigorou de 1997 a 2007).

meses de prisão. Até agora 32 mendigos foram processados. A idéia da Campanha surgiu depois de uma pesquisa feita na cidade e pelo Ministério Público estadual, o levantamento revelou uma estatística considerada preocupante (...).⁹ Em seguida aparece o promotor de justiça Marco Aurélio Nogueira revelando a estatística do Ministério Público: 94% são mendigos profissionais.

Esta Campanha é inspirada pelo Decreto-lei 3.688 de 3 de outubro de 1941 e está embasada no projeto de Lei (4668/2004) foi apresentado ao plenário da Câmara dos Deputados, pelo parlamentar Eduardo Cardoso (PT-SP), no dia 15 de dezembro de 2004, recebendo parecer favorável da Comissão de Constituição e Justiça em 3 de julho de 2007.

Antes de mais nada, para essa discussão, é importante entender que em Uberlândia existe um discurso de crescimento desordenado por causa da atração de migrantes pelo desenvolvimento econômico que, no entanto, serve para mascarar a pobreza que já existe na própria cidade.

"Este discurso atrai pessoas de todas as regiões do país, intensificando o fenômeno da migração na cidade e conseqüentemente provocando o crescimento desordenado da mesma". "Além de chegarem aqui e serem excluídos socialmente, os albergados, passam a ser vistos como responsáveis pelo aumento da criminalidade daquele local. Lógico que não se pode generalizar, pois a violência é produto do crescimento desordenado da cidade".¹⁰

E para a elite local esse discurso do progresso, como a projeção de "cidade do futuro" espelhada nos grandes centros urbanos do Brasil como, por exemplo, São Paulo, é que atrai os investimentos para seus negócios.

Com o desenvolvimento comercial da cidade os problemas com os migrantes aumentaram. De acordo com João Marcos, antropólogo da

⁹ Clipe: MG: Crime de mendicância é combatido em Uberlândia: Uberlândia processa mendigos aproveitadores. *Jornal da Globo*, Diretor da Central Globo de Jornalismo Carlos Henrique Schroder, Produtora Carolina Assunção, Rede Globo de Jornalismo, Roteirista Luiz Gustavo. Uberlândia, 21 de agosto de 2007. Duração 1'55". Disponível em: <<http://gl.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL91214-5598,00.html>>. Acesso em 03 de Setembro de 2007.

¹⁰ ANDRADE, Rosirlei Renata. *Desenvolvimento urbano x assistencialismo: a função social do albergue noturno Ramatis: Uberlândia 1990 a 2000*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia 2002. , p. 14 e 33 respectivamente.

*UFU, em entrevista concedida ao jornal 12/05/96, a partir da década de 80, os migrantes vinham até Uberlândia atraídos pela fama de cidade progressista (...) o autor salienta, ainda, que é preciso parar de fazer essa propaganda, já que Uberlândia é uma cidade brasileira cheia dos mesmos problemas de outras.*¹¹

É claro que Uberlândia é uma cidade com inúmeros problemas sociais como os outros, mas também não podemos fechar os olhos e deixar de entender que os vizinhos de outras cidades podem estar em situação pior de desemprego e desigualdade social. É necessária a compreensão do porquê existe tanta pobreza e não apenas tentar entender porque os pobres vêm para Uberlândia.

Assim, não é possível dizer que a pobreza vem de fora, pois esse processo é uma construção que leva em conta a história da cidade e sua constituição. Neste sentido, caberia uma avaliação dessas campanhas e discursos na tentativa de desmistificar a concepção de que os mendigos vêm de fora.

O que está em jogo em Uberlândia é o *status* de uma cidade de "Terra Fértil" cidade pólo de desenvolvimento agropecuário do Triângulo Mineiro. Essa imagem de progresso não consegue conceber a imagem do "atraso" e da miséria que representa a indigência. Para melhor compreendermos a trajetória desenvolvimentista de Uberlândia, devemos considerar sua posição geográfica estratégica. Com relação a isso afirma Maria Clara Tomaz Machado:

Uberlândia, situada geograficamente no Triângulo mineiro – Minas Gerais, viveu, ano de 1988, o seu centenário e, nele, comemorou, ufanisticamente, o progresso e a ordem. (...), teve será história fundamentada na atividade de entreposto comercial. É possível perceber que os projetos políticos de classe dominante aí instalados objetivaram, estrategicamente, consolidar sua posição geográfica como pólo comercial regional, capaz de interligar o centro-oeste com o sudeste do país. Uberlândia foi, de fato, na década de 1950, o lugar catalizador de maior parte da produção de mercadorias da região e esse foi o impulso que, necessariamente, colocou esta cidade no circuito do mercado nacional, garantindo a acumulação e a reprodução do Capital nela instalado. (...) Com a construção de Brasília e com o

¹¹ ANDRADE, Rosirlei Renata. Op. Cit., p. 15.

*processo de descentralização industrial do grande eixo Rio-São Paulo, na década de 60, Uberlândia passa a ser um dos eixos de convergência dos interesses da reprodução do Capital industrial, concretizando o sonho de qualquer cidade de interior – industrializar-se.*¹²

E ainda segundo Maria Clara Tomaz Machado, na década de 60 surge a problemática da marginalização social, migração, aparecimento das favelas, multiplicação do subemprego e do emprego, dentre outros.

É bem verdade que na década de 50 começa a construção de Brasília e este fator foi marcante para Uberlândia que, neste contexto, ainda era bastante rural. Não obstante, de acordo com pesquisas recentes realizadas por Célia Rocha Calvo, contidas no livro *Muitas memórias outras histórias*, também na década de 70, Uberlândia teve um surto de crescimento populacional devido a projetos dominantes representados pelo poder público e privado de transformá-la em uma grande cidade industrial *à custa da política do milagre econômico*.

*As áreas reportadas por eles eram, nos anos 1970, zonas urbanas e passaram a receber um grande volume de investimento dos grupos que enriqueceram com os programas da política habitacional.*¹³

É certo que o crescimento da cidade se faz com pessoas vindas de fora com alguma finalidade e, na década de 70, o desemprego nas áreas rurais e o conseqüente êxodo trazem inúmeras pessoas para a Uberlândia, já que, ela participava de um aumento de empregos urbanos concentrados nos setores secundários e terciários, como o comércio e a indústria, e o setor primário estava minando seus postos de trabalho, à medida que, são implementados tratores e máquinas sofisticados que poderiam ocupar os postos de trabalho nas lavouras de café, soja, dentre outros. Entretanto, se deu o seu *“crescimento não só pelo processo de urbanização, mas pela capacidade da classe dominante de articulação para por em prática o discurso político do progresso e da ordem” e também o discurso de “disciplinarização do espaço*

¹² MACHADO, Maria Clara T. *A disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês: Assistência Social Institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980)*. Dissertação de Mestrado / USP, 1990, p. 2-3.

¹³ CALVO, Célia Rocha. *Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia*. São Paulo: Olho d'água, 2000, p. 157.

urbano".¹⁴

Neste sentido, a abordagem marxista em relação ao tema é muito importante, aliada à análise histórica para a compreensão de que a "existência determina a consciência de cada indivíduo". Em vista disso, é necessário o resgate deste pensamento levando em conta o assunto em questão e a representação daqueles que supostamente não trabalham e são indigentes ou o que Marx chamaria de lúpenproletariado, tendo o conceito de mendigos como, pessoas sem emprego, sem teto e que dependem da caridade alheia seja de instituições públicas, privadas, ONG's ou indivíduos isolados.¹⁵

Independente de qualquer posicionamento a respeito desses sujeitos é importante a constatação de que eles existem. Ninguém deixa de existir porque não tem emprego ou moradia. Por conseguinte, não se pode afirmar que eles são meros vagabundos oriundos de uma "indústria da esmola" porque dialeticamente eles se constroem e são construídos como tal.¹⁶

Dessa forma, haveremos de fechar os olhos diante deles e nem contribuir para o processo de invisibilidade como faz o poder público. Portanto, é importante a compreensão de que os sujeitos estudados não são mendigos no seu conceito clássico pois a sua convicção e suas falas negam essa assertiva. É assim que se conceitua Leonardo Pereira, albergado do grupo Albergue Noturno Ramatis, numa entrevista concedida à mim em Abril de 2007.

*(...) eu sou frentista de carteira assinada. Tem seis anos que eu trabalho em Uberaba. Trabalho como lavador de carros também, serviços gerais, qualquer um braçal. Agora, ultimamente, quando eu saí de casa agora larguei a esposa, levou meu menino, né! Aí eu fiquei meio desnorteado da vida e saí pelo mundo é a primeira vez que eu saio assim. A experiência não tá sendo muito boa pra mim não, mas espero um dia voltar pra minha cidade de cabeça erguida.*¹⁷

Na ocasião da entrevista, Leonardo Pereira se encontrava

¹⁴ MACHADO, Maria Clara T. Op. Cit., p. 3-4.

¹⁵ Neste sentido é muito importante a diferenciação entre trabalho e emprego, pois os sujeitos em questão, ao serem entrevistados, quase sempre se apresentam como pessoas que trabalham fazendo "bicos".

¹⁶ Esse argumento não serve para entender as causas da miséria enquanto construção. Ele apenas acusa mais um problema gerado pela desigualdade social.

¹⁷ Entrevista com Leonardo Pereira, 25 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Lavador de carros, serviços gerais e braçais desempregado.

desempregado e por isso não estava trabalhando como frentista, da maneira como afirma, tendo que depender do albergue para se alimentar e dormir, e mesmo assim Leonardo não diz que é mendigo só porque está desempregado e dependendo do assistencialismo ao contrário afirma que “*é frentista de carteira assinada*”, por que não se reconhece em nenhum momento como um indigente, tampouco um vagabundo. Onde se percebe que a imagem dele como mendigo poderia vir dos “outros”. E ele ainda faz questão de acrescentar:

*Bem, eu to aí já tem dez dias, tô correndo atrás. Já mandei vários currículos aí, mas nada. Até carrinho de papelão eu já peguei. Mas não deu certo. To na luta aí, mas não espero desistir não.*¹⁸

O que ele quer, na verdade, é não ser comparado com nenhum vagabundo e talvez, por isso, nota-se na sua fala a tentativa de se mostrar grato por ter conseguido arrumar o albergue porque senão ficaria na rua como um “verdadeiro” mendigo. Podemos entender como isso acontece na sua fala:

*(...) O albergue recolhe muitas pessoas que estão precisando. Que nesses tempos agora de chuva dá uma cama pra dormir, alimentação pra gente comer. É um fortalecimento que a gente tem nesse tempo agora. E a gente precisa. Não tem lugar pra comer, não tem lugar pra dormir, a gente chega na cidade desconhecida não tem família. É o lugar que a gente procura e é bem recebido. Graças a Deus!*¹⁹

Vejamos que ele consegue captar a diferença entre o assistencialismo e a mendicância ao falar do albergue. Ele vê limpidamente que sem o albergue, ele estaria nas ruas e é por isso que ele o defende, pois no seu imediatismo ele sabe que é pior dormir nas ruas. Mas não se pode negar que o assistencialismo não resolve o problema da miséria e do desemprego na cidade e não consegue dar conta de abranger seus benefícios a todos os pobres de Uberlândia.

Após a constatação de que esses sujeitos não são mendigos no “conceito clássico”, é preciso refletir sobre as razões de sua existência muito antes de qualquer condenação ou defesa. De um lado, a visão cristã com o seu

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

discurso de caridade e de outro a visão que discrimina sumariamente. Possivelmente, existem razões externas e razões internas ao indivíduo que permitem a sua existência. Mas não são apenas as razões que os constroem, pois também existem sentimentos.

Dentre algumas razões externas pode ser destacado o desemprego, onde pode se considerar a robotização, a formação de um "exército de reserva de mão-de-obra" disponível juntamente com a "flexibilização do trabalho" como um dos fatores responsáveis. A contribuição do poder público que determina as políticas públicas de moradia, escola, assistência social, segurança pública que os afetam diretamente ou indiretamente, também a tentativa de torná-los invisíveis, além da deslegitimação dos movimentos sociais onde se apaga qualquer oportunidade reivindicatória de luta e de denúncia à exploração ou "exclusão" social.

Ao destacar algumas razões internas que mais são comuns na abordagem cotidiana da cidade podemos refletir sobre a questão familiar que leva em conta a estrutura, a religião, a moral e os costumes em comum. E também a falta de luta como sendo também um dos motores para a permanência desses indivíduos nessa situação, levando em conta os objetivos, a alienação, a despolitização e pouca organização dos pobres na cidade, além da sua concepção de mundo e o seu comodismo.

Ainda abordando as razões internas percebemos que as condições físicas que engloba saúde, alimentação e aparência também contribuem para a sua construção e conseqüente identificação desses sujeitos.

Não apenas as razões são importantes, também estão envolvidos os sentimentos que apesar de não parecerem relevantes são o motor para muitas ações. Podemos perceber os sentimentos através das suas narrativas. Estes sentimentos têm um significado para sua história à medida que se tornam comuns, pois identifica e envolve esses sujeitos transformando-se em aspectos coletivos. Podemos discutir sentimentos como preguiça, abordando Paul Lafargue, que é um dos principais sentimentos morais motivadores da crítica em relação aos indivíduos em questão.

Se considerarmos o que diz Alessandro Portelli quando discute as

questões referentes à história oral, poderemos concluir que a vergonha, a baixa auto-estima, a rejeição, a esperança e os sonhos podem compor a história dos sujeitos estudados desde que façam parte de uma “*subjetividade socialmente compartilhada*”, pois são sentimentos em comum e que podem ser identificados em suas falas.²⁰

Existem em Uberlândia, vários trabalhos que abordam a problemática da mendicância e a disciplinarização da pobreza. Alguns dos temas abordados são: como e por que o discurso do progresso é importante para a cidade; como a sociedade uberlandense trata os mendigos; como funcionam as práticas assistencialistas; o albergue noturno Ramatis; e como elas são recebidas pelos mendigos; a influência das religiões para a concepção moral do mendigo como o trabalho de caridade da religião espírita em Uberlândia. Trabalhos que mostram onde habitam, como vivem, quais as razões de se estabelecerem como mendigos; a relação dos mendigos com a sociedade, o mundo do trabalho e com a prática de mendicância. Há ainda discussões que leva em conta o discurso do progresso que é um dos principais motivos de migração das pessoas pobres que buscam melhores condições de vida.

Contudo, minha investigação traz alguns aspectos como a imagem do indigente enquanto construção que povoa o imaginário social em Uberlândia, as diferenças entre emprego e trabalho no mundo capitalista, o que representa e qual é a importância do trabalho na vida destes indivíduos levando em conta o desemprego estrutural na cidade de Uberlândia, além de tentar estabelecer uma discussão pelo foco desses indivíduos levando em conta as entrevistas orais.

Existe uma corrente de pensamento que se tornou famosa na época de Thomas Malthus, na Inglaterra, mas que ainda hoje tem seus fortes adeptos pelo mundo todo: a de que uma parte, talvez a maior, dos problemas da pobreza, é culpa dos próprios pobres, que não têm determinação e força de vontade para trabalhar.²¹

²⁰ PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos*. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Revista Tempo. Universidade Federal Fluminense. Vol. 1, nº. 2. Dez. Rio de Janeiro, 1996.

²¹ Thomas Robert Malthus nasceu na Inglaterra em 1766. Em 1798, escreveu e publicou sob anonimato o seu célebre livro: “Um Ensaio sobre o Princípio da População que Afetam o Melhoramento Futuro da

Para Malthus, a causa principal da pobreza era a grande velocidade com que as pessoas se multiplicavam, em contraste com a pouca velocidade em que crescia a produção de alimentos.²² O problema se resolveria facilmente se os pobres controlassem seus impulsos sexuais e deixassem de ter tantos filhos. Minorar sua miséria só agravaria o problema, porque, alimentados, eles se reproduziriam ainda mais. A melhor solução seria educá-los, para que aprendessem a se comportar; ou então deixá-los à própria sorte, para que a natureza se encarregasse de restabelecer o “equilíbrio natural das coisas”.

Uma outra versão desta associação entre pobreza e indignidade era dada pelo protestantismo, que via na riqueza material um sinal do reconhecimento, por Deus, das virtudes das pessoas, e na pobreza uma marca clara de sua condenação.²³

A visão malthusiana da pobreza se opunha ao valor da caridade, tão presente na tradição judaico-cristã e de outras religiões. Sendo que, na maior parte das sociedades, sempre se reconheceu a virtude de ajudar os pobres, ao mesmo tempo em que aceitava a inevitabilidade das diferenças sociais e da miséria humana. Essa visão da caridade procura selecionar quem, entre os necessitados, deve receber ajuda e de que maneira a caridade deveria ser administrada e a pobreza deveria ser “disciplinarizada”.

Percebemos que em Uberlândia, por volta de 1950, como afirma Maria Clara Tomaz Machado, começa a ser delineada uma “*disciplinarização da pobreza*” como “*mecanismos de controle mais sutis e, talvez, mais eficazes*” da miséria na cidade em que, nas palavras da mesma o “*exemplo da racionalização e do progresso*” era “*capaz de estabelecer projetos de controle*”.²⁴ Em que, o “*Estado Liberal, (...) usa o Estado (...) como um*

Sociedade”: com Observações sobre as Especulações do Senhor Godwin, Monsieur Condorcet e Outros Escritores, uma obra essencialmente polêmica, dirigida por autores de idéias oriundas da Revolução Francesa. Malthus era favorável ao protencionismo (tarifas sobre os cereais importados) e defensor dos proprietários de terras produtivas. Ainda segundo Malthus, a chave do desenvolvimento econômico residia no controle de natalidade. As previsões imperfeitas de Malthus geraram os pensamentos dos neomalthusianos. A explosão demográfica nos países subdesenvolvidos, acompanhado da escassez de alimentos e suas conseqüências catastróficas, provocaram uma tendência internacional do uso do planejamento familiar com distribuição gratuitas de pílulas anticoncepcionais, de preservativos etc..

²² MALTHUS, Thomas Robert. Princípios de Economia Política: **Ensaio sobre a População**. São Paulo: Ática, 1982, p. 66-99.

²³ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.

²⁴ MACHADO, Maria Clara T. Op. Cit., p. 2.

instrumento regulador da sociedade”, para “por em prática” a filantropia e nesta perspectiva, caberia “ao setor privado atender às demandas que lhe são formuladas em termos de direito ao trabalho e à assistência”.²⁵

Naquele momento, ainda era “permitida” a mendicância na cidade, mas, apenas daqueles indivíduos naturais de Uberlândia e que provassem ser realmente indigentes.²⁶ Sendo que, a Prefeitura concedia uma espécie de “identidade” que garantia àqueles indivíduos necessitados a possibilidade de esmolar. Com isso, podemos concluir que, apesar da disciplinarização, mendigar na cidade era “tolerável”.

Isso mudou com a política de “não dar esmolas” a partir de 2007, pois a partir daí os mendigos são retirados das ruas pela polícia e nem mesmo aos mendigos originais da cidade é permitida a prática de pedido. Esta questão é perceptível no *Jornal Correio de Uberlândia* na reportagem *Prefeitura dá continuidade à Campanha “Uberlândia Sem Esmola”*, edição de 13/06/2007.

Mais uma etapa da Campanha “Uberlândia sem Esmola” será realizada, pela Prefeitura de Uberlândia, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Trabalho, nos dias 13 e 14 de junho, com a ronda social que sairá, a partir das 13h, do 17º BPM. O objetivo da ronda é abordar a população desabrigada, a fim de oferecer encaminhamentos adequados, orientação social e concessão de passagem, caso seja necessário, mediante a identificação e cadastramento. O mendicante de Uberlândia e sua família também receberão orientação e o devido encaminhamento para os programas sociais do Município. A primeira fase da campanha consistiu no cadastramento geral das pessoas que praticavam a mendicância em diversos locais da cidade. A segunda fase contará com a instalação de outdoors pela cidade, além da distribuição de folhetos. Esse trabalho de educação visa conscientizar a população a não dar esmola aos pedintes e orientar aos que quiserem ajudar que procurem instituições idôneas para efetuarem sua doação.²⁷

Através dessa reportagem podemos perceber que a Prefeitura promove ações para retirar os mendigos das ruas e encaminhá-los para instituições

²⁵ Idem, p. 9-10.

²⁶ MACHADO, Maria Clara T. Op. Cit., p. 51.

²⁷ PREFEITURA dá continuidade à Campanha “Uberlândia Sem Esmola”. *Jornal Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 13/06/2007. Disponível em: <<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=13/06/2007>>.

assistenciais.

Neste íterim podemos notar que não seria possível abordar estes indivíduos nestes lugares que antes eram comuns. E sendo assim, as fontes orais que teriam que ser coletadas mudou o lugar de sua origem para a investigação da problemática em questão em que começaram a delinear outros caminhos de pesquisa sobre a mendicância nesta cidade.

Como se nota na mesma reportagem, existem vários “parceiros” unidos na tentativa de “erradicar” a mendicância na cidade. Mais adiante o *Jornal Correio de Uberlândia* anuncia a parceria do Núcleo de Apoio ao Migrante e a polícia militar.

*Está sendo sistematizada uma parceria de integração informatizada entre as Polícias Civil e Militar e o Núcleo de Apoio ao Migrante e Mendicante da Secretaria, com acesso ao Programa das Polícias Civil e Militar para identificação das pessoas abordadas pela ronda social, no intuito de realizar uma pesquisa sobre antecedentes criminais. O balanço parcial da campanha é extremamente positivo, pois mostra diminuição, em 50%, do número de pedintes nas principais ruas, praças e avenidas de Uberlândia. São parceiros da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Trabalho, nessa campanha, o Ministério Público, Polícias Militar e Civil, Conselhos Tutelares, Icasu, CDL, Aciub, Diocese de Uberlândia, Fundação Maçonica, Tribunal de Justiça e outras entidades não governamentais.*²⁸

Percebam que esta reportagem acusa uma rede de articulações entre a Prefeitura Municipal, a polícia civil e militar e entidades não governamentais. Cujas rede se completa na tentativa de esconder a miséria e a pobreza da cidade.

Por isso, não foi possível buscar esses indivíduos nos supostos espaços e pontos estratégicos para a mendicância na cidade de Uberlândia como, por

²⁸ O Núcleo de Apoio ao Migrante e Mendicante faz parte da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e se localiza no Terminal Rodoviário Castelo Branco sendo foi criado em 1981 durante a gestão do prefeito Virgílio Galassi. O Núcleo atua na cidade de forma a controlar as práticas de mendicância e suas ações consistem em liberação de passagens para pessoas que chegam à cidade sem trabalho e querem retomar à sua cidade. Também possui o trabalho de “ronda social” para retirar as pessoas da rua e “encaminhar” para instituições de assistência social, para isso ela conta com várias parcerias como a polícia militar, o comissariado do menor, comunidades terapêuticas, o Centro de Atenção Psicossocial a Álcool e Drogas – CAPSAD, o albergue Noturno Ramatis, para onde encaminha pessoas que não têm dinheiro para comer e pagar pensão até o momento de voltar para a sua cidade, etc.

exemplo, Igrejas, Praças, pontos de ônibus, dentre outros.²⁹ Pois em virtude da repressão policial e de políticas públicas e campanhas como *Uberlândia Sem Esmola* os mendigos tiveram que se adaptar e transformar sua velha prática de pedir nas Praças, calçadas e avenidas.

Obviamente, os mendigos que antes esmolavam ali não poderiam ter desaparecido. Então onde estariam? Seria esta, a pergunta mais adequada a se fazer neste momento para a realização da pesquisa. Foi quando comecei a me direcionar para a procura dos indivíduos em alguma instituição assistencial.

Contudo, um pouco antes, o *Jornal Correio de Uberlândia* já vinha apontando para estas campanhas que adiante veremos um pouco melhor com matérias que despertam a noção de “ação contra a mendicância” como aparece na reportagem: *Pedintes abandonam o hipercentro: Ação do Ministério Público iniciada no mês passado rende resultado*, edição de 28/03/2007.

Quem anda pelas principais ruas da região central e cruzamentos, como na Avenida Rondon Pacheco com a João Naves de Ávila, certamente já percebeu a ausência de pedintes. Isso se deve à ação desencadeada pelo Ministério Público, no mês passado, com a intenção de identificar e retirar os mendigos das vias públicas. Na tarde de ontem, nas praças Tubal Vilela, Sérgio Pacheco e Clarimundo Carneiro era possível encontrar apenas alguns andarilhos, aparentemente fazendo uso de bebida alcoólica. Mesmo sem emprego fixo ou renda, eles negaram que vivem de esmolas. Ivo Tassiano, 54 anos, morador do bairro Martins e velho conhecido das equipes de assistência social da Prefeitura, chegou a ser cadastrado há duas semanas, mas ontem estava novamente nas ruas. E garante: "eu volto sempre, porque é daqui que eu tiro meu dinheiro". Ivo nega que seja pedinte e o dinheiro que ganha nas ruas é, segundo ele, proveniente das gorjetas dadas pelos donos de veículos que ele vigia nas vagas de estacionamento público. O vendedor ambulante Argemiro Faria Nunes, 70 anos, que vende picolé na Praça Tubal Vilela, confirma a ausência de pedintes naquela região. Segundo ele, a presença mais constante é de andarilhos com aparência de estarem bêbados. E esta impressão não é difícil de constatar. No fim da tarde de ontem havia pelo menos quatro pessoas com este perfil em um único ponto da praça. Um deles não quis saber de conversa com a reportagem. Sem se identificar, disse que mora em uma chácara próximo a Uberlândia e vai para o Centro para beber e ficar conversando com as pessoas. Ele também negou que pede ajuda e que "é apenas um passeio" que faz pelas ruas. O trabalho de retirada dos pedintes coordenado pelo promotor Marco Aurélio visa identificá-los e

²⁹ SANTANA, Eliane Aparecida. *A margem da História: mendigos na cidade de Uberlândia nos anos 90*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia 2002.

*dar a eles condições de sobrevivência. Equipes de assistentes sociais recolhem os mendigos das ruas e fazem um cadastro que permite saber a origem de cada um. Quem mora na cidade é aconselhado a retornar para suas casas, quem vem de fora é orientado a voltar para a cidade de origem.*³⁰

Vejamos que nesta reportagem, o próprio jornal afirma que Ivo Tassiano, indivíduo entrevistado pelo jornalista, não se reconhece enquanto mendigo. Ele diz que ganha gorjetas vigiando carros nos estacionamentos. Entretanto, parece conveniente para o jornal apresentar a matéria de maneira desconfiada.

Dessa forma, ao tentar confirmar a hipótese inicial para o desenrolar da pesquisa, na realidade encontrei outro sujeito social transformado. Preocupada, eu me vi diante do que parecia um dilema: o meu tema mudou de direção ou eu mudei a direção do meu tema?

O diálogo com as fontes permitiu que o tema tivesse outra direção. O que fui buscar não foi encontrado da forma como eu queria ou imaginava. Na realidade teria que construir as fontes necessárias. Ao invés disso decidi analisar as fontes que eu havia em mãos, visto que, elas se mostraram ricas para uma abordagem curiosa e diferenciada sobre o assunto.

Neste ínterim percebo a necessidade de procurar estes indivíduos em lugares como albergues e o Núcleo de Apoio ao Migrante e Mendicante do Terminal Rodoviário Castelo Branco, lugares para onde estão sendo destinados, sendo possível encontrar um sujeito inesperado.

Percebi que o problema central da minha pesquisa não era a mendicância no seu termo (conceito) puro (daquele que mora na rua), daquela visão que foi construída de um indivíduo inconveniente, sujo, nauseabundo e morador de rua. Esse conceito estático desse sujeito transforma-o numa imagem daquele que sempre foi, é, e sempre será um vagabundo. Um sujeito fora do nosso entendimento. Então, busquei compreender como é construída essa imagem. Mas estava além de tudo isso, pois na sua complexidade

³⁰ GOMES, Muriel. Pedintes abandonam o hipercentro: Ação do Ministério Público iniciada no mês passado rende resultado, **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 28/03/2007. Disponível em: <<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=28/03/2007>>.

descobri um sujeito novo que tem uma história de construção.

Afinal, o Capitalismo promete um mundo para poucos e mesmo sua proposta de emprego e desenvolvimento não se concretiza para todos e cada vez para menos. E o desemprego estrutural decorrente das novas tecnologias de produção gerou uma miséria cada vez maior.

Não obstante, é falso concluir, a partir da existência do desemprego de massas que estejamos frente à extinção do trabalho assalariado, mas o que acontece é que o alto desemprego ocorre no marco de um crescimento numérico da população assalariada mundialmente.

Enquanto as estatísticas apontam aumento no emprego formal e na quantidade de estabelecimentos em Uberlândia em alguns setores é importante analisá-las levando em conta a proporção do aumento demográfico e a PEA (População Economicamente Ativa).³¹ Quando se analisa os dados sobre o número de estabelecimentos por número de empregados, ao longo de 1994-2005, verifica-se um aumento do número de estabelecimentos em 90,90%, com uma taxa média de crescimento anual de 5,54%.

Se compararmos a quantidade da população empregada nos dados estatísticos do CEPES/ IEUFU (Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia), pode-se perceber que a quantidade de postos de trabalho cresceu 62,09%.

Sendo assim, os dados são conclusivos no sentido de demonstrar a falsidade da desapareição do emprego.³² Porém, a questão é que apesar do alto índice de empregos crescentes, existe paralelamente, um aumento ainda maior de desempregados pobres, sendo que, esta pobreza é diferente daquela que conhecemos como mendicância. São indivíduos assegurados por uma política assistencialista.

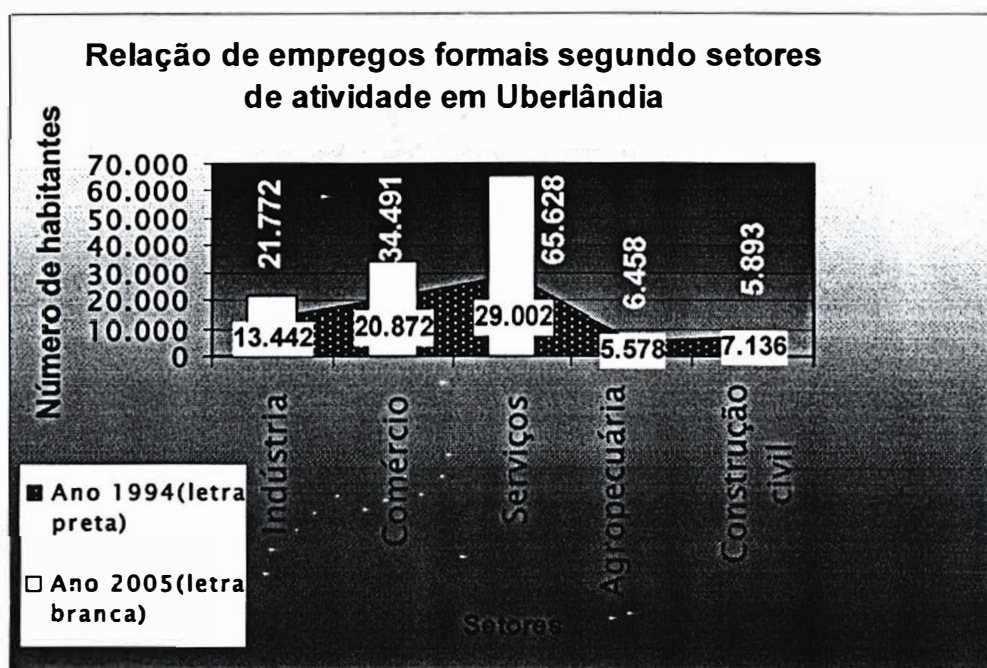
Segundo a pesquisa do CEPES/ IEUFU (Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia), no ano 2000 Uberlândia tinha 101.374 trabalhadores

³¹ A População Economicamente Ativa corresponde à pessoas com idade entre 15-64 anos.

³² Dados do CEPES – Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia.

formais, tendo como classificação de emprego formal a indústria, construção civil, comércio, serviços e agropecuária dentre outros. Sendo que a maior quantidade estava concentrada na área de serviços (46.953) e comércio (26.925).³³ Já em 2004 este número passou para 68.221 desempregados e 129.125 empregados.

Observa-se que o emprego formal no município cresceu, passando de 35,02% em 1994 a 48,89% (de 82.820 a 134.242 trabalhadores formais) com o aumento de postos de trabalho formal, como mostra o gráfico abaixo:



Fonte: Gráfico elaborado por mim baseado nos dados do CEPES/ IEUFU

Temos ainda que levar em conta que uma grande parcela da população não consta nos dados estatísticos. Em 2003 tinha sido registrado na cidade, uma quantidade de 554.897 habitantes e é significativo pensar que os sujeitos estudados neste trabalho não estão nestas estatísticas, pois elas levam em conta apenas os indivíduos que possuem residência fixa.

E ainda percebam que se verificarmos os dados do censo demográfico

³³ Levando em conta a População Economicamente Ativa.

do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2001 percebemos que os dados divergem daqueles apresentados pelo CEPES/ IEUFU (Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia). Pois, segundo dados deste centro de estudos, chegam a 503.565 habitantes residentes e já o IBGE registra da referida forma:

Código do Município	Município	População cedida	Homens residentes - 10 anos ou mais de idade - municípios vigentes em 2001	Mulheres residentes - 10 anos ou mais de idade - municípios vigentes em 2001	Total
70206	Uberlândia	-	202.177	214.204	416.381

Fonte: IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000 - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. NOTA: Informações de acordo com a Divisão Territorial vigente em 01.01.2001.

Portanto, quando se compara os empregos gerados no mercado de trabalho formal com a população total ocupada e a PEA (População Economicamente Ativa), verifica-se que, mesmo havendo um crescimento das ocupações formais (58.22% no período de 1990 a 2001), a quantidade de postos de trabalhos formais e informais ainda são insuficientes para atender essa população economicamente ativa. Ou seja, considerando que em 2001 no município de Uberlândia a PEA (População Economicamente Ativa) era de 229.668 pessoas e a População Não Economicamente Ativa (PNEA) de 118.833 sendo a taxa de desemprego de 12,42% e o total populacional de 503.565 segundo dados do CEPES/ IEUFU (Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia). Verifica-se, portanto, que apenas 56,6% do total da população economicamente ativa ocupavam postos de trabalho formal e 46,42% dos empregados no município atuavam no mercado de trabalho informal, evidenciando o lado precário do trabalho no Município.

A população economicamente ativa, ou simplesmente população ativa, compreende todas as pessoas com 15 anos ou mais de idade, que constituem a força de trabalho do país. Abrangem os empregados e empregadores, os trabalhadores autônomos, os trabalhadores que estão temporariamente desempregados etc.

Não obstante, para além de dados estatísticos é necessária a investigação dos sujeitos levando em conta que algumas pessoas estão fora delas. Visto que, as estatísticas apresentam os números, o que elas não mostram é se Leonardo Pereira que frequenta o Albergue Noturno Ramatis está nelas.³⁴

O desemprego estrutural é algo crônico. Falar de desemprego é como se tivéssemos esperança de tê-lo, tendo a situação de desempregado como algo provisório. Mas a esperança nas falas dos entrevistados entra em contradição com seu próprio discurso, onde a baixa auto-estima é percebida ao se falar da pouca escolaridade. Podemos perceber isto na fala de Roberto de Oliveira entrevistado por mim no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007.

(...) Bom, eu hoje futuramente eu estou morando no bairro Santa Mônica, consegui alugar uma casa lá, tenho um trabalho fixo, boa remuneração e já morei em vários outros lugares, já morei em Brasília, em Belo Horizonte, em Januária. Então, assim, eu tenho andado muito, assim, pra poder trabalhar fora, porque a cidade na onde eu sou nascido a dificuldade de emprego é muito grande e pra gente que não tem assim um estudo graduado, não tem assim uma profissão fixa não é fácil de conseguir emprego. Então por isso eu vim pra cá, tô aqui hoje, agradeço a toda população da cidade, o pessoal aqui do albergue, a direção do albergue por tá me ajudando, sabe? Por ter me acolhido aqui e conseguindo vencer as dificuldades do dia-dia.³⁵

Ao destacar esta entrevista distinguimos claramente a situação de Roberto daquela de um mendigo e ainda podemos perceber a baixa auto-estima ao dizer que não tem “estudo graduado”. Ele afirma que aluga uma casa no bairro Santa Mônica, tem trabalho fixo, mas mesmo assim precisa comer todos os dias no albergue. Talvez ele possa ser classificado como um

³⁴ Entrevista com Leonardo Pereira, 25 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Lavador de carros, serviços gerais e braçais desempregado.

³⁵ Entrevista com Roberto de Oliveira, 34 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Natural de Patos de Minas encontrava-se no albergue há dois meses.

empregado, “sem comida” e “sem móveis”.

Portanto, como então conceituar este indivíduo que depende da assistência social e dos albergues? Como um vagabundo? Ou um sem teto apenas? Seria muito simples encaixá-los nesses conceitos, pois é algo próximo da indigência, mas que não chega a ser mendicância.

Não se pode negar que é uma espécie de miséria por falta de emprego e moradia, mas certamente não corresponde ao perfil de mendigos no seu conceito “clássico”. É uma espécie de miséria existente em Uberlândia não correspondente ao perfil de mendigos, tampouco, ao perfil de trabalhadores. Apesar de serem trabalhadores provisórios, transitórios, voluntariamente ou involuntariamente. Veja na entrevista de Roberto como é instável a sua situação na cidade.

Liliane - Como é que você teve contato aqui com o albergue?

Roberto de Oliveira - Bom foi através de (...) praticamente uma necessidade financeira porque eu saí da minha cidade e desloquei até aqui na cidade de Uberlândia a procura de emprego e chegando aqui eu não tenho assim, não tinha conhecimento nenhum com ninguém aqui, não tenho parentesco e tal e saí à procura de emprego e vim parar aqui no albergue, né, porque eu não tinha lugar onde ficar, não tinha onde dormir, nem onde mesmo, nem mesmo me alimentar e vim procurar aqui o albergue porque eu conse (...) foi onde eu consegui ajuda em termos de alimentação e também pra poder dormir, né, não ficar na rua.

³⁶

Percebam que esta instabilidade levou Roberto a procurar o albergue. E mais adiante ele explica porque continua a freqüentá-lo. Assim, ele representa apenas um dos diferentes tipos de freqüentadores, porém a questão é que a maioria se apresenta como desempregado ou sem teto mesmo que provisoriamente.

A profissão que registram nas fichas do albergue não significa trabalho. Significa um ofício que se aprendeu que teve experiência e praticou por muito ou pouco tempo e talvez espere praticar novamente na disputa pela sobrevivência. Sendo estas as minhas observações durante o período que estive no albergue.

³⁶ Idem.

Vejam como Roberto justifica assim a sua ida ao albergue mesmo estando empregado:

*(...) porque a gente que trabalha, assim, mensalmente com salário, a gente fica assim com uma certa dificuldade porque eu como tem dois meses que eu tô aqui na cidade, tô começando agora me estabilizar, pago aluguel. Então, eu tô começando agora a arrumar minhas coisas. E as dificuldades que eu tô tendo em poder comprar as minhas coisas, ter as minhas coisas pessoal, minhas coisas de dentro de casa. Porque eu recebo 500 reais por mês, então eu pago aluguel, eu tenho, assim, despesa com alimentação e tem as coisas, móveis, coisas de utilidade que eu preciso encontrar, mas no momento não tá sendo fácil porque tem dois meses só que eu tô aqui, né?! Então, pra mim tá sendo difícil. Agora, assim, outras dificuldades que eu tenho, por exemplo, em termos, assim, de contato familiar, conhecimento com a sociedade, com a cidade, dificuldade em locomoção. Tudo isso pra mim tá sendo difícil. Mas eu sou uma pessoa que não desanimo de forma alguma, tenho paciência, sei esperar. E de vagar é que a gente chega longe, né, que eles falam. Então, espero que possa conseguir tudo aquilo que pretendo conseguir aqui na cidade de Uberlândia.*³⁷

Ele chega na cidade, não tem dinheiro e nem conhece ninguém. Vai para o albergue até conseguir trabalho e após a conquista deste, ele permanece acomodado até ver o que mais pode conseguir com a ajuda do assistencialismo. Por isso, ele acredita que precisa ainda do albergue até que consiga comprar seu próprio fogão e demais utensílios domésticos.

Ao ser questionado sobre o Poder Público percebe-se que ele espera uma espécie de paternalismo por parte do Estado e por isso percebemos uma contradição.³⁸ O grupo social em estudo é fruto de uma sociedade neoliberal, mas espera que o Estado tenha uma estrutura política intervencionista e ao mesmo tempo tenta legitimar sua dependência com relação aos albergues. Sendo que o mesmo Estado que doa recursos para a assistência social é aquele que faz a "limpeza" da cidade estabelecendo a participação do Estado na decadência disfarçada de caridade e políticas públicas.

³⁷ Idem.

³⁸ "Paralelamente à concretização do seu projeto desenvolvimentista junto ao Governo Federal, a administração pública, juntamente com o discurso produzido pela elite local e pela imprensa, vão projetar Uberlândia no cenário nacional como uma cidade ordeira e progressista, livre de problemas sociais". ANDRADE, Rosirlei Renata. Op. Cit., p. 14

Neste sentido, o neoliberalismo consegue o que quer oprimindo uma enorme quantidade de pessoas ao passo que pouquíssimas pessoas lucram com o seu crescimento. Observe a continuação da entrevista:

Liliane - E o quê que você acha dessas instituições assistenciais?

Roberto de Oliveira - Olha, em termos são boas, mas grande parte delas deixam a oferecer. Porque o que eu já vi, já procurei muitas outras instituições de ajuda, conheço pessoas que procuram ajuda e quando procuram não encontram. Mas por outro lado, assim, de uma certa forma é muito bom porque se não tivesse essas instituições de ajuda mútua também o que seria do povo o que seria das pessoas que necessitam de ajuda? Eu, por exemplo, eu já passei por instituições de ajuda mútua como, por exemplo, fazenda de recuperação devido ao uso de drogas e tal. E hoje eu tenho, assim, já um bom tempo que eu não consumo, não uso mais drogas sabe através da instituição por onde eu passei. E também através de ajuda da assistente social, né. O serviço social que me ajudou muito também. Agora essa instituição que a gente tá aqui agora que é o albergue. Essa instituição é uma instituição muito boa que ajuda muitas pessoas, sabe, que tá sempre disposta e de porta aberta pra receber quem quer que seja. Então o que eu posso dizer em relação a essas instituições é isso. Em termos são boas, mas muitas deixam a oferecer.³⁹

Quando Roberto anuncia que “algumas instituições deixam a oferecer” ele não está criticando o assistencialismo em si, mas o que significa em sua fala é que ele o defende, e ainda afirmando que algumas delas devem melhorar, pois não correspondem às suas expectativas. Inclusive acusa o Poder Público de não dar mais ajuda financeira como a seguir.

(...) Agora, pras pessoas que são trabalhadoras, as pessoas que já sofreram, são sofridas eu acho que o Poder Público teria que ter maior participação. Agora, em se tratando das instituições, O poder Público, assim no meu modo de pensar eles teriam que participar mais, de que forma? De forma financeira, de forma, assim, presencial, né?! Ter maior presença nas instituições pra ver as dificuldades que elas têm. E também pra poder assim ajudar também em termos de medicamentos, melhorar a alimentação e oferecer mais recursos, né, porque as instituições hoje precisam de muito recurso. O poder público infelizmente, infelizmente por dizer assim não ajudam nessas participações que necessitam as instituições.⁴⁰

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

Ainda justificando a necessidade de “ajuda de custos” que possuem estas instituições ele transfere qualquer responsabilidade que possa ter de lutar e mudar verdadeiramente a sua condição material.

Sendo assim, ao pensarmos a cidade enquanto construção podemos refletir sobre os sujeitos estudados tendo como eixo de discussão o *Jornal Correio de Uberlândia* onde podemos perceber a representação deste jornal na imagem sobre a miséria na cidade.⁴¹ Ele contribui para a construção e propagação dessa imagem pois pertence a um grupo que pensa e age nela e através de suas edições diárias, elege sujeitos importantes e sujeitos inconvenientes.⁴²

Esse grupo a que pertence o jornal tem um projeto de cidade e não age sozinho na construção dessa imagem. Olhem como a sua falsa imparcialidade deixa escapar interpretações tendenciosas. Numa reportagem televisiva da rede Globo no MGTV intitulada Operação para conhecer pedintes e punir aqueles que cometem crime continua em Uberlândia de 15/03/07.

O Ministério Público de Uberlândia vai avaliar as pessoas que pedem esmolas nas ruas. O objetivo é ajudar os que precisam e punir os que cometem crime de mendicância. Homens, mulheres e crianças foram abordados durante a operação que reuniu policiais militares, Conselho Tutelar, psicólogos, assistentes sociais e promotoria. Eles visitaram oito pontos de Uberlândia considerados mais críticos como o Mercado

⁴¹ Segundo conta, a História oficial do Jornal Correio de Uberlândia, foi o produtor rural Osório José Junqueira vindo de Ribeirão Preto que em 1938 o fundou. “José Osório vendeu o jornal na década de 1940 para um grupo de cotistas ligados à UDN -União Democrática Nacional -, entre eles: João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia. Em 1952, assume a direção do periódico Valdir Melgaço Barbosa, vereador e depois deputado estadual pela UDN e, mais tarde, Arena - Aliança Renovadora Nacional”. Finalmente em 1986 o grupo Algar, por meio da Sabe - Serviços de Informações assumiu o controle acionário do jornal e o mantém até os dias atuais (2003). Desde então o jornal passou por diversas transformações gráficas e editoriais e se firmou como o jornal de maior circulação no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Como um jornal local possibilitando ampla cobertura dos fatos e acontecimentos da cidade de Uberlândia. Nesta nova administração traz conteúdos segmentados nas áreas de agronegócio, turismo, veículos entre outros. Através dessas informações e de seu discurso, podemos perceber que o jornal claramente representa a opinião da elite comercial e agrária de Uberlândia. Assim sendo, não poderia apresentar nenhuma outra opinião a respeito dos mendigos que não seja a de afirmá-los como vagabundos e responsáveis pela violência na cidade. Esta história pode ser encontrada numa reportagem do *Jornal Correio de Uberlândia* intitulada: A História do Jornal contada por ele mesmo pode ser encontrada na reportagem “Fundador era bastante polêmico: José Osório Junqueira tinha fazendas e mais oito jornais”, *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 06/02/2000, Seção Cidade, p. A-8.

⁴² Pertence ao grupo ALGAR - A sigla forma as iniciais de Alexandrino Garcia que em 1954, ao se preparar para a aposentadoria aos 47 anos de idade, era o então presidente da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, e se tornou proprietário da CTBC (Companhia Telefônica do Brasil Central) empresa de telecomunicações.

Municipal e a Praça Tubal Vilela, no Centro da cidade. Os mais velhos eram conduzidos a um ônibus e os menores para uma van acompanhada por conselheiros tutelares. Ninguém escapou da abordagem. “Vamos fazer uma varredura na cidade cadastrando as pessoas”, frisou o promotor Marco Aurélio Nogueira. Na avenida João Pinheiro, a assistente social precisou conversar com um portador de deficiência que pedia esmola no semáforo. A vida e a família de cada pessoa vai ser investigada.”⁴³

“Avaliar” quer dizer criar regras que irão classificar os indivíduos que serão ou não permitidos a ajuda assistencial. “Abordá-los” significa taxá-los, coagi-los, espancá-los e obrigá-los a explicar as razões da sua miséria. ‘Conduzi-los a um ônibus’ com destino incerto significa não dar opção de permanência em um local público. Sem contar que ao ler a reportagem temos a impressão de estarmos vivendo uma “operação de guerra” no qual há várias estratégias que são utilizadas para inutilizar um “inimigo perigoso”. E mais adiante continuando a mesma reportagem.

A cada ponto visitado, o número de crianças surpreendeu os participantes da operação. De acordo com Zilma Garcia Ribeiro, conselheira tutelar, a metade dos que foram recolhidos têm família. “Então vamos dar advertência”, comentou ela. Uma das preocupações da Promotoria é a migração de mendigos de outras cidades para Uberlândia. Um dos homens abordados na operação relatou ter saído de Belo Horizonte para Araxá, no Triângulo Mineiro e, quando desceu do ônibus teria sido abordado por um funcionário da Prefeitura que pagou uma passagem para ele vir a Uberlândia. O caso vai ser apurado. Segundo o promotor, este não é o único identificado. Há a suspeita de que pelo menos três municípios façam isso. Entre os moradores e pedintes, há revolta pela falta de ajuda. Para o promotor Marco Aurélio Nogueira, esta não é uma forma de repressão, mas de cidadania. Quinze pessoas foram apreendidas. Treze são de outras cidades como Uberaba e Araguari. Elas foram ouvidas pela polícia e liberadas. Os menores foram encaminhados ao Conselho Tutelar.”⁴⁴

A imagem que representa a miséria para a sociedade burguesa e também o medo da vinda de mendigos de outras cidades também permite que

⁴³ OPERAÇÃO para conhecer pedintes e punir aqueles que cometem crime continua em Uberlândia. **MGTV/Megaminas.com**, Uberlândia - 15/03/2007, Disponível em: <<http://megaminas.globo.com/mgtv/>>.

⁴⁴ OPERAÇÃO para conhecer pedintes e punir aqueles que cometem crime continua em Uberlândia. **MGTV/Megaminas.com**, Uberlândia - 15/03/2007, Disponível em: <<http://megaminas.globo.com/mgtv/>>.

se desenvolvam estas ações em que são convidados a voltar para o lugar de onde vieram. Assim, essa "operação de guerra" desenvolvida atualmente pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais contra os mendigos de Uberlândia é respaldada pela "Campanha de Lei e Ordem" baseada na Lei das Contravenções Penais:

DECRETO - LEI Nº 3.688, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941

Lei das Contravenções Penais.

(Alterada por LEI Nº. 6.416/77, LEI Nº. 9.521/97, LEI Nº. 6.734/79, LEI Nº. 6.815/80, LEI Nº. 10.741/ 1º. 10. 2003 já inseridas no texto).

PARTE GERAL

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta:

Penas principais

Art. 5º - As penas principais são:

I - prisão simples;

II - multa.

Prisão simples

Art. 6º A pena de prisão simples deve ser cumprida, sem rigor penitenciário, em estabelecimento especial ou seção especial de prisão comum, em regime semi-aberto ou aberto. (Redação da LEI Nº. 6.416, DE 24 DE MAIO DE 1977).

§ 1º - O condenado à pena de prisão simples fica sempre separado dos condenados à pena de reclusão ou de detenção.

§ 2º - O trabalho é facultativo, se a pena aplicada não excede a 15 (quinze) dias.

*CAPÍTULO VII
DAS CONTRAVENÇÕES
RELATIVAS A POLÍCIA DE COSTUMES*

Mendicância

Art. 60 - Mendigar, por ociosidade ou cupidez:

Pena - prisão simples, de 15 (quinze) dias a 3 (três) meses.

Parágrafo único - Aumenta-se a pena de um sexto a um terço, se a contravenção é praticada:

a) de modo vexatório, ameaçador ou fraudulento;

b) mediante simulação de moléstia ou deformidade;

c) em companhia de alienado ou de menor de 18 (dezoito) anos.⁴⁵

Este Decreto-lei n.3.688, data de 3 de outubro de 1941 e foi editada sobre a égide da Constituição de 1937, durante o governo de Getúlio Vargas que alimentou uma ditadura cruel de caráter fascista que ficou conhecida por Estado Novo. Esta Constituição "concentrava o Poder Executivo e Legislativo nas mãos do Presidente da República, que legislava por via de decretos-leis que ele próprio depois aplicava, como órgão do Executivo".⁴⁶

Por isso, a "*Campanha de Lei e Ordem*" contra mendigos pode ser claramente caracterizada e como sendo uma inspiração num modelo jurídico-penal totalitário contraditoriamente em plena vigência da Constituição de 1988 a qual é considerada democrática. Sendo a mendicância tratada como "*flagrante falta de moralidade*".⁴⁷

Segundo dados do CEPES/ IEUFU (Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais da Universidade Federal de Uberlândia), dos imigrantes que chegaram a Uberlândia, 64,6% vieram em busca de emprego.⁴⁸ E um dos motivos é o acompanhamento de parentes, mostrando que 21,5% dos responsáveis pelas famílias mudaram para Uberlândia acompanhando outro parente que, certamente, também chegou em busca de emprego, educação e outros recursos que este município supostamente oferece.⁴⁹

E devido a isto, a prefeitura promove políticas de "prevenção" da mendicância que também tem a função de controlar a imigração para esta cidade. Não obstante, o que representa a prevenção da mendicância para a burguesia pode representar uma política totalitária para os mendigos. Vejamos o que diz o *Jornal Correio de Uberlândia* a respeito das campanhas realizadas.

⁴⁵ BRASIL, Lei n.º 3.688, de 3 de outubro de 1941, *Lei das Contravenções Penais*. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/contravencoespenais.htm>>.

⁴⁶ ALMEIDA, Tales Passos de. Mendicância contravencional: a gestão penal do medo. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 11, n. 1533, 12 set. 2007. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=10397>>.

⁴⁷ MACHADO, Maria Clara T. Op. Cit., p. 10.

⁴⁸ Dados do Painel de Informações Municipais - 2006 do CEPES/ IEUFU (Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais da Universidade Federal de Uberlândia).

⁴⁹ "Pode-se dizer que existem dois tipos de pedintes em Uberlândia, aqueles que são da cidade e pedem esmola por falta de emprego ou por terem condições precárias de sobrevivência, e os próprios migrantes vindos de outras localidades à procura de emprego". ANDRADE, Rosirlei Renata. Op. Cit., p. 33.

O prefeito de Uberlândia, Odelmo Leão, apresentou, na manhã desta sexta-feira, dia 23, a campanha de conscientização contra a mendicância em Uberlândia. A reunião aconteceu às 10h, na sala de reuniões do gabinete do prefeito, com a participação da secretária de Desenvolvimento Social, Habitação e Trabalho, Iracema Barbosa Marques, do promotor Marco Aurélio Nogueira, um dos coordenadores do movimento, e de representantes do Poder Judiciário, das Polícias Civil, Militar e Federal, além de outras autoridades e diretores de instituições assistenciais e religiosas. O lema da campanha é "Quem dá esmola não dá escola, não dá futuro e não dá emprego". A campanha será apoiada por outdoors, folhetos e ações localizadas em pontos estratégicos, onde se verifica maior concentração de pedintes. Segundo Odelmo Leão, a iniciativa tem por objetivo contribuir para que o cidadão perceba que a solução para o problema da mendicância depende também de sua própria ação. "Devemos ter consciência de que podemos transformar estas doações individuais em futuro para essas pessoas, se procurarmos as instituições certas para ajudar", disse o prefeito. Odelmo acrescentou ainda que o município possua instrumentos sociais para receber aqueles que realmente necessitam de ajuda. Segundo a secretária Iracema Marques, a campanha será colocada nas ruas com foco social, sem perder de vista as pessoas que pedem esmola porque realmente precisam. "A Prefeitura de Uberlândia já realiza trabalhos sociais junto a crianças, jovens e mesmo adultos que precisam de assistência, o que solicitamos agora é a conscientização da população para o fato de que dar esmola pode causar prejuízos sociais", afirma. A campanha deverá contar com o apoio do Ministério Público, Magistratura, Polícias Civil, Militar e Federal, Icasu e Prefeitura de Uberlândia, devendo ainda ser mobilizadas entidades de classe, clubes de serviço, instituições sociais e religiosas e outros órgãos representativos da sociedade civil organizada.⁵⁰

Entretanto, como já abordado em parágrafos anteriores, o assistencialismo também pode causar prejuízos sociais como o comodismo, dentre outros.

Através da literatura temos vestígios que apontam a mendicância como algo que está presente na História da maioria dos povos há muito tempo, "o processo histórico da marginalização social não remonta ao capitalismo; está

⁵⁰ O LEMA da campanha é "Quem dá esmola não dá escola, não dá futuro e não dá emprego", **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 23/02/2007. Disponível em: <<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=23/02/2007>>.

presente em outras formas de sociedades", porém, *"as relações sociais capitalistas"* acentuam este processo.⁵¹

Como dito anteriormente, esses miseráveis estão presentes no imaginário das pessoas de dois modos que se contrapõem de forma maniqueísta. O primeiro diz respeito a um pensamento mais comum e hegemônico, onde se afirma que eles fazem parte de um mundo de *"miséria, fome, privações, delinquência, marginalidade, dependência química, loucura, ociosidade, o vadio, o vagabundo, desordem moral, resíduo social"*.⁵² No segundo modo, baseado em uma assertiva cristã, eles *"sensibilizam a sociedade com a exposição de sua pobreza extrema, despertando sentimentos de solidariedade para com 'coitado', o 'desvalido'"*.⁵³

Ao pensarmos o primeiro modo, percebemos que ele se baseia em uma valorização do trabalho para o progresso da humanidade. Todavia, o intento dessa pesquisa não é apontar em direção a nenhuma dessas visões, mas sim analisar os modos de viver e serem tratados daqueles que "supostamente" não trabalham e são tidos indigentes pela cidade. Mesmo porque existe uma grande diferença entre trabalho e emprego.

Em suas falas, os sujeitos em questão fazem questão de se diferenciar de meros vagabundos, e podemos concluir que sua condição atual de "dependentes do assistencialismo" não ajuda a sair da situação em que se encontram. Como no caso de Jorge Moreira entrevistado do Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007.

(...) tem pessoas que fala que é "treixeiro", mas não é, fala que é "treixeiro", mas não é e não "trabáia".⁵⁴ Então, esse convívio aqui. Então esse o convívio aqui. Mora aqui, mas convive aqui e fica atrapalhando a pessoa que "trabáia". Por que eu sou mecânico de máquina pesada. E tenho condição de arrumar um serviço aí. Mas se falar que mora em albergue (...) o cara não arruma o serviço.⁵⁵ Não arruma. O cara tem

⁵¹ MACHADO, Maria Clara T. Op. Cit., p. 6.

⁵² SANTANA, Eliane Aparecida. Op. Cit., p. 29.

⁵³ Idem, p. 29.

⁵⁴ "Treixeiro" é uma gíria que significa um indivíduo que não é vagabundo, pois está em busca de trabalho, mesmo que ande de cidade em cidade. Informação esta concedida pelo Senhor Jorge Moreira.

⁵⁵ "Destaque-se, também, que o migrante vai perdendo sua cultura e ainda sofre humilhação. Para arrumar emprego o SINE (que é um órgão com a finalidade de recolocação profissional), é necessário ter um local fixo de residência, e estes migrantes não possuem e são obrigados a fornecerem o temporário no caso do albergue e são discriminados, marginalizados por isto". ANDRADE, Rosirlei Renata. Op. Cit., p. 3

que ter um endereço fixo. Tem que ter referência. Tem que ter referência. Por isso, que eu todo dia eu “tô” bebendo aqui, todo dia eu bebo é três garrafa de cachaça por dia (...) anda com os pé rachado. (risadas) Anda com os pé rachado.

Liliane – E o senhor se considera o quê então?

Jorge – Não, eu sou “treixeiro”. Eu ando atrás de serviço. Se eu não arrumei eu vou de cidade em cidade. Aí eu tenho que ficar no albergue para não ficar na rua.⁵⁶

Percebe-se que mesmo dentro da pobreza existe uma hierarquização. Jorge Moreira se considera moralmente superior porque é “treixeiro” e anda em busca de trabalho o que reflete as contradições dentro do albergue.

Alguns não trabalham e são mendigos e vagabundos e outros não trabalham e são ricos, nasceram em “berço de ouro”. Sendo que o contrário também é expressivo, pois existem pessoas que trabalham por toda a vida de “sol-a-sol” e não conseguem ter nem uma casa para se abrigar. Essa é uma diferença baseada na desigualdade dentro do Capitalismo que está presente em Uberlândia.

Assim, é importante entender a diferença entre os conceitos de trabalho e emprego nessa sociedade e sobre as relações que os sujeitos em questão desenvolvem com o mundo do trabalho. Conceitos que se apresentam nas falas deles, mostrando como se entendem e se vêem “através” desse mundo e não fora dele. É ao se colocarem como alguém à procura de trabalho, que eles mostram que se vêem “através” dele e isso demonstra a importância que essa ideologia do trabalho tem para a sociedade uberlandense. Sendo essa, a maneira que esses sujeitos vivem a cidade através do desemprego, da falta de moradia, da fome, da miséria e da desigualdade.

Entendemos que a lógica do Capital se concebe com a exploração de grandes camadas das classes trabalhadoras.⁵⁷ Com a Revolução Industrial essa lógica se estabelecia nas fábricas e indústrias e ainda hoje continua. Todavia, com o advento da “internacionalização das forças produtivas” e o

⁵⁶ Entrevista com Jorge Moreira, 46 anos, no Albergue Noturno Ramatis no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Supervisor e mecânico de máquinas pesadas. Baiano de Vitória da Conquista desempregado.

⁵⁷ MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

crescimento do setor financeiro essa exploração se ampliou e se diversificou. O desemprego, o subemprego também passou a representar dialeticamente a causa e consequência do capitalismo. Assim, podemos aderir ao conceito de Marx sobre o *exército industrial de reserva*.

Marx apresenta o conceito de exército industrial de reserva para se referir àqueles que não se encontram formalmente inscritos no mundo do trabalho burguês e que, cada vez mais pobres conseguem, pela sua situação de desemprego, manter o nível dos salários aquém das expectativas e necessidades do trabalhador; portanto, de acordo com os ditames da acumulação capitalista (...) proporciona ao Capital uma reserva inesgotável de força de trabalho disponível.⁵⁸

Nesse sentido, até o desemprego pode ser tão útil quanto o emprego para o capitalismo se levarmos em conta que o importante para ele é que as pessoas tenham emprego para sobreviverem e serem felizes, mas sim, que as pessoas tenham dinheiro para consumir o que ele produz.

Logo, tanto faz se mil pessoas têm dois mil reais para gastar ou se uma pessoa tem a mesma quantia. Por isso, é importante analisar os significados da indigência neste sistema, até que ponto esse tipo de miséria representa um incômodo para a sociedade capitalista. Sendo que a simples segregação e a disciplinarização dos miseráveis pode significar para os burgueses livrar os olhos dessa questão.

Na pré-história, a economia era predatória. Caçador e pescador, o homem era nômade e trabalhava para assegurar o seu próprio sustento. Com a agricultura, o homem tornou-se sedentário, e motivado para o sistema de escambo, e os mais fortes passaram a viver da força do trabalho alheio. Assim, a escravidão representa uma das raízes do desprezo pelo trabalho manual.

A Grécia Antiga desdenhava o trabalho que só era admitido aos escravos, os homens livres ocupavam o seu tempo com exercícios corporais, jogos, torneios e guerras. Os filósofos da Antigüidade ensinavam o desprezo

⁵⁸ MACHADO, Maria Clara T. Op. Cit., p. 6-7.

pelo trabalho e o tinham como uma degradação do homem livre e os poetas de então cantavam a preguiça como um presente de Deus.⁵⁹

Na Idade Média, ao longo da vigência do sistema feudal, os detentores do poder, os nobres e posteriormente os burgueses exploraram o trabalho dos camponeses.⁶⁰ Tal exploração foi mantida pelos burgueses da pós Revolução no sistema Capitalista.

A Revolução Industrial impôs transformações profundas na concepção do trabalho. Era comum aos trabalhadores terem jornadas diárias de trabalho de mais de 15 horas com mulheres e crianças em condições insalubres e desumanas. Progressivamente, o movimento sindical conquistou a limitação desta jornada e a ampliação do período de descanso nos finais de semana.

Dessa forma, a Revolução Industrial alterou a concepção do tempo destinado ao trabalho e particularmente tempo livre. O progresso técnico passou a exigir uma organização mais produtiva e trabalhadores mais eficientes e qualificados. Isto implicava em um período necessário para a recuperação de forças físicas. Contudo, tais conquistas, longe de serem acordadas gratuitamente, foram conquistadas com um alto preço à custa de lutas cruéis e muitas mortes.

O trabalho regular de carteira assinada foi regulamentado com o período de trabalho reduzido ao máximo de oito horas diárias e cinco dias por semana. Os trabalhadores passaram a ter direito a férias anuais remuneradas de trinta dias, com um acréscimo de um terço sobre o salário e décimo terceiro salário no Natal. Mas este ideal de trabalho está a cada dia se estirpando e o trabalho informal sem nenhum direito cresce.

Em nossos dias, a automatização e a informática introduzida nas fábricas, suprimiu muitos postos de trabalho nas indústrias, comércio, bancos, serviços públicos e privados, excluindo do mercado de trabalho um contingente significativo de trabalhadores, que pouco provavelmente encontrarão uma recolocação profissional. Paralelamente à exclusão dos

⁵⁹ LAFARGE, Paul. **O direito à preguiça**. Tradução de Teixeira Coelho, Introdução de Marilena Chauf. SP. Hucitec: Unesp, 2000, p. 114.

⁶⁰ Extraído do Manifesto Comunista de Karl Marx e F. Engels.

jovens, vem ocorrendo também a exclusão dos trabalhadores considerados "idosos" pelo capital, com idade próxima de 40 anos e que, uma vez excluídos do trabalho, dificilmente conseguem reingresso no mercado de trabalho.

Atualmente, vem ocorrendo uma redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado, herdeiro da era da indústria verticalizada de tipo taylorista e fordista.⁶¹ Esse proletariado vem diminuindo com a reestruturação produtiva do capital, dando lugar a formas mais desregulamentadas de trabalho, reduzindo fortemente o conjunto de trabalhadores estáveis que se estruturavam por meio de empregos formais. Flexibilização e desconcentração do espaço físico produtivo, introdução da máquina informatizada e precarização das condições de vida.

Com a inter-relação crescente entre mundo produtivo e setor de serviços, vale enfatizar que, em consequência dessas mutações, várias atividades no setor de serviços, anteriormente consideradas improdutivas, tornaram-se diretamente produtivas, subordinadas à lógica exclusiva da racionalidade econômica e da valorização do capital.

O mundo do trabalho atual tem recusado os trabalhadores herdeiros da "cultura fordista", fortemente especializados, que são substituídos pelo trabalhador "polivalente e multifuncional" da era toyotista. Além disso, a automatização e a alta tecnologia robótica substituem vários postos de trabalho criando o desemprego estrutural. E com o desmonte do *Estado de Bem-estar-social* e dos direitos sociais adquiridos ao longo das lutas sindicais, esses trabalhadores passam a se inserirem aos contingentes do chamado trabalho informal, aos desempregados, aos "trabalhos voluntários", etc. Acabam preenchendo, em alguma medida, as lacunas sociais que foram se abrindo. Visto que essas atividades cumprem uma função, ainda que limitadíssima de mecanismo minimizador do desemprego estrutural.

⁶¹ Na década de 70, após os choques do petróleo e a entrada de competidores japoneses no mercado automobilístico, o Fordismo e a Produção em massa entram em crise e começam gradativamente a serem substituídos pela Produção enxuta, modelo de produção baseado no Sistema Toyota de Produção. Em 2007 a Toyota torna-se a maior montadora de veículos do mundo e põe um ponto final no Fordismo.

Porém, quando são concebidas como um momento efetivo de transformação social, convertem-se, em nosso entendimento, em uma nova forma de mistificação, que imagina ser capaz de alterar o sistema de capital em sua lógica, processo este que, sabemos, é muito mais complexo. Desse modo, para se compreender a nova forma do trabalho e da classe trabalhadora hoje, é preciso partir de uma concepção ampliada de trabalho. Ela compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho, não se restringindo aos trabalhadores manuais diretos, incorporando também a totalidade do trabalho social.

Ela incorpora tanto o núcleo central do proletariado industrial, os trabalhadores produtivos que participam diretamente do processo de criação de mais-valia e da valorização do capital (que hoje, como vimos acima, transcende em muito a atividade industrial, dada a ampliação dos setores produtivos nos serviços) e abrange também os trabalhadores improdutivos, cujos trabalhos não criam diretamente mais-valia, uma vez que, são utilizados como serviço, seja para uso público, como os serviços públicos, seja para uso do capitalista. Podemos também acrescentar que os trabalhadores improdutivos vivenciam situações muito aproximadas com aquelas experimentadas pelo conjunto dos trabalhadores produtivos.

Existem hoje milhares de desempregados no mundo a arrastarem consigo o drama da miséria, fome, sofrimento e violência. Consequência: aumenta o trabalho informal, bem mais inseguro e sem quaisquer garantias e direitos.

Todos se questionam angustiados sobre o que fazer para gerar mais empregos. Talvez Lafargue tivesse razão: o que ele chamou de “vício do trabalho” levou o homem à desmesurada ambição do acúmulo vertiginoso, ao consumismo, ao individualismo, ao egoísmo e à concorrência desenfreada.

Não obstante, a solução para a humanidade certamente não será apenas a ampliação do período de lazer, mas, sobretudo o respeito à dignidade de todos os homens em toda sua dimensão humana.

Contudo, com a questão do desemprego estrutural, gerado pelos níveis crescentes de competitividade da economia internacional e pelos avanços da

tecnologia no século XXI, em plena era da globalização, a classe trabalhadora é mais fragmentada, mais heterogênea e ainda mais diversificada.⁶² E pode-se constatar, neste processo, uma perda significativa de direitos e de sentidos, em sintonia com o caráter destrutivo do capital.

Neste sentido, a indigência remete o estudo dentro do sistema capitalista, à ideologia do trabalho tendo que ser analisada junto com a questão do desemprego. Na concepção do sistema como ordem econômica, o indivíduo que não cumpre uma prática de trabalho assalariado, produtivo e legítimo, apresenta-se como “resíduo” sócio-econômico, é um “rebelde” face ao código moral da “classe dominante” que retifica o trabalho. É um desviante às normas do sistema. Todavia, a lógica do sistema capitalista de produção pressupõe a existência de um excedente de população que compõe o exército industrial de reserva.

Como já foi dito não existe pretensão de apresentar o fim do trabalho, mas ao contrário, mostrar como há um processo heterogêneo e complexo, quando se analisa o trabalho hoje. Nem todo trabalho produtivo é assalariado, e nem todo trabalho assalariado é produtivo.

A classe trabalhadora, portanto, é mais ampla que o proletariado industrial produtivo do século passado, embora este ainda se constitua em seu núcleo fundamental. Ela tem, portanto, uma conformação mais fragmentada, mais heterogênea, mais complexificada. Que somente pode ser apreendida se partirmos de uma noção ampliada de trabalho. E apresentar essa processualidade multiforme é muito diferente, como vimos, do que afirmar o fim do trabalho ou até mesmo o fim da classe trabalhadora.

Nessa fase de “mundialização do capital”, caracterizada pelo *desemprego estrutural*, pela redução e precarização das condições de trabalho. Dos serviços públicos cada vez mais privatizados, até o turismo, no qual o “tempo livre” é instigado a ser gasto no consumo dos shoppings, são enormes as evidências do *“domínio do capital na vida fora do trabalho”*.

⁶² BRAGA, Ruy. *A Restauração do Capital: um estudo sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Xamã, 1996.

Contraditoriamente, “*nossa época é, como dizem, o século do trabalho; na verdade, é o século da dor, da miséria e da corrupção*”.⁶³

Parte importante do “tempo livre” dos trabalhadores está crescentemente voltada para adquirir “empregabilidade”, palavra-fetiche que o capital usa para transferir aos trabalhadores as necessidades de sua qualificação, que anteriormente eram em grande parte realizadas pelo capital. E não poderia ser diferente em Uberlândia como no caso de Roberto:

*(...) quando eu cheguei, eu cheguei aqui como eu já disse antes no dia 29 de Dezembro por volta de 16h30min -17h00min horas da tarde. Aí eu cheguei, já fui direto andando na cidade procurando emprego, não tava conseguindo, aí eu passei aqui pela porta do albergue resolvi parar e pernoitar aqui no albergue, nesse dia. Quando foi no outro dia, que foi no dia 30 eu saí novamente à procura de emprego, andei o dia todo sem café da manhã, sem almoço. E quando foi por volta de 19h00min - 19h30min da noite eu consegui o emprego. Hoje eu tô empregado, mas mesmo depois que consegui o emprego eu ainda continuei vindo aqui no albergue, eu almoçava, eu jantava, eu dormia e fui tentando, procurado um local pra poder ficar, pra poder ter um endereço fixo e hoje eu tenho um endereço fixo aqui na cidade de Uberlândia. Mas, toda qualquer hora e qualquer dia que eu precisar de procurar o albergue eu venho procuro, sou muito bem recebido, sabe. E qualquer dificuldade que eu tiver em termos de alimentação eu venho procurar o albergue.*⁶⁴

Notamos que ele utiliza seu tempo livre para procurar trabalho. Assim como ele existem milhares que além que procurar trabalho utiliza seu tempo livre para se “qualificar”.

Na Europa, a Social Democracia suplantou, em quase toda parte, os antigos partidos comunistas, e os conflitos e negociações entre o capital e o trabalho redundaram na criação de uma nova ordem social que garantia uma convivência pacífica entre burgueses e proletários. Era o *Estado de bem-estar-social*. Esta nova forma de organização social, que “prometia” reunir o melhor dos mundos, reduzindo a pobreza sem afetar a riqueza dos burgueses e capitalistas, passou a ser aceita e copiada em outras partes, inclusive no Brasil permitindo leis que beneficiassem os pobres.

⁶³ LAFARGE, Paul, Op. Cit., p. 73.

⁶⁴ Entrevista com Roberto de Oliveira, 34 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Natural de Patos de Minas encontrava-se no albergue há dois meses.

Contudo, a visão liberal prevê que todos os indivíduos devem se manter sozinhos e a ajuda assistencial só corrompe o caráter. Ela é apenas tolerada à medida que é necessário esconder a pobreza extrema e por isso, como poderemos verificar, são criadas algumas leis que regulamentam a assistência social no Brasil. Como a Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS (Lei nº. 8.742, de 07/12 /1993) de 7 de dezembro de 1993 durante o governo de Itamar Franco.

Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS

(Lei nº. 8.742, de 07/12 /1993).

A assistência social ganha nova configuração quando é inserida na Constituição Federal de 1988, no capítulo da Seguridade Social juntamente com a Saúde e a Previdência Social.

A Lei Orgânica da Assistência Social – (LOAS) constitui-se numa grande conquista da sociedade e vem regulamentar a única área no âmbito da seguridade social que não havia se adequado às diretrizes estabelecidas pela Constituição de 1988. A bússola norteadora desta nova gestão e organização da Assistência Social é a descentralização político-administrativa de suas ações e serviços, acompanhada da participação popular na gestão, execução e controle destas ações.

Observam que a data da Lei é de 5 anos após a Constituição brasileira de 1988 e é apresentada no “âmbito da seguridade social” como uma “conquista da sociedade”, onde prevê a “participação popular na gestão, execução e controle” que o que move a Lei é a busca pela “descentralização político-administrativa” no que se refere à prática do assistencialismo.

Assim, também podemos observar em Uberlândia algumas Leis que “regulamentam” o assistencialismo com a justificativa de criar “benefícios” para ajudar a “erradicar” o problema da miséria na cidade que, aliadas às campanhas como “Esmola não dá futuro”, torna difícil a prática de mendicância.⁶⁵

Observem parte da Lei Orgânica da Assistência Social do Município de Uberlândia número 6480 de 28 de Dezembro de 1995 que dispõe sobre a organização e a política de assistência social no município.

⁶⁵ CARVALHO, Djalma. Esmola não dá futuro. **Portal Maltanet**, Maceió, 28/10/2007. Disponível em: <http://www.maltanet.com.br/colunas/djalma_carvalho.php?id=185>.

Capítulo I

Dos princípios, dos objetivos e das diretrizes da assistência social.

Art. 1º. A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que prevê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas.

Art. 2º. A assistência social rege-se pelos seguintes princípios:

I- Supremacia do atendimento às necessidades sociais sobre as exigências de rentabilidade econômica;

II- Universalização dos direitos sociais, a fim de tornar o destinatário da ação assistencial alcançável pelas demais políticas públicas;

III- Respeito à dignidade do cidadão, à sua autonomia e ao seu direito a benefícios e serviços de qualidade, bem como à convivência familiar e comunitária, vedando-se qualquer comprovação vexatória de necessidade;

IV- Igualdade de direitos no acesso ao atendimento, sem discriminação de qualquer natureza, garantindo-se equivalência às populações urbanas e rurais;

V- Divulgação ampla dos benefícios, serviços, programas e projetos assistenciais do Município, bem como dos recursos oferecidos por ele e dos critérios para a sua concessão.

Art. 3º. A assistência social tem por objetivos:

I – A proteção à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;

II – a proteção aos desvalidos e às famílias desprovidas de recursos;

III – proteção, encaminhamento e apoio a programas e projetos de atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social ou que pratiquem atos infracionais;

IV – o combate ao desemprego e à mendicância, promovendo a formação profissional e integração ao mercado de trabalho;

V - o amparo à criança e ao adolescente carente quanto à sua formação e profissionalização;

VI - a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência, a promoção de sua integração à vida comunitária, a inserção ao mercado de trabalho, bem como a priorização de geração de trabalho;

VII - prevenção, recuperação e reintegração do usuário de substâncias que causam dependência física e psíquica;

VII - a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família.⁶⁶

⁶⁶ Lei Orgânica da Assistência Social do Município de Uberlândia número 6480 de 28 de Dezembro de 1995 que dispõe sobre a organização e a política de assistência social no município.

Podemos sugerir que o Estado possui uma estreita relação com as instituições assistenciais e o aparelho repressor policial, e legitima as idéias e ações direcionadas à sociedade, principalmente aos mendigos, como indivíduos desviantes. Sendo assim, criam-se leis reguladoras que proíbem a mendicância.⁶⁷ Neste sentido Maria Clara Tomaz Machado define a *“assistência social como o lugar da prática política por onde esses mecanismos de poder, velados e sutis, conseguem penetrar no cotidiano das pessoas, disciplinarizando-as para o convívio social nos limites da ordem burguesa”*.⁶⁸

Em virtude dessas considerações é necessário lembrar o caráter capitalista do Estado burguês que não está interessado em promover o bem público, mas sim em manter a ordem capitalista vigente que se baseia na desigualdade. É importante identificar que este desenvolvimento e este progresso seria apenas para os burgueses.

É baseada nessas Leis reguladoras que a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Trabalho movem seus esforços para construir e manter uma Divisão de Projetos Especiais que englobam várias associações filantrópicas tais como veremos nos quadros a seguir.⁶⁹

Equipamentos Sociais Não Governamentais/2004⁷⁰

Equipamentos	Clientela	Qtd	Atd (m)
Unid. Orientação do Menor – UOMEN (Tibery, Luizote, Tubalina)	Criança/adolescente de 6 a 13 anos	03	250
CRIAV - Centro de atendimento à criança e adolescente vítimas de violência	Crianças e adolescentes vitimadas encaminhadas pelo Conselho Tutelar e Vara da Infância	1	404

⁶⁷ Como o referido decreto - Lei Nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 Lei das Contravenções Penais. (Alterada por LEI Nº. 6.416/77, Lei Nº. 9.521/97, Lei nº. 6.734/79, Lei nº. 6.815/80, Lei nº. 10.741/ 1º. 10. 2003 já inseridas no texto).

⁶⁸ MACHADO, Maria Clara T. Op. Cit., p. 2.

⁶⁹ Dados disponíveis no (BDI) Banco de Dados Integrados 2005 da SEDUR (Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano). Tendo o arquiteto Luiz Humberto de Almeida Finotti como Secretário, Daniela Resende Ribeiro Santos como Coordenadora de Planejamento Social e Administrada pelo Prefeito Odelmo Leão.

⁷⁰ BANCO de Dados Integrados 2005, Prefeitura de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/documentos/planejamento_urbano_e_meio_amb/bdi052.pdf>.

Casa Aberta	Crianças e adolescentes com vivência de rua e suas famílias	1	30
Centros de Bairro (Lagoinha e 1º de Maio)	Adolescentes e adultos	2	2.252
Centro de Fiação e Tecelagem	Adolescentes e adultos	1	36
Posto de Atendimento ao migrante	Migrantes, andarilhos e indigentes.	1	7806
CEAI – Centro Educacional de Assistência Integrada	Adultos a partir de 50 anos	2	23.137
POASF – Programa de Apoio e Orientação Sócio Familiar	Crianças e adolescentes em situação de risco	1	505
Casa Abrigo	Mulheres e seus filhos vítimas de violência doméstica	1	8

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

Atendimento a Crianças e Adolescentes em Regime de Abrigo
ICASU (Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia)
Lar de Amparo ao Menor Viva a Vida
Missão Criança e Esperança
Solar Casa Maria de Nazaré do Núcleo Servos Maria de Nazaré (e demais Centros Espíritas)

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

Atendimento a Adolescentes e Adultos com Dependência Química
Desafio Jovem Peniel de Uberlândia
Grupo Despertar
Grupo Salva Vidas I e II Adolescente

SER – Serviço Evangélico de Reabilitação I e II (Feminino)
--

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

Atendimento à Pessoa Idosa Em Regime de Asilar

Fundação de Ação Social Evangélica Adão Bomtempo (Idoso)
--

Grupo Espírita André Luis

Lar de Amparo e Promoção Humana – Idoso

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

Atendimento a Migrantes e pessoas em Tratamento de Saúde

Casa de Hospedagem Betesda

Grupo Ramatisiano Albergue Noturno Ramatiz
--

Núcleo de Atendimento ao Migrante e Mendicante (localizado no Terminal Rodoviário Castelo Branco)
--

Unidade Assistencial N. Sª da Abadia

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

Essas são apenas algumas das instituições filantrópicas ligadas à assistência social em Uberlândia que se completam abrangendo desde crianças, jovens, adultos até pessoas idosas.

A ajuda aos pobres na visão malthusiana, tinha primeiro, um critério de proximidade, a prioridade deveria ser dada aos parentes, vizinhos e concidadãos, e não aos desconhecidos, estranhos ou estrangeiros. Esta classificação, em si, não tinha um sentido moral, e podia refletir, simplesmente, uma visão realista sobre os recursos finitos disponíveis e as necessidades infinitas dos pobres. Mas sabemos que, na prática, as distinções entre "nós" e "os outros" costumam vir carregadas de preconceitos. A outra classificação distinguia claramente entre a pobreza involuntária - e por isto digna - dos órfãos, doentes e viúvas, da pobreza voluntária - e por isto indigna - das

peessoas saudáveis que não queriam trabalhar para se manter. A pobreza era entendida como uma condição natural das pessoas, que, em situações especiais, ficavam desvalidas, e merecedoras de amparo. A mendicância, por outro lado, era uma deformação de caráter, e por isto indigna de apoio e ajuda.

No segundo capítulo de seu trabalho, Santana fala sobre a assistência social institucionalizada e a visão da classe hegemônica que apresenta o mendigo como indivíduo desviante, como incapaz de produzir e contribuir para o progresso e o desenvolvimento da nação, representando um perigo social e quebrando a ordem estabelecida.⁷¹ No campo da ideologia essas noções são universalizadas fazendo parte do imaginário da população. Assim, podemos observar o papel desse imaginário com relação ao ideal de trabalho e a importância do trabalho para a sociedade uberlandense. Pois com essa visão que irão se desenvolver políticas públicas municipais voltadas para a assistência social.

Segundo o *Jornal Correio de Uberlândia* de 31/03/05, a Prefeitura Municipal de da cidade pretende construir uma Unidade que oferecerá atendimento médico e alimentação para quem vive nas ruas.

(...) no prazo de um ano, um centro de atendimento aos pedintes e indigentes que vivem nas ruas de Uberlândia. O projeto está em fase de elaboração na Secretaria de Desenvolvimento Social e depende de recursos extras, que devem ser captados na iniciativa privada ou por meio de financiamentos federal ou estadual. Em contrapartida, a Prefeitura disponibilizará a área e a equipe de funcionários. A intenção é que o centro seja um ponto de apoio para as pessoas que vivem nas ruas, onde devem ser disponibilizados serviços como alimentação, assistência médica e programas de recuperação para dependentes químicos. Feito o atendimento, o próximo passo será o encaminhamento do assistido à cidade de origem ou à casa da família, no caso dos residentes em Uberlândia. Na hipótese de a pessoa voltar para as ruas, o que é bastante comum, medidas mais drásticas serão tomadas. "Na rua ela não vai poder ficar, uma vez que terá espaço para se alimentar, fazer sua higiene pessoal e se reabilitar", afirma a secretaria municipal de Desenvolvimento Social, Marilene de Oliveira Quércia. Em fevereiro, o setor de Migração da Secretaria de Desenvolvimento Social abordou 41 pessoas, grande parte delas em cruzamentos de maior movimento da cidade e constatou que a maioria delas tem moradia fixa no Município e está na rua para pedir esmola. Outras são de municípios vizinhos e ficam poucos dias na cidade, após

⁷¹ SANTANA, Eliane Aparecida. *A margem da História: mendigos na cidade de Uberlândia nos anos 90*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia 2002.

juntar algum dinheiro. "A verdade é que a rua é lucrativa. Se não fossem as doações das pessoas, os pedintes não estariam sempre no mesmo local", destaca. A recomendação da secretaria é que em nenhuma hipótese seja dada ajuda financeira aos pedintes. "Faça a doação para uma instituição, afinal, ninguém sabe se aquela pessoa realmente precisa e o que fará com o dinheiro", complementa Marilene Quércia. Outra medida adotada pela Prefeitura no sentido de combater a permanência dos andarilhos na cidade é a concessão de passagens. No mês de fevereiro, 160 pessoas foram embarcadas pelo setor de Migração. Deste total, 82 já haviam solicitado o benefício antes, que só é concedido a uma mesma pessoa respeitando um intervalo mínimo de um ano.⁷²

Ao que parece a intenção dessas unidades é dar apoio aos indivíduos moradores de ruas. Todavia, se observarmos no caso do atendimento médico a unidade serviria para fazer o papel do SUS (Sistema Único de Saúde), Talvez, por ser este benefício concedido apenas aos moradores da cidade. Quem sabe entendam os idealizadores do projeto que os moradores de rua não têm direito ao SUS ou não são oriundos de Uberlândia.

Segundo dados estatísticos recolhidos em fevereiro de 2007 pela Secretaria de Desenvolvimento Social sobre o perfil dos moradores de rua da cidade, 52% têm residência em Uberlândia, 83% são do sexo masculino, 65% têm entre 19 e 38 anos, 68% são dependentes químicos, 41% já receberam passagens para retornar à cidade de origem, 9,7% das pessoas abordadas são crianças.⁷³

Já os dados do CEPES (Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais) apresentam uma proporção de indigentes na cidade é de uma estimativa de 10,67, mas de acordo com as fichas de triagem do albergue só ele atende em média 30 pessoas por dia com alimentação e dormitório.

Em Uberlândia existem mais algumas leis reguladoras tentam dificultar a permanência de indivíduos tidos como "inconvenientes" garantindo o controle sobre a exposição da miséria como o Código de Posturas. Há a abordagem com a política de não dar esmolas, mas sim dar o dinheiro às

⁷² PREFEITURA Municipal de Uberlândia quer criar centro para atender pedintes: Unidade oferecerá atendimento médico e alimentação para quem vive na rua, **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 31/03/2005. Disponível em: < <https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=31/03/2005>

⁷³ CONDIÇÕES Sócio-econômicas das famílias de Uberlândia, **Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômicos-Sociais**, Novembro de 2001, Disponível em: <<http://www.ie.ufu.br/cepes/tabelas/Pesquisas/Condi%C3%A7%C3%B5es%20S%C3%B3cio-econ%C3%B4micas%20das%20Fam%C3%ADlias%20de%20Uberl%C3%A2ndia.pdf>

instituições de caridade, sendo essa uma das estratégias para controlar a prática de mendicância e a proliferação de mendigos em Uberlândia. Porém, sabemos que ao tratar das políticas de controle da proliferação desses mendigos há a necessidade de fazer refletir sobre o desemprego. Entretanto, *“Através da legislação, institui-se um sistema de normas e regras que ditam para a sociedade, o comportamento ideal que esta deve seguir e manter”*.⁷⁴ A Lei número 4.744 de 05 de Julho de 1988 institui o Código Municipal de Posturas de Uberlândia:

Título I

Capítulo único

Disposições Preliminares

Art. 1º. Este Código contém medidas de polícia administrativa de competência do Município em matéria de higiene pública, costumes locais, bem como funcionamento dos estabelecimentos industriais, comerciais e prestadores de serviço, estatuidos as necessárias relações entre poder público local e munícipes, visando disciplinar o exercício dos direitos individuais para o bem estar geral.

Art. 4º. Para preservar a estética e a higiene pública fica terminantemente proibido:

I - Lavar roupas e animais em logradouros públicos ou banhar-se em chafarizes, fontes, tanques ou torneiras públicas, salvo em casos liberados pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos;

Capítulo V

Art. 128. É proibida a permanência de animais nas vias e logradouros públicos na área urbana.

Parágrafo único. Excetuam-se desse artigo os animais que, atrelados à carroças, executam pequenos serviços de transporte na área urbana.

Art. 129. Os animais encontrados nas ruas, praças, estradas e caminhos públicos serão recolhidos ao depósito da Municipalidade, tendo o responsável o prazo máximo de 7 (sete) dias para resgatá-lo, mediante pagamento de multa e das taxas devidas. (redação dada pela Lei nº. 7.058 de 30 de dezembro de 1997)

*§ 1º. Durante o período de sete dias o Município é responsável pela integridade do animal e sua perfeita conservação.*⁷⁵

⁷⁴ SANTANA, Eliane Aparecida. *A margem da História: mendigos na cidade de Uberlândia nos anos 90*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia 2002, p. 60.

⁷⁵ Lei n.º 4.744 de 05 de Julho de 1988 institui o Código Municipal de Posturas de Uberlândia.

Neste Código de Posturas os mendigos não são mencionados explicitamente, mas podemos interpretar nas entrelinhas que eles não são bem quistos se aliarmos a leitura do Código às demais Leis antes estudadas. Todavia, ao falar sobre a preservação da higiene e da estética local este Código de Posturas estabelece os princípios higienizadores na cidade. E segundo esses princípios, os mendigos podem ser incluídos dentro da “*concepção de sujos*”, visto que muitos não conseguem espaço ou condições para a sua higiene pessoal e ainda se vêem impedidos de ter acesso a tal necessidade básica “*na tentativa de preservar o espírito liberal da sociedade burguesa, o saber médico-higienista analisa e prescreve as ações relativas à higiene pública e privada*”.⁷⁶

Talvez por não serem vistos como força útil para a sociedade porque não produzem, não são considerados como cidadãos e, portanto, não têm os mesmos direitos civis e políticos do cidadão, pois os seus únicos direitos são o de ter acesso às instituições assistenciais ou para esmolar. “*Ele é quase sempre o indivíduo suspeito de roubo e/ou delitos mais graves dos quais a polícia deve proteger a sociedade*”.⁷⁷ Ele é uma das razões da polícia existir. E também, eles não são indivíduos revolucionários, exatamente porque sobrevivem dos restos dessa sociedade. O discurso de fazer caridade para os pobres é uma medida paliativa que não soluciona o problema da miséria nem a “*sua verdadeira procedência*”.

Além de fazer uma crítica ao caráter repressivo da polícia em relação aos mendigos Santana também critica as instituições assistenciais que deveriam ser entidades de amparo social. Entretanto, na prática, ela identifica falta de interesse em solucionar este problema e suas ações são direcionadas a uma ausência de ajuda efetiva. E para receber auxílio de assistência social, eles têm que se enquadrar nas regras e normas dessa instituição. Dessa maneira, o assistencialismo, longe de solucionar o problema da miséria do mendigo e em conjunto com a repressão policial, proporciona ainda mais as péssimas condições de vida dos miseráveis em Uberlândia.

⁷⁶ MACHADO, Maria Clara T. Op. Cit., p. 10.

⁷⁷ SANTANA, Eliane Aparecida. Op. Cit., p. 71.

Existe um consenso de que o indigente representa um incômodo, um entrave e uma patologia urbana. E a forma com que as pessoas procuram aponta-lo mendigo como uma pessoa inserida dentro de uma característica que identifica um determinado grupo. Portanto, um conjunto de estigmas que fazem parte dessas características, hábitos e imagens que podem representar os mendigos.

Seria impossível realizar uma pesquisa de cada pessoa em particular, contudo, é muito válido *"sem deixar de considerarmos também o coletivo, apresentarmos dentro das possibilidades, a consciência dos indivíduos que estudamos"*.⁷⁸

Quanto às perspectivas dos mendigos saírem da rua, é necessária a avaliação se eles querem mesmo sair da rua. Estar na rua pode ter se constituído num modo de vida diferente, como a vida coletiva que eles têm o tipo de relacionamento entre si e como eles se reconhecem e se conhecem uns aos outros. É claro que, o fato de estarem convivendo com a miséria não é agradável. Veja o que afirma Eliane Aparecida Santana.

"(...) percebemos em suas indagações que a imagem que os mendigos têm de si mesmo é permeada daquilo que eles querem ser, ou seja, um indivíduo que, apesar de estar nessas condições, ainda mantém os valores sociais de antes de caírem na rua; daí a esperança de ainda estarem retornando para seus lares, conseguir trabalho e sair da condição de mendigos".⁷⁹

Reparem que Santana trabalha com o conceito de mendigo quando se refere aos mesmos indivíduos da minha problemática. Visto que, ela também realizou a pesquisa no albergue além das casas espíritas (às quais não focalizo).

Observe uma reportagem datada do ano de 2000 a respeito da concepção do *Jornal Correio de Uberlândia* sobre os andarilhos e mendigos.

⁷⁸ Idem, p. 80.

⁷⁹ Idem, p. 83.

O crescente índice de violência e de andarilhos na cidade já está causando pavor a muitos uberlandenses, principalmente os que residem em uma parte do bairro Brasil (Rua Max Nordau com a Avenida Rondon Pacheco), perto de um grande terreno baldio. O medo é tanto que um comerciante resolveu colocar grade em torno de toda a sua casa. Osvaldo Ferreira de Moraes, dono de um pequeno comércio, passou a atender seus clientes através dessa grade. Ele disse que já foi assaltado uma vez e sofreu outras duas tentativas, o comerciante se diz revoltado com o fato de precisar preso para trabalhar, enquanto os marginais correm livres pela rua. Próxima ao prédio abandonado também existe um terreno vago, área reservada da Secretaria de Trânsito e Transportes que é constantemente invadida por andarilhos e marginais. A dona de casa Ironete Ferreira Silva diz que não se arrisca mais a sair na rua depois que presenciou um tiroteio, ocorrido há poucos dias, no quarteirão em que reside. Comerciantes das imediações foram vítimas recentes de assaltos em seus estabelecimentos comerciais. João Marques Oliveira, dono de um armazém em frente à Praça Hermínia Zoccolli, foi assaltado à mão armada há dez dias. Segundo ele, o bairro está cada vez mais violento e o patrulhamento não tem sido suficiente para intimidar os bandidos e o crescente número de andarilhos. Consta que o terreno baldio, ao lado das residências é uma área reservada da Secretaria de Trânsito e Transportes (Settran). A reportagem procurou a secretaria por dois dias, mas não obteve retorno para falar sobre o assunto.⁸⁰

Reparem que o medo dos “mendigos” é tanto que um comerciante coloca grades de ferro para proteger sua propriedade privada. Esse tipo de medo é “naturalizado” pela mídia. Sendo assim, mesmo que ele não leia diretamente o *Jornal Correio de Uberlândia*, certamente o medo já está inculcado pelos comerciantes que lêem e propagam esta noção sobre os mendigos.

É também interessante observar que bem ao lado dessa reportagem, está outra que fala sobre a “invasão” dos sem-teto a um prédio público onde faz questão de mencionar as bebidas que os mendigos utilizaram constituindo quase o foco principal da matéria no sentido de mostrá-los como bêbados e desocupados. Assim, podemos observar a tentativa de deslegitimar suas ações de luta e mobilização.

⁸⁰ ANDARILHOS tiram o sossego de moradores, *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 12/03/2000, Seção Cidade, p. B-1.

*Apesar de os andarilhos não permitirem a entrada da equipe de reportagem do Correio na casa, foi possível constatar a ocorrência de agressões e consumo de bebida alcoólica entre o grupo. Também ficou claro que as condições de higiene e limpeza do local são impróprias para as pessoas. Não foi possível levantar o número atual de moradores do local. Segundo Reginaldo Silva Alves, que está ali à três anos, um dos ocupantes da casa, a maioria é sem-teto. Ele disse que existem seis ou sete pessoas no local. Os outros já teriam se mudado a pedido da polícia e da Prefeitura, muitos até retomaram às suas cidades de origem. Na sua opinião, essas pessoas na verdade estão fazendo um favor para a Prefeitura impedindo que vândalos roubem cercas, portas, janelas e telhas.*⁸¹

Estar bêbado pode até desmoralizar um indivíduo em nossa sociedade, mas afirmar que ele está na condição de miséria por culpa do seu vício é hipocrisia.

O discurso da “ordem” tenta utilizar classificações da mendicância para tentar convencer de que sua imagem para uma cidade é negativa num sentido pejorativo sem a preocupação de apontar as causas da miséria.⁸² Assim, o jornal se compromete com uma visão que tenta fugir de um problema social e demonstra o seu ponto de vista quando não se compromete com a solução para este problema da desigualdade, mas sim com a preocupação da burguesia e fazendeiros em mantê-los longe. Em mais uma série de reportagens do *Jornal Correio de Uberlândia* podemos observar o discurso daqueles que estão preocupados com essa “disciplinarização”. Veja como as reportagens têm títulos bem sugestivos do que este jornal reproduz no imaginário social: *"Comerciantes e mendigos disputam atenção de fiéis", "Mendigos não conseguem tanto dinheiro quanto esperavam", "O fim da esmola, Medida Provisória já cadastrou 10 na operação pedinte: Nos próximos dias deve ser iniciada campanha publicitária alertando a comunidade", "Prefeitura promete ações preventivas nas ruas Andarilhos incomodam a comunidade: Grupo que se instalou em lote próximo a viaduto causa insegurança"*. No entanto, algumas reportagens podem tratar dos mendigos de forma tolerável se for levado em conta o discurso baseado na assertiva cristã já

⁸¹ Idem, p. B-1.

⁸² Como já foi mencionada uma pequena parte da história do *Jornal Correio de Uberlândia*, podemos compreender que eles estão preocupados apenas em manter seus interesses e não em acabar com a miséria na cidade.

abordada antes neste trabalho como exemplo do dia 16/08/04 Mendigos não conseguem tanto dinheiro quanto esperavam.

*Enquanto muitos vão à igreja de Romaria pagar promessas e pedir bênçãos à Nossa Senhora da Abadia, outros vêem no local um ambiente propício para conseguir esmolas. Corações exaltados pela fé são mais misericordiosos, afirmam os mendigos, cada um com uma maneira de expressar. Valéria dos Santos, desempregada, veio de ônibus de Belo Horizonte, seguindo o caminho da avó, que há muitos anos é pedinte na festa de Romaria. Durante 10 dias, se expõe ao frio e ao sol, com um filho de cinco anos de idade, ela disse ontem que havia conseguido somente o dinheiro da passagem de volta. Ao lado, Maria de Lourdes, 59 anos, também de Belo Horizonte, contou que há seis anos se desloca para Romaria em busca de ajuda.*⁸³

Nesta reportagem o Jornal mostra exemplo de uma corrente cristã que defende o mendigo. Claro que ao mencionar a fé e a Igreja o jornalista sente-se convenientemente inspirado a falar sobre os corações misericordiosos dos romeiros que ajudam os pedintes.

Já em uma reportagem do *Jornal Correio de Uberlândia* Pedintes começam a ser retirados das ruas, do Ministério Público de 19/02/2007 podemos perceber nitidamente o interesse do jornal e do Ministério Público em lançar na cidade, a necessidade de retirar os mendigos das ruas sem se preocupar com o fim que os mesmos terão e por isso, sem uma preocupação social.⁸⁴ Seria importante que o jornal tivesse essa preocupação, todavia não se pode cobrar isso deles por saber que eles representam o interesse da elite agrária e comercial da cidade.

Quem for recolhido será cadastrado e levado de volta para casa ou abrigo. Marco Aurélio Nogueira pede que a população não dê esmolas. O Ministério Público inicia hoje uma operação para retirar das ruas de Uberlândia os pedintes que ficam nos principais cruzamentos de ruas e avenidas. A intenção é fazer um cadastro destas pessoas, identificando-

⁸³ MENDIGOS não conseguem tanto dinheiro quanto esperavam, *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 16/08/2000.

⁸⁴ PEDINTES começam a ser retirados das ruas, do Ministério Público. *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 19/02/2007. Disponível em: <
<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=19/02/2007>>.

as e dando-lhes condições para que retornem às suas famílias .⁸⁵

De acordo com a visão imposta pelo Jornal e demais idealizadores da operação a volta para o seio familiar resolveria os problemas sociais do indivíduo, mas isso não é verdade.

Quinze pessoas vindas de várias partes do País vivem em condições precárias em meio ao lixo e móveis velhos próximo à Praça João Jorge Cury e dependem de doações da população para sobreviver. Há pelo menos um ano, os uberlandenses que moram nas proximidades da Praça João Jorge Cury, na Avenida Cesário Crosara, no bairro Roosevelt, convivem com alguns vizinhos indesejados. Um grupo de moradores de rua, inclusive com crianças e adolescentes, se instalou definitivamente num terreno baldio ao lado do viaduto Elias Simão. Debaixo das árvores, em meio ao lixo, móveis velhos e dois barracos de lonas, cerca de 15 pessoas vivem em condições precárias e sobrevivem de doações. Os membros do grupo não são da mesma família. Alguns vieram de Brasília, Pirapora (MG) e outros saíram do Mato Grosso. Chegaram a Uberlândia em busca de melhores condições de vida, emprego e até de tratamento de saúde. Entretanto, eles não aceitam ajuda das assistentes sociais enviadas pela Prefeitura e se recusam a deixar a moradia improvisada. "Já fizemos algumas abordagens no local para identificarmos as pessoas. Tentamos encaminhá-los para o albergue, mas eles foram resistentes. Enquanto não conseguimos, vamos continuar trabalhando nessa sensibilização", explicou Edna Márcia Oliveira Assunção, responsável pela Diretoria Assistencial do Município. Uma constatação é que a caridade humana é o fator que mais atrapalha o trabalho desenvolvido pela Prefeitura. Isso porque as doações alimentam os vícios dos adultos e até das crianças. "Eles trocam os alimentos por bebidas e drogas. Não podem ganhar cesta básica de jeito nenhum", denuncia o gesseiro Geraldo Alvim Rezende, que mora em frente ao terreno há cinco anos. A dona de casa Maria Divina Ferreira, que também reside na região, conta que já presenciou cenas chocantes. "Fico com o coração cortado. As crianças chegam aqui no portão cheirando uma vasilha. Não sei o que elas cheiram. Mas, às vezes, nem conseguem ficar em pé de tão tontas que estão", disse. A situação dos desabrigados incomoda os moradores e comerciantes da redondeza. Todos se sentem acuados e inseguros por causa das atitudes duvidosas e das condições precárias do grupo. "Tenho medo de ficar aqui. Vivemos constantemente sob a ameaça de furtos. Eles sempre vêm aqui pedir dinheiro, ferro-velho para vender e até tinner para cheirar. Nunca dou nada", conta o mecânico Humberto Gonzaga Arantes. "Ontem, por exemplo, eles bateram na minha porta às 20h30

⁸⁵ Idem.

*para pedir comida e eu não quis abrir porque estava sozinha e já estava tarde. Eles ficaram lá de fora me xingando e reclamando", complementou Maria Divina Ferreira.*⁸⁶

Assim, a Prefeitura de Uberlândia também contribui para esta disciplinarização quando propõe ações preventivas nas ruas para proibir as esmolas tais como a ronda social do Setor de Migração aliado à Polícia Militar dentre outras. E vejam que o *Jornal Correio de Uberlândia* não compactuando com o discurso da prefeitura de que não é possível mandá-los embora por eles terem o "direito de ir e vir" parece exigir que eles sejam varridos do bairro Roosevelt.

*A região onde os moradores de rua estão instalados é considerada problemática justamente pela localização geográfica do Roosevelt e da proximidade com a Rodoviária. No entanto, mesmo com todos os incômodos gerados pelos mendigos, a Prefeitura não pode obrigá-los a voltar para as cidades de origem. "Existe uma lei maior que diz que todo cidadão tem o direito de ir e vir. É muito difícil essa situação. Mas, isso não é comum em Uberlândia, porque geralmente as pessoas aceitam nossa ajuda", explicou a secretária de Desenvolvimento Social, Iracema Barbosa Marques. Casos como este do grupo que vive no bairro Roosevelt são conhecidos por meio da ronda social que é feita diariamente pelas assistentes sociais da Prefeitura. Segundo a responsável pela pasta, as ações foram intensificadas na periferia do Município, mas a região central continua apresentando os maiores problemas. "As denúncias mais frequentes são de pedintes de esmola e vendedores de semáforo. Infelizmente, a partir de agora, até janeiro, a situação deve piorar. Estamos chegando na época do Natal, quando a população tradicionalmente se torna mais caridosa. Vamos começar com algumas ações preventivas para coibir a presença de pessoas nas ruas", afirmou, ressaltando que as denúncias podem ser feitas pelo telefone 3239-2544.*⁸⁷

Neste discurso se oculta também a concepção de sanitarismo e "limpeza" como boa imagem da "cidade progresso".⁸⁸ Walter Fraga Filho fez

⁸⁶ ANDARILHOS incomodam a comunidade: Grupo que se instalou em lote próximo a viaduto causa insegurança. *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 25/10/2006. Disponível em: <<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=25/10/2006>>.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ "Ainda que se questione até que ponto o poder público pode usar as instituições filantrópicas como

uma abordagem sobre os mendigos na cidade da Bahia do século XIX, intitulada, *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*, ele conta que logo após a Independência do Brasil e a instauração da República, a Bahia continha um grande número de pobres libertos, negros e mestiços.⁸⁹ Sendo que, o discurso modernizador e higienizador pretendia confinar todos aqueles que não se enquadravam, sendo eles os mendigos, andarilhos pobres e libertos, na nova ordem que estava surgindo. As autoridades médicas saíram em defesa da internação desses miseráveis em asilos e as autoridades policiais tentavam justificar a discriminação com o discurso de que eles eram vadios.

E a visão da caridade baseada na tradição cristã permeava a repressão à mendicância e essa repressão escondia, na verdade, a vontade das elites em controlar as "camadas livres" da população que estavam aumentando no seio de uma sociedade escravocrata recém abolida. Era necessário fazer o discurso da vadiagem para forçar os libertos a se inserirem na nova economia que surgia. Os policiais saíram às ruas para coibir aqueles que "subvertiam a ordem pública". Foi assim que a fundação do asilo de Mendicidade na Bahia se constituiu um importante meio para o isolamento dos pobres dos centros urbanos. Contudo, a pobreza na rua era bem maior do que a fundação poderia suportar. Tentavam interná-los em colônias agrícolas e arsenais militares, mas principalmente os jovens resistiam.

Ao se perceber a passagem do século, é interessante pensar a ruptura do pensamento colonial que, logicamente, não se deu de uma hora para outra. A escravidão representava uma forma diferenciada de trabalho no qual se acreditava que era inadmissível que o outro pudesse escolher o tipo de trabalho que queria prestar na sociedade. Todas essas mudanças e rupturas me levam a acreditar que a imagem que se forja da indigência é construída a partir do referencial trabalho-não trabalho.

instrumento para manter a higienização da cidade verifica-se que os resultados da assistência social por parte destas instituições, embora sejam pouco eficazes, são melhores do que os obtidos na ausência de políticas sociais públicas". ANDRADE, Rosirlei Renata. Op. Cit., p. 40

⁸⁹ FILHO, Walter Fraga. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. Bahia: Hucite-Edufba, 1995. É certo que o trabalho dele é sobre a Bahia do século XIX, mas nos faz refletir sobre Uberlândia à medida que percebemos algumas semelhanças nas formas de organizações institucionais e do discurso higienizador.

Por isso será impossível encontrarmos um “mendigo puro” se nos basearmos nesta concepção tradicional, o indivíduo que não trabalha. O que podemos encontrar são indivíduos que no momento, mesmo que seja longo, não está trabalhando. O trabalho é muito mais que produzir algo para o outro em troca, antes de escambo, agora de dinheiro e favores. O que está em jogo, na verdade, muito mais do que a questão ética é a concepção de sociedade baseada na exploração do homem pelo homem e que se encontra dividida em um número cada vez mais complexo, porém que não deixa de se dividir em classes sociais.⁹⁰

Em Uberlândia *“Será através das instituições de caridade, albergues, que o poder público tentará manter a ordem e o controle sobre esta aglomeração, ou seja, através destas organizações institucionalizadas de sociedade que o espaço urbano se organizará”*.⁹¹ *“O albergue noturno Ramatis presta atendimento à população carente de baixa renda ou desprovida de nenhuma renda ... os quais necessitam de atendimento imediato, evitando a proliferação da mendicância e a deprimente exposição da miséria nas ruas e praças da cidade”*.⁹²

Assim, tentando ponderar a respeito do capítulo em questão, posso concluir que, primeiramente, não houve a preocupação de acusar ou defender a prática de esmolar na cidade de Uberlândia, mas sim a pretensão de tentar avaliar as diversas ações do poder público e privado que procuram tratar o problema aliando políticas assistencialistas a políticas neoliberais que não solucionam a questão da mendicância na cidade. E também desnaturalizar a noção de que os mendigos são criminosos, vagabundos ou desocupados sociais e por isso procurarei no próximo capítulo trata-los como pessoas desempregadas, sem moradia ou comida, ou seja, seres humanos que vivem na cidade em situação de extrema penúria e miséria.

Também não pretendo pregar o fim do trabalho, mas sim, entender que o desemprego estrutural e a “crise” atual do Capitalismo como afirma István Mészáros se aprofunda cada vez mais ampliando a miséria em todos os

⁹⁰ Este trabalho não se propõe a apresentar os mendigos e indigentes como classe.

⁹¹ ANDRADE, Rosirlei Renata. Op. Cit., p. 18.

⁹² Dados disponíveis no (BDI) Banco de Dados Integrados 1996 da SEDUR (Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano)

lugares, inclusive em Uberlândia.

Verificamos que o *Jornal Correio de Uberlândia* e demais grupos, hegemônicos na cidade que são ligados a ele, participam da construção de uma noção de criminalização da mendicância e consequentemente da miséria. Sendo que, na verdade, o que está por trás deste jogo de interesses é a criação e preservação do modelo de progresso baseado na política de desenvolvimento econômico neoliberal.

Podemos ainda crer que, a "campanha contra os mendigos" traduz-se numa política totalitária diante das crescentes e imprevisíveis crises sociais e econômicas que caracterizam os tempos atuais no capitalismo e uma manifestação de que as saídas que restam para sua perpetuação são políticas desumanizadoras onde não há esperança num porvir

Capítulo II

II – Capítulo II - Cidade e construção da pobreza: análise do viver dos sujeitos Históricos em questão

Após a constatação de que os sujeitos analisados não constituem na imagem estática de mendigos, mas que existe uma concepção preestabelecida que permite que os identifiquemos como tal, concepção esta que é construída na cidade por indivíduos que pensam e agem, devemos agora fazer o exercício de compreensão de como eles se constroem e são construídos levando em conta suas experiências de vida. Porque parece simples dizer que estes indivíduos fazem parte de um exército de reservas do Capitalismo, mas quando entramos em suas vidas percebemos o quão pesada é a sua existência e quão difícil se torna a ruptura com este ciclo de pobreza.

Antes, porém devemos entender que o horror à miséria exposta ou à multidão de miseráveis em meios públicos constitui uma preocupação para a sociedade capitalista desde os seus primórdios. A experiência histórica nos aponta o medo que a burguesia tem da multidão. Na Inglaterra no século XIX, a imagem da multidão já representava uma ameaça. Maria Stella Martins Bresciani em seu livro *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza* narra esta experiência.

A alternativa do emprego casual ou de formas menos honestas de sobrevivência, fazem da cidade de Londres o símbolo do resíduo social, aqueles homens que se encontram fora da sociedade (...) na sua maior parte conseguem com esforço extremo se manter num estado crônico de inanição (...) chegamos às classes que estão em guerra aberta contra a sociedade, que declaradamente vivem do produto da depredação ou do salário da infâmia (...) pessoas que não pautam suas existências pelos valores constitutivos da vida social – o trabalho, a propriedade e a razão -, têm como único meio de sobrevivência atacar essa organização exterior a elas (...) as opiniões se tornam mais definitivas em relação aos incapazes de regular suas vidas pela disciplina do trabalho: a proposta de eliminação física desse resíduo,

*que deve ser abandonado a si e compelido a não procriar, traduz a certeza de que são considerados homens sem recuperação, degenerados física e moralmente. E mais, o resíduo passa a ser visto como um elemento deslanchador de crises.*⁹³

Esta experiência pode ter influenciado os capitalistas do mundo inteiro, inclusive em Uberlândia atualmente, e por isso seriam tão necessárias estas políticas de invisibilidade da miséria e dos milhares de pobres que poderiam se tornar multidões visíveis. Para que ela não fique exposta, não se desperte e propague o desejo de luta e indignação entre eles e também para que não percebam como estão em maioria. Assim, não brotaria em suas mentes o desejo de se unirem.

A proposta de eliminação física desses indivíduos permanece como algo subentendido em nossa sociedade e pode representar uma política de genocídio na sociedade capitalista atual. Não obstante, mesmo que o significado de eliminação seja retirá-los e enviá-los para outras cidades como no caso do Núcleo de Atendimento aos migrantes ainda assim é uma política de eliminação do que fala Zygmunt Bauman chama de “refugo humano”? Será que poderemos realmente tratar os sujeitos estudados como refugos?⁹⁴ E o horror à multidão de miseráveis cria uma moral da idolatria ao trabalho, da assepsia, da criação de largas avenidas nas áreas centrais da cidade e conseqüente expulsão desses indivíduos mal quistos para as favelas, dentre outros.

É certo que, os mendigos, de modo geral, não possuem uma estrutura organizada de vida como a estrutura da classe média, não possuem os mesmos compromissos e não têm aquele núcleo central que disciplina a vida burguesa moderna e move os sonhos quase de maneira uníssona. Não fazem os mesmos sacrifícios que a classe média para se parecer com a burguesia. Ter casa, piscina, carro, família e trabalho fixo podem representar sonhos tão distantes que não merecem nenhum sacrifício. E mesmo a violência que

⁹³ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 41-44.

⁹⁴ Em “*Vidas desperdiçadas*”, sociólogo polonês Zygmunt Bauman, professor da Universidade de Leeds e de Varsóvia faz um prognóstico assustador: o crescimento incontrolável do “lixo humano”, pessoas descartáveis ou “refugadas”, que não puderam ser aproveitadas e reconhecidas numa sociedade cada vez mais seletiva.

sofrem é diferente daquela que a classe média teme. Isto ocorre em decorrência da exposição aos riscos constantes no confronto cotidiano com indivíduos que normalmente atuam de forma violenta e repressiva, seja ela individual ou institucionalizada.

Para aqueles que tomam o conceito de pobreza de Thomas Malthus a pobreza pode ser entendida como um conceito relativo, na medida em que, ela só existe em contraposição à riqueza.⁹⁵ Este fato nos remete a um dos grandes paradoxos das atuais sociedades democráticas. Tendo como fundamento o valor de “igualdade”, que se tenta praticar sob a égide do Estado de Direito (direitos iguais para todos), no caso econômico e social apresenta-se como uma preocupação de redução de desigualdades. No entanto, haveremos de concordar que os direitos não serão ouvidos se não forem reivindicados através de lutas.

A complexidade da miséria no capitalismo atualmente é tão grande que mesmo entre os mais miseráveis existe diferenciação dos seus membros. Mesmo os favelados e os encortiçados discriminam os mendigos de rua, pois para eles, o simples fato de ter moradia, ainda que precária, pode representar uma hierarquia.

A prática de pedido e o assistencialismo é o meio mais utilizado para conseguir alimentos e roupas para as suas necessidades básicas. No entanto, ao refletirmos sobre as questões morais, pedir esmolas torna-se algo injustificável para a maioria das pessoas, pois parece muito simples conseguir um emprego quando se é “jovem e forte” e por isso a maioria das pessoas crê que esses mendigos pedem dinheiro apenas para alimentar seus vícios de álcool e drogas, além das pessoas que mendigam para fins de poupança, etc.

Em virtude disso, foram criadas as leis que proíbem essa prática obrigando, portanto, que esses indivíduos procurem outras formas de sobreviver.⁹⁶ Entretanto, existem alguns mendigos como mulheres e crianças que utilizam esse dinheiro para complementação da renda familiar, pagar aluguel e as despesas da casa em geral dentre outros.

⁹⁵ MALTHUS, Thomas Robert. Op. Cit, p. 70.

⁹⁶ Decreto - Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941. Lei das Contravenções Penais. (Alterada por Lei Nº. 6.416/77, Lei nº. 9.521/97, Lei nº. 6.734/79, Lei nº. 6.815/80, Lei nº. 10.741/ 1º. 10. 2003).

Podemos perceber que essa discussão é muito mais abrangente e não apenas um problema de Uberlândia. Por exemplo, na Indonésia alguns pobres saíram às ruas no dia 21 de Setembro de 2007 para uma manifestação em frente ao edifício do Conselho Legislativo para se posicionarem contra um projeto de lei regional que criminaliza também aqueles que dão qualquer tipo de esmolas e pune com até dois meses de prisão e multas de até US\$ 5 mil (cerca de R\$ 10 mil reais) como apresenta a reportagem a seguir.

O protesto é organizado pela Aliança de Pobres, que reúne várias ONGs de defesa dos direitos humanos. As manifestações começaram na semana passada, quando o governo regional de Jacarta anunciou o projeto. A lei também proíbe comprar de vendedores ambulantes, distribuir propaganda, oferecer sexo nas ruas e viver em espaços públicos, como debaixo das pontes. Wardah Hafidz, coordenadora da ONG Consórcio de Pobres Urbanos, disse que a nova medida "é absurda e não vai funcionar porque não enfrenta a raiz do problema". "Não permitem dar gorjetas aos músicos de rua nem comprar dos vendedores ambulantes, ou pagar pelos serviços dos alfaiates que andam pelos bairros com uma máquina de costura e uma bicicleta. Essas são formas de trabalho", disse Hafidz. Para ela, "os problemas de Jacarta são a falta de emprego e a pobreza, não a disciplina nas ruas". Um terço dos habitantes de Jacarta vive na pobreza, de acordo com os dados de algumas ONGs.⁹⁷

Obviamente o presente trabalho não tem a pretensão de analisar a situação de miséria em Jacarta, mas sim, compreender que tal qual Jacarta, Uberlândia também possui pobreza e desemprego. E como percebemos na reportagem a mendicância tem sido tratada com o mesmo viés. E a julgar pela atual situação de intolerância aos miseráveis, em Uberlândia também foram proibidos os vendedores ambulantes em alguns lugares como na Praça Tubal Vilela segregando-os em um espaço perto do Terminal Central.

Como dito no início, este trabalho não tem a pretensão de provar que os desempregados sem teto precisam mendigar. Portanto, não irá defender a atividade de esmolar, mas sim tentar compreender o indivíduo em questão sem preconceitos de qualquer natureza e para isso tentando desmistificar alguns

⁹⁷ MENDIGOS fazem protesto contra lei que veta esmolas, Central Globo.com, 21/09/2007 - 07h50 . Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL108019-5602,00.html>>.

preconceitos emitidos pelo senso comum. Não sendo uma tarefa fácil, talvez fiquem obscurecidas algumas reflexões, mas algo importante a compreender é que os sujeitos em questão estão a todo o momento em transformação e por isso eles se constroem e são construídos enquanto sujeitos num processo de conflito e resistência, mas também de conformação. Neste sentido, minha pesquisa aponta para a noção de sujeitos que não são mendigos, mas sim desempregados, sem teto, etc.

Em virtude disso, permeamos uma discussão que nos leva a refletir a respeito da moral desses indivíduos no que tange a suposta fraude, ou seja, sobre quem é mendigo de fato e quem estaria “enganando” a sociedade para “lucrar os benefícios” da mesma. Dessa forma, a mídia adere ao discurso dos “mendigos profissionais” que seriam aqueles indivíduos que têm casa e meios para sobreviverem, e se “passam” por mendigos para obter dinheiro “fácil”.

Esse discurso é usado pela imprensa e pelo ministério público para mascarar a miséria produzida pelo Capitalismo. Assim sendo, fica mais fácil inculcar no imaginário social a noção de que quem não trabalha é vagabundo e criminoso e não desempregado, sem teto.

Em uma reportagem o Jornal Folha de São Paulo de 21/08/07 afirma:

Em três meses, cerca de 250 mendigos que estavam nas ruas de Uberlândia (MG) foram capturados pela polícia. O recolhimento integra uma campanha de combate à prática que o promotor de Justiça Marco Aurélio Nogueira chama de "mendicância profissional". Segundo ele, entre os mendigos detidos recentemente estão um aposentado proprietário de uma casa; um falso portador de mal de Parkinson que é campeão municipal de caixeta [um tipo de jogo de baralho]; e um pai de seis crianças que as obrigava a pedir esmolas --as crianças estão sob os cuidados do Juizado da Infância e Juventude da cidade. Quando identificados, os "mendigos profissionais" são denunciados (acusados formalmente) por mendicância, contravenção penal prevista na legislação brasileira -- a pena varia de 15 dias a três meses de prisão e aumenta quando o caso envolve ameaça, fraude, simulação de doença ou deficiência e crianças ou adolescentes.⁹⁸

⁹⁸ MINISTÉRIO Público denuncia "mendigos profissionais" de Uberlândia. Copyright Folha Online, 21/08/2007 - 11h26. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/cotidiano/ult95u321754.shtml>>.

É interessante pensar o significado das políticas de “controle” da mendicância profissional e nas leis que “penalizam” os possíveis infratores, analisando a própria fala do promotor que saiu na imprensa em agosto de 2007 e relaciona questões à noção de crime e polícia. Assim sendo, qualquer indivíduo pobre, desempregado, sem teto e sujo que se encontrar nas ruas passa a ser visto como um criminoso fraudulento que merece ir para cadeia por “usurpar” dinheiro de “pessoas de bem”.

“O Ministério Público sabe que não vai acabar com o problema da mendicância, mas está fazendo a sua parte. Eu sei que a questão é muito mais social que criminal, mas o resultado está sendo positivo”, diz promotor. Em alguns casos, esclarece o promotor, o desfecho da campanha não é a Justiça, mas sim apoio. “Houve um rapaz formado que não achava emprego e foi para a rua pedir esmola, e nós estamos tentando encaminhá-lo para alguma empresa”. Usuários de drogas também são encaminhados para tratamento. Os mendigos recolhidos são cadastrados pela Polícia Civil. Nos últimos três meses, entre os cadastrados, 50 eram de Uberlândia e 200 eram de outras cidades.”⁹⁹

Com isso, podemos perceber que ¼ dos mendigos são originários de Uberlândia. Em uma reportagem a secretária municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Trabalho, Iracema Barbosa Marques afirma que já foram detectados casos de mendigos que arrecadam quase 2 mil reais por mês. Em mais uma reportagem da rede Globo do Jornal MGTV de 21/08/07 podemos fazer algumas considerações:

‘Tem gente que mora em cidades vizinhas, vem pela manhã e volta no final da tarde para sua residência, muitas vezes em ótimas condições. Há esse tipo de gente na rua e é muito’, diz a secretária. A campanha que causou muita repercussão na cidade e região do Triângulo surgiu após uma pesquisa feita pelo MP. O levantamento, segundo informou o promotor à imprensa local, constatou o aumento da população de rua e um índice elevado de ‘mendicância profissional’.

Assistência

A ‘ação coletiva’, de acordo com Iracema, visa sensibilizar a sociedade para que não incentive ‘esse tipo de situação’. Os mendigos recolhidos das ruas que provam que não têm para onde ir são encaminhados para um abrigo público, onde permanecem até conseguir um emprego ou voltar para as cidades de origem. ‘Quem necessita de apoio, de

⁹⁹ MINISTÉRIO Público denuncia “mendigos profissionais” de Uberlândia. Copyright Folha Online, 21/08/2007 - 11h26. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/cotidiano/ult95u321754.shtml>>.

assistência, são encaminhados para os locais corretos', afirmou Iracema.¹⁰⁰

Antes da ronda social retirar estes mendigos da rua existiam alguns pontos estratégicos na cidade de Uberlândia para a mendicância. Como por exemplo, Igrejas, praças, pontos de ônibus, trechos da Avenida Rondon Pacheco dentre outros.¹⁰¹ E é interessante observar algumas técnicas de pedido, onde na maioria das vezes os discursos são apelativos podendo ou não ter sentido religioso.

Santana fala do espaço da rua como um território de três modalidades necessárias para o mendigo, moradia, local de trabalho e espaço de relação social. A rua é vista pelo mendigo como espaço de total liberdade onde tudo é permitido onde eles tentariam reproduzir o espaço da casa na rua. Mas não é bem assim, pois quem já teve uma casa para morar saberia claramente distinguir o espaço da rua como algo estranho e diferente de sua casa consagrando-a como espaço de vigília e insegurança.

Evidentemente, o que temos em nossas casas é o que necessitamos para cozinhar nossos alimentos, tomar banho e, da mesma forma, apesar de estarem na rua, eles não ficarão sem essas necessidades básicas. Então eles tentam formular algum tipo de alternativa para efetuar essas necessidades do ser humano só que, neste caso, de forma pública devido a pouca ou nenhuma privacidade.

Esses indivíduos sentem inúmeras dificuldades depois que caem na rua para retornar ao ambiente familiar. E o alcoolismo é uma das principais barreiras para esse retorno como, por exemplo, no caso de Jorge Moreira meu entrevistado do Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007.

(...) o cara não arruma o serviço. Não arruma. O cara tem que ter um endereço fixo. Tem que ter referência. Tem que ter referência. Por isso, que eu todo dia

¹⁰⁰ UBERLÂNDIA - MG faz campanha contra 'falsos mendigos', **Central Globo.com**, Uberlândia, 21/08/2007 - 18h46m. Disponível em: <<http://gl.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1616001-5598,00.html>. Jornal Correio de Uberlândia>.

¹⁰¹ A Praça Tubal Vilela, a Praça Nossa Senhora Aparecida e a Praça Sérgio Pacheco, onde atualmente existe uma "casinha de papai Noel" seriam ótimos exemplos disso.

eu “tô” bebendo aqui, todo dia eu bebo é três “garrafa” de cachaça por dia.¹⁰²

Se nos atentarmos para a sua afirmação, não bastaria parar de beber, pois ainda restaria o preconceito de não ter emprego fixo, referência, dentre outras exigências para conseguir um emprego.

Mas é importante compreender que o alcoolismo nas classes pobres pode estar intimamente ligado ao desemprego e deve ser discutido levando em conta o Capitalismo com todos os seus miasmas, dentre eles, o desemprego estrutural com a substituição da mão-de-obra por máquinas, a formação cada vez maior de um exército de reservas para o mercado, etc.

Os comerciantes da região central de Uberlândia como os da Praça Tubal Vilela e seus arredores, os burgueses que moram em áreas onde aparecem os mendigos, o Poder Público, o grupo pertencente ao *Jornal Correio de Uberlândia* e alguns de seus leitores são capitalistas e não estão interessados em resolver seus problemas sociais, apenas as suas contradições advindas do próprio Capitalismo.

Para estes comerciantes, o que importa é que o Poder Público promova ações que privilegie os seus negócios. Sendo assim, suas exigências passam pela “limpeza” da cidade e “modernização” da mesma segundo sua visão de lucro. Para termos uma idéia, numa reportagem do *Jornal Correio de Uberlândia* o comerciante e estudante Leandro Bartonelli escreveu no caderno *Opinião do leitor* em 22/08/07 quais as medidas que ele considerava importantes que o prefeito Odelmo Leão tomasse para “reformatar” e modernizar a cidade:

Primeiro:

Demolir os terríveis canteiros de flores que foram construídos na Avenida João Pinheiro, porque eles tiram a visão dos motoristas nos cruzamentos. Em seguida

¹⁰² Entrevista com Jorge Moreira, 46 anos, no Albergue Noturno Ramatis no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Supervisor e mecânico de máquinas pesadas. Baiano de Vitória da Conquista desempregado.

acabar com a pista exclusiva para ônibus lá e permitir estacionamentos de automóveis nos dois lados da avenida.

Segundo:

Na Praça Tubal Vilela construir um estacionamento subterrâneo e na parte de cima organizar uma área coberta para Feira Livre Permanente onde se possa vender de tudo quanto há. Uma espécie de Shopping na Praça. Se a Prefeitura não fizer isto, a praça vai virar paraíso de marginais.

Terceiro:

Construir um Terminal de Ônibus Urbanos para receber a metade do transporte coletivo da cidade (região do Luizote), na Praça Adolfo Fonseca e assim desafogar o Terminal Central.

Quarto:

Demolir o Coreto e o horrível prédio do Museu Municipal da Praça Clarimundo Carneiro e construir lá, ocupando toda a área, um espaço para shows permanentes com artistas famosos. Acabar com a estúpida Lei do Silêncio que só deixa nossa cidade triste e sem músicas modernas à noite.

Quinto:

Instalar câmaras de segurança em todo o Centro e escalar guardas armados em todos os bairros para prender os bandidos que circularem por lá de dia ou de noite.

Sexto:

Proibir passagem de ônibus pelo centro e permitir estacionamentos de automóveis nos dois lados das ruas e avenidas, sem Zona Azul para atrapalhar os motoristas. Proibir a presença de camelôs em todo o Centro e multar quem jogar lixo nas ruas. Esta sim, na minha opinião, vai ser uma reforma bem moderna e boa para todo mundo.¹⁰³

¹⁰³ REFORMA do Centro, Opinião do Leitor, Leandro Bartonelli Comerciante e estudante, Copyright © 2007, **Jornal Correio**, Uberlândia, 22/08/2007. Disponível em: http://www.correiodeuberlandia.com.br/v2/coluna_ver.aspx?id=24&coluna=10494&data=>.

Primeiro, a terceira pista foi criada para facilitar o trânsito no Centro, por isso, como é possível na Avenida João Pinheiro onde o tráfego de ônibus é intenso, permitir estacionamentos de automóveis nos dois lados da avenida? Na sexta medida, ele dá a solução para diminuir o tráfego, mas não propõe nenhuma solução para os possíveis lugares por onde os ônibus passariam para atravessar o Centro em direção aos outros bairros.

Segundo, para quem conhece a região da Praça Tubal Vilela poderia sequer imaginar que tipo de arquitetura seria possível e praticável para se cavar um Estacionamento subterrâneo no “coração da cidade” de Uberlândia? E logo após a Prefeitura ter arrancado os vendedores ambulantes da Praça, retornar com os mesmos em uma feira livre? Mesmo porque os “marginais” a que ele se refere não desapareceriam apenas com a criação de um “Shopping” na Praça.

Depois de me isentar sobre os comentários possíveis na terceira medida proposta por Leandro Bartonelli, passarei para a quarta. *“Demolir o Coreto e o horrível prédio do Museu Municipal da Praça Clarimundo Carneiro”?* Percebe-se que este indivíduo não se preocupa nem um pouco com a memória ou a História da cidade que ele pretende “modernizar”.

Ao falar que esta seria uma reforma boa “para todo mundo” Leandro Bartonelli certamente ele se refere a si próprio em primeiro plano e depois a todos que iriam lucrar com essas reformas. Os motoristas de automóveis particulares, os donos de estacionamentos, os donos de Shoppings, os donos de agências de segurança, os “artistas famosos” e seus empresários dentre outros. Tratando a miséria como algo inexistente e os miseráveis como seres descartáveis.

Porém, a pobreza faz parte da sociedade e não está fora dela. Portanto, a investigação do fenômeno da mendicância “na sociedade” é essencial. Ao falar do andarilho mendigo, é importante a verificação que ao desembarcar na Rodoviária da cidade de Uberlândia, em busca de trabalho e de melhores oportunidades, o migrante andarilho *“logo é recolhido pelos agentes do órgão de assistência ao migrante no caso de Uberlândia, pelo SAM (Seção de Atendimento ao Migrante) e enviado para outra cidade adiante. Isso significa*

que ele não é bem vindo".¹⁰⁴ O Núcleo de Atendimento ao migrante se encarrega pessoalmente de "fornecer" a volta dele para a cidade de origem.

Uma observação perigosa é a afirmação de que *"um dos principais fatores que explicam o fato de, atualmente, os migrantes serem indesejados é a falta de capacitação profissional"*.¹⁰⁵ Essa realidade é muito mais complexa do que simplesmente isso. Por exemplo, a relação que a própria cidade tem ao saber que sendo mão-de-obra barata na cidade, o migrante será acolhido como um suposto concorrente para o emprego em Uberlândia.

Existem inúmeras relações que fazem parte do imaginário das pessoas com relação ao migrante. É claro que os migrantes são estigmatizados, mas por diversos motivos e não apenas a falta de capacitação profissional. E assim, quando o migrante não dá certo na cidade porque não consegue trabalho ele vira mendigo, perde sua casa e vai para a rua ou para o albergue. É claro que nem todo migrante vai se tornar mendigo, ele pode conseguir trabalho e se estabilizar. Mas devemos nos recordar que o mendigo não está separado da sociedade capitalista e isso tem profunda influência na sua vida.

Existe uma visão dos mendigos como sujos, maltrapilhos, preguiçosos e doentes mentais ou físicos. É certo dizer que a possibilidade deles conseguirem trabalho, ou mesmo 'bico' é mínima. Só que não é apenas os mendigos que não conseguem trabalho nesta sociedade, devido ao desemprego estrutural e crônico.¹⁰⁶ Não que eles sejam mendigos porque existe desemprego crônico, mas mesmo se eles quisessem se recolocar no mercado de trabalho, isso seria praticamente impossível porque não há novos postos de trabalho e, por isso, os patrões ficam cada vez mais exigentes com relação à aparência e qualificação. Acentuando as discriminações especialmente aos negros e miseráveis.

A caracterização moral do miserável como mendigo é de cunho religioso e estrutura-se, basicamente, em torno de um mesmo núcleo: a responsabilidade moral do indivíduo. Uma primeira corrente acusa e recrimina não só o mendigo ou vadio como também aquele que o ajuda. Já os

¹⁰⁴ SANTANA, Eliane Aparecida. Op. Cit., p. 44.

¹⁰⁵ Idem, p. 44.

¹⁰⁶ MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital*. São Paulo: Editora Boitempo, 2002, p. 310-347.

defensores, atribuem a condição de mendigo a "forças impessoais", exteriores, sociais, isentando-o de qualquer responsabilidade individual pelo infortúnio. Na tendência acusatória destaca-se a argumentação calvinista e luterana. Para tal doutrina, riqueza e pobreza estão ligadas ao mérito individual. *"A riqueza é o produto de uma superioridade pessoal e signo da bênção divina. O pobre, ao contrário, é danado nos tempos presentes e futuro".*¹⁰⁷

A mendicância é a causa mais extrema de pobreza que se pode imaginar as razões que levam os indivíduos a saírem de casa estão estritamente ligadas aos conflitos familiares que são desencadeados pelo desemprego, dificuldade financeira, alcoolismo e violência doméstica.

De acordo com as percepções de Santana a partir do momento que o indivíduo sai de casa ele pode também estar rompendo não somente com seus membros familiares, mas com uma gama de valores sociais solidificados impostos. *"Caindo no mundo da rua, ele mergulha profundamente em outros valores estigmatizadores que o apontam não somente como o fracassado, porém, o próprio fracasso".*¹⁰⁸

Contudo, há um problema na afirmação de que apenas a volta para o seio familiar é a única possibilidade de retornar à sociedade, pois os conflitos familiares são gerados principalmente pelo desemprego e voltar para casa não vai mudar essa situação. Existe uma enorme diferença entre pesquisar qual o real motivo desses indivíduos estarem na rua e investigar porque eles não voltam para a família. Sair ou voltar pra casa deveria ser uma escolha, mas da forma que se posta esta análise, os indivíduos em questão são "obrigados" a sair de casa por conflitos relacionados ao desemprego e conseqüentemente o alcoolismo tornando-se um ciclo vicioso.

É óbvio que um dos motivos para eles estarem na rua é a pobreza extrema e a briga com a família pode ser, logicamente, um dos motivos para eles estarem na rua. Mas será que todos eles estão na rua porque brigaram com a família, será que eles têm família, ou querem voltar a conviver em um ambiente de possíveis brigas e desavenças? E quanto àqueles que vão para a

¹⁰⁷ STOFFELS, Marie-Ghislaine. *Os mendigos na Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 32.

¹⁰⁸ SANTANA, Eliane Aparecida. Op. Cit., p. 39.

rua mendigar e depois retornam às suas casas com o dinheiro para o sustento da sua família?

Mesmo assim, *“apesar do sentimento de desânimo e das dificuldades enfrentadas na rua, esses indivíduos não perdem a esperança de conseguir trabalho, reconciliar-se com os familiares e voltar para o lar”*.¹⁰⁹ Vejam o que diz Leonardo Pereira meu entrevistado do Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007.

*A dificuldade maior que eu sinto é a falta da família. O que mais me dói todo dia. Chega a noite vou dormir. Fico pensando no meu filho, minha mãe, meu irmão. A dificuldade maior é essa familiar. Financeira a gente até suporta. Porque a gente não nasceu com dinheiro, né! A gente tem nossas necessidades, mas “devagarzinho” a gente supre elas. Mas, a maior dor é a dor da família que está longe. (...) Bem, eu tô aí já tem dez dias, tô correndo atrás. Já mandei vários currículos aí, mas nada. Até carrinho de papelão eu já peguei. Mas não deu certo. Tô na luta aí, mas não espero desistir não.*¹¹⁰

Para Leonardo, a distância da família e a desorganização do seu antigo modo de vida é seguido de uma nova forma provisória e instável de existir.

Dessa forma, quanto mais um indivíduo permanece na rua mais ele rompe com os valores da sociedade e se afasta da família. Mas, será que família é apenas aquelas pessoas que fazem parte consagüineamente da nossa vida? Antes de tudo, as pessoas devem ter o direito de viver junto daqueles que amam.

É significativo pensar na pressão psicológica que os indivíduos sofrem para retomar um tipo ideal de comportamento daquele que vive em família, que trabalha, não bebe e não tem nenhum tipo de vício.

A relação entre patrão e empregado é sempre conflituosa e algumas pessoas não suportam essa tensão do conflito. Elas têm a opção quase masoquista de continuar o conflito ou a opção de abandonar tudo numa atitude de liberdade total. Neste momento me recordo de Paul Lafargue ao afirmar que o abandono deste tipo de situação traria a libertação.

Em “O direito à preguiça”, o polêmico Paul Lafargue, genro de Karl Marx,

¹⁰⁹ Idem, p. 41.

¹¹⁰ Entrevista com Leonardo Pereira, 25 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Lavador de carros, serviços gerais e braçais desempregado.

defende o direito ao ócio e afirma que esta é a verdadeira luta libertária, onde a construção de uma sociedade mais justa se daria pelo aproveitamento do tempo livre e não pela lógica da produção e do esforço.¹¹¹ Contudo, na sua contradição, o próprio Lafargue desenvolveu com extremo afinho um trabalho singular no movimento socialista internacional e foi um dos fundadores do Partido Socialista francês.

Este irônico manifesto foi escrito a mais de um século e ainda hoje é digno de polêmica e discussão. Esta obra machucou fundo as frentes marxistas de sua época, contrariando a defesa do “direito ao trabalho” que perpassou pelo século XIX como conteúdo de reivindicações operárias e permanece ainda hoje como objeto sagrado e solo fértil para promessa de políticos. Lafargue se recorda que o Velho Testamento apresenta o trabalho como um castigo que resultou da desobediência do homem. Ele tenta culpabilizar o trabalho pela falta de interesse intelectual das pessoas e por toda a deformação orgânica.¹¹² Em seu tempo, ele não poderia compreender que o trabalho também pode ser algo intelectual e o esforço físico pode fazer bem ao corpo e à mente.

Contudo, apesar de tanta contravenção, Lafargue critica a criação de necessidades artificiais, que exala na raiz do consumismo capitalista.¹¹³ Ele afirma que a civilização capitalista aflorou uma série de misérias individuais e instintos e, desprezando a sua missão histórica, o proletariado deixou-se perverter pelo vício do trabalho: *“Duro e terrível foi seu castigo. Todas as misérias individuais e sociais nasceram da paixão pelo trabalho”*.¹¹⁴ Veja a crítica de Paul Lafargue ao trabalho:

“Se, extirpando do peito o vício que a domina e que avilta sua natureza, a classe operária se levantasse em sua força terrível, não para exigir os ‘Direitos do Homem’, que não passam dos direitos da exploração

¹¹¹ Paul Lafargue nasceu em Santiago de Cuba e se muda para Bordéus em 1851. Inicia seu trajeto revolucionário com o pensamento anarquista Prodhoniano e, posteriormente, conhece o marxismo tendo participação no final da Primeira Internacional se transformando em um ativista nas lutas revolucionárias da sua época. Em 1880, Lafargue publica, na Revue Socialiste, Trechos do Anti-Duhring, de Engels, traduzidos para o francês e organizados por ele e Laura com o título de Socialismo Utópico e Socialismo Científico. E neste mesmo ano começa a redigir a série de artigos na revista L'Egalité que se tornaria o seu manifesto *O direito à preguiça*.

¹¹² LAFARGE, Paul, Op. Cit, p. 64.

¹¹³ Idem, p. 96-100.

¹¹⁴ Idem, p. 67.

capitalista; não para reivindicar o Direito ao Trabalho, que não passa do direito à miséria, mas para forjar uma lei de bronze que proíba o trabalho além de três horas diárias, a Terra, a velha Terra, tremendo de alegria, sentiria brotar dentro de si um novo universo (...).¹¹⁵

Lafargue se refere à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Este documento é fruto da Revolução Francesa que deu fim à ordem feudal e iniciou a ordem liberal na França. Esta Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão estabelecia um suposto direito à igualdade de todos os franceses perante a lei - como o direito à liberdade, vida, igualdade e a defesa da propriedade, por exemplo.

Todavia é interessante refletir sobre as considerações de Lafargue sobre a proposta de três horas de trabalho apenas. Tais considerações sobre a redução das horas de trabalho podem inspirar uma crise para o capitalismo que depende da exploração dos trabalhadores para se perpetuar. Mas também podem significar o desemprego e conseqüentemente a fome de pessoas que dependem do trabalho para sobreviver se não houver o respeito por quem trabalha. Ou seja, não adianta o trabalho ser reduzido a três horas diárias se o trabalhador passar a ganhar uma miséria tão vergonhosa que não dê para suas necessidades básicas e a exploração capitalista continuar ou ampliar a exploração e degradação do ser humano.

(...) não está presente na concepção da classe dominante que esse indivíduo que não produz é o mesmo excluído socialmente, ou seja, é aquele que se encontra desempregado e sem oportunidades de reintegração no mercado de trabalho.¹¹⁶

A sensação que a gente sente ao conversar com as pessoas a respeito da mendicância por elas falarem sempre da necessidade do mendigo trabalhar é que eles ficam o tempo inteiro no ócio, na preguiça e no vício. Mas será que é mesmo assim? O que posso supor em relação ao lazer é que, em várias entrevistas, muitos não possuem nenhuma forma de diversão.

Assim, é importante pensar a questão do desemprego, as oportunidades

¹¹⁵ Idem, p. 112.

¹¹⁶ SANTANA, Eliane Aparecida, Op. Cit, p. 50.

de trabalho e as contradições do sistema capitalista. Pois quando se pensa na enorme massa de trabalhadores desempregados, aqueles que foram expulsos do mundo do trabalho, devemos ter em mente aqueles que, por diversas razões, foram para as ruas morar e tentar sua subsistência. O desempregado, mesmo sem trabalho e sem moradia, ainda consome, pois ele não deixa de viver e nem desaparece e, por isso, precisa pelo menos se alimentar.¹¹⁷ Conversando com Roberto vemos que ele se alimenta todos os dias no albergue.

Liliane - Há quanto tempo que você está aqui no albergue?

Roberto Campos da Silva - 2 dias

Liliane - E na cidade de Uberlândia?

Roberto Campos da Silva - 2 dias

Liliane - E você veio em busca de quê?

Roberto Campos da Silva - Vim por acaso, entendeu? Por acaso. Mas eu posso até tentar levantar minha vida aqui. Mas isso é no dia-dia e eu (...) tipo... mas a prioridade é pra eu voltar pro nordeste.

Liliane - E você come aqui e dorme aqui todos os dias?

Roberto Campos da Silva - Isso. Eu almoço, tomo café, saio almoço meio dia, volto sete e meia, janto e durmo. Isso é o cotidiano daqui.¹¹⁸

Ele veio “por acaso”, mas pretende levantar sua vida em Uberlândia, contudo ele tem como prioridade voltar para o nordeste. Todavia, necessita sobreviver até conseguir seu objetivo, pois como tantos outros ele sonha com uma vida melhor.

Com essas problemáticas podemos analisar as razões internas e externas que levam o indivíduo ao estado de mendicância, num contexto marcado pelos discursos da miséria e a má distribuição de renda, impossibilidades de resgate da cidadania e inserção social de indivíduos urbanos marginalizados.

É claro que para esta sociedade, a visão do mendigo, com a sua imagem degradante e inoportuna, compromete a estética da cidade que tem a

¹¹⁷ Utilizo o verbo consumir para representar a relação que o homem tem com a natureza que é fundamental para a satisfação das necessidades minimamente fisiológicas.

¹¹⁸ Entrevista com Roberto Campos da Silva, 28 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Porteiro, pedreiro, ajudante geral, auxiliar de almoxarifado, garçom desempregado.

visão de progresso burguês. Mas o que incomoda a sociedade capitalista uberlandense não é apenas isso, e sim a idéia de que ela não conseguiu superar este tipo de miséria, mas ao contrário produzir cada vez mais miséria. Pois, se fosse apenas pela questão da imagem e da estética seria simples, porque bastaria segregar estes indivíduos e confiná-los em algum espaço como eles já procuram fazer ao proibir sua presença em alguns lugares.

Para estes indivíduos resta ainda a sensação de vergonha, de frustração, angústia e depressão. Sua frustração por não atender a um ideal de sociedade burguesa sendo este ideal o mesmo que valoriza o trabalho para o progresso capitalista.

É interessante, contudo, tentar entender o que esses sujeitos querem. Querem sair da rua ou permanecer? Que tipo de vida eles querem ter? Uma determinada quantidade de amostras poderia dar mais que um parâmetro desse questionamento.

Ao investigar este projeto de sair da rua, é importante analisar se realmente este é um projeto deles ou é um projeto que a sociedade espera deles. Não afirmo que estes indivíduos querem permanecer na rua. Mas sim, que eles têm um vínculo com a rua que talvez não consigamos compreender. Uma relação que pode estar longe da percepção que possuímos deles. Olhando para eles podemos imaginar um mendigo que está sempre querendo sair da rua. Será que seu cotidiano é este mesmo? Qual é o esforço que este indivíduo faz para sair da rua? Com relação a isso veja o que observa Eliane Santana:

*Baseando-se na lógica da sobrevivência na rua, é muito alto o custo que o trabalhador paga para ter teto e comida: o trabalho extenuante, o tempo controlado, para uma precária qualidade de vida, de alimentação e habitação. Uma vez socializado na rua, como retornar a um estressante cotidiano na construção civil ou em serviços gerais, aliado muitas vezes a problemas de saúde e ao alcoolismo?*¹¹⁹

Podemos ler nas entrelinhas que para algumas pessoas talvez seja menos dispendioso ser um desempregado acomodado do que ser um

¹¹⁹ SANTANA, Eliane Aparecida. Op. Cit., p. 100.

trabalhador, devido à sua desvalorização e superexploração onde começam cada vez mais a perder seus direitos e vêem seus salários reduzidos, sem contar na instabilidade do mercado de trabalho.

É certo que eles fazem parte de uma vida de miséria, mas o que eles pensam da miséria e o que eles pensam que pode ser feito para amenizar a miséria? Não apenas a dos outros, mas a deles próprios. Quais são as suas concepções sobre o Poder Público, a assistência social e o desenvolvimento tecnológico. Até que ponto eles são alienados e conformados? Será que ser mendigo é não se importar com a miséria ou em ser miserável? Trabalho com o pressuposto de que as pessoas não gostam de serem miseráveis. Veja uma explicação interessante de Eliane Santana:

“No entanto, por vivermos numa sociedade ordenada em constante busca do modelo ideal de sociedade (profissional, pessoal, familiar, entre outros) não conseguimos vivenciar o drama dos mendigos; não conseguimos manter uma relação empática com esses indivíduos e quando questionamos as causas deles não saírem das ruas, estamos questionando de acordo com a forma que vivemos na sociedade, isto é, seguindo regras e normas sociais”.¹²⁰

Essa assertiva aponta para questão mencionada antes onde o simples questionamento e condenação da sua presença nas ruas não soluciona o seu problema social.

E a maior parte desses indivíduos sentem-se fracassados, caídos e mesmo assim podem se apresentar como trabalhadores desempregados. Exemplo: ex-pedreiro, ex-peão, ex-metalúrgico, ex-ajudante, ex-doméstica, etc.

Existe, no entanto outra maneira, menos antiga, de tratar o problema. A idéia de que as causas da pobreza e os caminhos para sua solução não dependem da vontade ou do caráter dos indivíduos isolados, mas das relações sociais existentes na sociedade. Essa teoria está presente nos escritos e movimentos políticos socialistas e comunistas. Para outros, a solução depende ainda de uma regeneração moral, não mais dos pobres, mas dos ricos, cujo egoísmo e avareza deveriam ser transformados em caridade e sentimento de

¹²⁰ SANTANA, Eliane Aparecida. Op. Cit., p. 84.

justiça.

Para os marxistas, esta crença no poder transformador das convicções e da força moral era o que caracterizava o "socialismo utópico", que deveria ceder lugar a um "socialismo científico", que entendesse a verdadeira natureza dos conflitos sociais, e os levasse à sua conclusão natural. *"A história de todas as sociedades que já existiram é a história da luta de classes*, e era através dela que os problemas da pobreza encontrariam sua solução.¹²¹ Com o capitalismo, as antigas classes estavam desaparecendo, restando apenas a burguesia e o proletariado, que se confrontariam na luta final pelo fim da pobreza e da desigualdade social.

O problema era os que ficavam de fora, à margem das classes em conflito. Os proletários, no capitalismo, são pobres, mas nem todos os pobres têm o lugar de honra de heróis do futuro que Marx atribuía ao proletariado. *"De todas as classes que se põem frente a frente hoje com a burguesia, somente o proletariado é realmente a classe revolucionária"*, dizia Marx.¹²² *"As outras classes decaem e finalmente desaparecem ante a Indústria Moderna. O proletariado é seu produto mais autêntico"*.¹²³

O que dava aos proletários este lugar especial era seu papel na divisão social do trabalho, como os que efetivamente trabalhavam, como grandes exércitos, na produção da riqueza, que os burgueses expropriavam. Ao lado destes pobres virtuosos, portadores do futuro, estavam os marginais, os decaídos, vítimas da dissolução das antigas classes sociais em decadência: Eram segundo Marx, *"a 'classe perigosa', o lúpenproletariado, essa massa que apodrece passivamente, repudiada pelas camadas mais baixas da sociedade antiga"*.¹²⁴

Estes grupos poderiam, eventualmente, participar dos movimentos revolucionários do proletariado, mas o mais provável é que fossem corrompidos e manipulados pela *"intriga reacionária"* da burguesia. É desta forma que Marx traz de volta, pela porta dos fundos, a distinção moral entre a

¹²¹ MARX, Karl & Engels, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 9.

¹²² Idem, p. 25.

¹²³ Idem, p. 25.

¹²⁴ Idem, p. 25-26.

pobreza digna, revolucionária, do proletariado, e a pobreza indigna, reacionária, corrompida e corruptível, a escória do *lúpenproletariado*, os “marginais”.

Delimitados negativamente em relação ao proletariado, os lúpenproletários sempre foram vistos com desconfiança. Vistos como uma camada incapaz de ser portadora de um projeto autônomo de transformação social. Sub-proletariado e anti-revolucionários, isolado numa categoria residual segregada, os mendigos são totalmente despojados de prática histórica significativa e, assim, situados numa negatividade que é reforçada pela maior parte da sociedade. O lúpenproletariado, no sentido clássico marxista, é ainda vinculado, embora de forma descontínua de maneira que se colocam entre vítimas do capital e algoz do socialismo, à lógica virtuosa e transformadora do trabalho. Veremos uma afirmação de Marx e em seguida que não há como tratar os indivíduos em questão de forma a conceituá-los como “classes perigosas”.

“(...) o último resíduo mora no inferno do pauperismo; abstração feita dos vagabundos, dos criminosos, das prostitutas, dos mendigos, e de todo mundo que se chama de classes perigosas (...) degradados, despojados, incapazes de trabalhar. Trata-se de seres condenados a perecer pela imobilidade que os condena à divisão do trabalho; são operários que sobrevivem à idade normal de sua classe, as vítimas da indústria cujo número cresce com as máquinas perigosas, as fábricas químicas, etc., os mutilados, os enfermos, as viúvas. O pauperismo é o asilo de inválidos do exército operário e o peso morto do exército industrial de reserva”.¹²⁵

Nesta lógica, o mendigo não se estrutura, não se organiza ou se levanta como grupo ou camada social capaz de ser sujeito da sua própria história, se forem tratados unicamente como seres a-revolucionário. Assim, antes de pensar o revolucionário como um ser humano sujeito a fraquezas, Marx pensa o revolucionário como um “super-homem”, um herói destemido e provido apenas de moral e força para a luta contra o capitalismo. E os

¹²⁵ MARX, Karl. *O Capital: crítica à Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 545 e 546.

mendigos e os lúpens representariam a fraqueza.

Todavia, é importante entender os indivíduos estudados como sujeitos históricos e sociais e não como homens e mulheres que estão sujeitos a serem vítimas e algozes das relações sociais. Assim, o lado humano é desvalorizado e os indivíduos em questão deixam de ter um nome, um endereço e passam a representar mais um número nas estatísticas da lista de albergados, desempregados e sem teto.

Na verdade, o que ocorre é que eles representam a marginalidade e sofrem as conseqüências na sociedade capitalista, a qual valoriza o mundo do trabalho e discrimina o desempregado ao mesmo tempo em que necessita de uma enorme quantidade de desempregados disponíveis para perpetuar o sistema. E estrategicamente legaliza a assistência social com o discurso cristão para evitar as revoltas e as lutas contra o sistema que o discrimina e não lhes fornecem oportunidades.

Também não podem ser vistos como algozes, mas o que ocorre é que, na ocasião em que aceitam o conformismo naturalizado pelas relações sociais eles capitulam sendo transformados em criminosos confessos no momento em que cometem crimes como pequenos furtos ou roubos sem estabelecer as críticas às próprias leis.

Entretanto, haveremos de compreender as diversas maneiras que a sociedade encontra para naturalizar estas questões que estão impregnadas nas maneiras de pensar e de agir das pessoas. Nas relações econômicas sociais e culturais delas, nas suas concepções e no que elas entendem por certo e errado, por legal e ilegal. O nível de consciência que têm de si e dos outros. Para isso, é importante sabermos onde estão e quem são essas pessoas.

Uma breve análise das fichas de triagem do Albergue Noturno Ramatis em Uberlândia possibilita algumas constatações. Numa margem de 30 pessoas atendidas por dia encontramos pessoas que mesmo desempregadas se dizem "do. lar" (lavradores, pintores, pedreiros, garçons, mecânicos, motoristas, cozinheiros, tratadores), sendo que uma quantidade significativa se considera como prestadores de serviços gerais. Sendo interessante a observação de que

eles sempre registram uma profissão qualquer para preencher as fichas de triagem e ninguém se considera como mendigo, lúpen ou vagabundo, apesar da maioria dos entrevistados estarem em situação de desemprego, falta de moradia e miséria extrema.

Quase todos se apresentam como indivíduos solteiros sendo que a grande maioria é composta por jovens e adultos entre 20 e 40 anos em média 56% e os demais têm mais de 40 anos.

Para contrapor a noção de que a pobreza vem de fora de Uberlândia poderemos observar nas fichas de triagem que a maior parte dos albergados são nascidos na cidade. Apesar de existirem indivíduos oriundos de diversas regiões próximas como Monte Carmelo, Uberaba, Belo Horizonte, Itumbiara, Nova ponte. Apenas uma ínfima parcela vem de outros Estados como Goiás, Distrito Federal, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Norte. Sendo que a maioria esmagadora pretende ficar na cidade e conseguir trabalho.

Assim, para compreender o objeto em questão precisamos analisar algumas entrevistas orais feitas com o objetivo de desnaturalizar e evitar a caracterização destes indivíduos como “desocupados sociais”, vagabundos ou mendigos. Veja o exemplo de Paulo Amauri de Almeida.¹²⁶ Ele come todos os dias no albergue porque em sua casa não tem o que comer, mas não dorme nele, passa o dia na rua e depois vai dormir “*em casa*”.

Assim ele não pode ser considerado um mendigo porque não pede esmolas nas ruas, não dorme “nas ruas”, todavia, depende do que o assistencialismo lhe dá e no momento em que este não mais existir, ele terá que pedir em outro lugar.

Ele também não pode ser considerado um vagabundo porque, segundo as suas afirmações, ele veio pra cidade porque ficou sabendo que tem muito trabalho.

É óbvio que se ele não quisesse trabalhar haveria no Brasil ótimos lugares para curtir seu tempo livre como, por exemplo, temos praias no nordeste, sudeste, sul e demais lugares paradisíacos onde normalmente

¹²⁶ Paulo Amauri de Almeida, 47 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Mecânico de refrigeração desempregado.

descansam os grandes burgueses do nosso país. Claro, porém, que Uberlândia tem seus atrativos turísticos, como por exemplo, o Parque do Sabiá.

Seria importante entendermos que não existe o intuito de analisar todos os tipos de mendigos existentes na cidade, mas sim falar sobre algumas caracterizações destes tipos de indivíduos.¹²⁷ Começando do momento em que por alguma razão social se vêem totalmente alienados, conformados e discriminados na cidade até chegar às suas caracterizações. O “louco”, o farsante tratado como mendigo profissional, a mulher pobre que se vê sozinha com uma criança no colo, o desempregado que faz bicos insuficientes para sobreviver, o doente totalmente dependente, o migrante hostilizado pela sua diferente maneira de viver, o indivíduo discriminado por uso de álcool ou drogas. Sem enxergá-los como vagabundos, mendigos ou desocupados sociais.

Entendendo que sua situação representa a tensão existente entre as suas limitações individuais e a maneira que a sociedade se organiza para lidar com suas referidas questões marginalizando-os e segregando-os disfarçadamente sob o pretexto da assistência social, mascarando e contendo os verdadeiros conflitos existentes dentro do Capitalismo e tratando seres humanos como pobres coitados ou criminosos. Inculcando nos meios de comunicação de massa, como o *Jornal Correio de Uberlândia*, essa maneira de ver o mundo.

Transformando pessoas em seres incompreensíveis e culpados por sua própria condição de miseráveis. No qual o indivíduo nesta situação se aliena e se vê através desta concepção ao mesmo tempo em que a sua consciência adormecida transforma sua revolta em angústia ou fúria. Então a fronteira entre ser transformado em bandido ou mendigo, algoz ou vítima torna-se invisível sendo que a prova disso é a lei que transforma a mendicância em contravenção penal.

Ao contrário, este trabalho percebe estas pessoas como indivíduos desempregados oriundos de um exército de reserva de mão-de-obra, ou então

¹²⁷ Mais adiante faremos as devidas apreciações sobre algumas caracterizações destes indivíduos como, por exemplo, Paulo Amauri de Almeida.

indivíduos sem teto, ou ainda dependentes do assistencialismo. Aqueles que a sociedade não tem onde “encaixar”, onde inserir e por isso, enxerga-os como vagabundos e desocupados sociais. Mas ele não é um vagabundo, não é um mendigo, não é um indigente, nem bandido, ou um simples desempregado nos seus conceitos clássicos. Ele é um indivíduo conformado que durante muito tempo prestou seus serviços para a sociedade capitalista, mas agora se vê como um inútil e sem qualquer tipo de amparo verdadeiramente necessário. Dessa forma, nenhum entrevistado em questão pode ser caracterizado como mendigo no seu conceito clássico.¹²⁸

Vejam que o albergado Paulo Amauri de Almeida deixou de morar com a família e quando não tem mais ajuda de ninguém vê a necessidade de procurar ajuda da assistência social. Está nesta condição pois sabe que as pessoas ajudam porque a visão cristã ou assistencialista não vai negar ajuda para continuar financiando a miséria. Sabe que existem pessoas que trabalham para sustentar a sua fome.

Quando a situação tornou-se insuportável ele sabe que tem a assistência não apenas do albergue, mas também de outras instituições assistenciais. As assistentes sociais e a maior parte das pessoas já estão acostumadas a orientar esses indivíduos para os albergues, as casas de abrigo dentre outros.

É de extrema importância entender também como algumas políticas nacionais ou regionais afetam diretamente a vida dos sujeitos. Para se ter idéia, com a abertura do mercado para o neoliberalismo na década de 90 por causa do “*Plano Collor*”, Paulo foi à falência.¹²⁹

Devemos portanto lembrar que em “*seus primeiros atos como presidente, Fernando Collor de Melo assinou 5 medidas provisórias e quatro decretos referentes à redução do número de ministérios, à demissão de servidores públicos e à venda de imóveis do patrimônio federal*”. Anunciou o seu *Plano de Estabilização Econômica* ou *Plano Brasil Novo*, que ficaria conhecido como *Plano Collor*. Seus objetivos centrais eram combater a inflação

¹²⁸ No dicionário mendigo significa: aquele que pede esmolas para sobreviver.

¹²⁹ COLLOR, Fernando, Verbetes Biográfico, Copyright © 2005, CPDOC, Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_html/1418_2.asp>. Acesso em Janeiro de 2007.

e reduzir o déficit público, criando, segundo seus mentores, as condições para o Brasil ingressar no chamado *Primeiro Mundo*.

As principais medidas adotadas foram: a extinção de 24 empresas estatais, com a demissão dos respectivos funcionários que não estivessem protegidos pelas regras da estabilidade. Numa breve bibliografia de Collor verificamos algumas de suas políticas enquanto presidente da República.

a elevação do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados); o aumento da taxa sobre os lucros do setor agrícola e o fim dos subsídios à exportação não garantidos no texto constitucional; a reintrodução do cruzeiro como moeda nacional, em substituição ao cruzado novo, criado no governo anterior; o congelamento de preços e salários, que passariam a ser reajustados conforme índices de inflação prefixados; o fim dos títulos ao portador e dos cheques ao portador de valores acima de um teto determinado; a flutuação do câmbio segundo as tendências do mercado; a redução da presença do Estado na economia, por meio da privatização de empresas estatais; a abertura econômica para o exterior, com a redução progressiva das alíquotas de importação (...) o bloqueio, por 18 meses, dos saldos em conta corrente e cadernetas de poupança que excedessem 50 mil cruzeiros.¹³⁰

É interessante lembrar muito brevemente algumas políticas do governo Collor para que possamos neste momento contextualizar o momento em que Paulo Amauri de Almeida começou iniciou o processo que culminou na sua atual situação de indigência.

Com 21 anos Paulo Amauri de Almeida tinha uma oficina de refrigeração em Rio Verde onde foi proprietário por 23 anos. Isto lhe permitia uma situação econômica bastante favorável possibilitando até ter conta em bancos. Antes do Plano Collor ele já era casado sendo que depois da crise financeira sua vida se desestruturou totalmente.

Ao se ver sem trabalho ele se sente um inútil para a esposa e para a família que “*passam à humilhá-lo*” em sua visão. Vivendo numa sociedade machista e patriarcal onde o homem provedor deve trazer o sustento da casa, tornou-se um martírio deixar a sua vida de pequeno burguês proporcionando uma vida de consumo para a sua família. A partir de então, sente-se inferior a ponto de não se comunicar com a família e seu próprio filho não o

¹³⁰ Idem.

cumprimenta. Depois que se achou falido passou a perambular de cidade em cidade tendo morado em vários lugares tornando-se um andarilho. Mesmo assim ele não se vê como mendigo.

A idade se torna um empecilho para o Capitalismo transformando os indivíduos em inúteis. Paulo, mesmo tendo experiência de mecânico de refrigeração desde os 13 anos de idade e se vê como um indivíduo com muita experiência no ramo, mas é frustrado pela sua desvalorização profissional causando “stress”. Sofrendo algo por causa da idade porque saber trabalhar ele sabe. *“Todo mundo vai ficar velho um dia e tomara que todas as pessoas fiquem velhas que aí dura mais tempo”*.¹³¹ Como podemos perceber nas análises de István Mészáros em *Para Além do Capital*.

*O Capital não apenas não soluciona como ainda gera o conflito real de gerações em escala sempre crescente. Em todo o país capitalista importante, nega-se a oportunidade do trabalho para milhões de homens, obliterando sem cerimônia a lembrança não tão antiga das diferenças com a “cultura jovem”, ao mesmo tempo em espreme até a última gota de lucro das sobras de tal cultura. Ao mesmo tempo alguns milhões de pessoas mais velhas são forçadas a se juntar às filas de doações aos necessitados, enquanto muitos milhões a mais estão sob a imensa pressão de uma “aposentadoria precoce” (...) Assim, o grupo etário da “geração útil” está encolhendo para uma faixa entre 25 e 50 anos, opondo-se objetivamente às “gerações indesejadas”, condenadas pelo Capital à inatividade obrigada e à perda da sua humanidade. E, então, já que agora a geração intermediária é comprimida entre “jovens” e “velhos” “inúteis” – até que ela própria se torne supérflua quando assim determinar o capital.*¹³²

Verificando a análise de István Mészáros poderemos identificar Paulo Claramente. Para Paulo o neoliberalismo e o avanço da tecnologia inicialmente eram ótimos, mas o que ele não esperava é que ela fosse engoli-lo no processo de desemprego e expropriação. No final das contas ele enxerga a tecnologia como algo que não trouxe benefício para ele. Porém, não vê a tecnologia como algo ruim desde que seja orientada para o bem da humanidade e para o mundo.

Em sua entrevista Paulo mostrou que tem consciência de que a

¹³¹ Entrevista com Paulo Amauri de Almeida, 47 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Mecânico de refrigeração desempregado.

¹³² MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital*. São Paulo: Editora Boitempo, 2002, p. 802.

tecnologia pode trazer o desemprego. Sabemos que isso se deve ao capitalismo. A mecanização, a robotização e a informática substituem postos de trabalho e gera o desemprego estrutural. Paulo não é um indivíduo inconsciente deste processo como podemos perceber na sua fala onde afirma que *"uma fábrica que tem um robô pra fazer a solda não precisa de um soldador"*.¹³³

Por não arrumar emprego, Paulo faz bicos, e para a sociedade do trabalho apenas o indivíduo de carteira assinada estaria empregado. Ele não pensa em se aposentar com 47 anos, mesmo tendo 34 anos de serviços prestados como mecânico de refrigeração, por não conhecer seus direitos. Acredita que não tem direito à aposentadoria porque trabalhou por conta própria. Isso faz com que Paulo defenda e sustente o assistencialismo. Todavia, mesmo sabendo que ele tem direito a se aposentar por tempo de trabalho, a assistente social não o encaminha.

Vivendo essa vida de miséria e desconhecendo todos os seus direitos, Paulo está alienado e é obrigado a conviver e socializar-se no albergue na hora do almoço com indivíduos que estão na sua mesma situação, mas no qual, ao invés de criar vínculos de solidariedade, ele assimila a imagem construída pela burguesia. E se mostra capaz de julgar os seus próprios companheiros do albergue.

O almoço seria este momento de socialização, mas Paulo prefere aderir ao discurso do medo e comer no albergue se transforma numa tortura por causa dos "bandidos". E por isso, acredita ser necessário o policiamento no local. Mas pela sua situação de necessidade não percebe que o albergue existe exatamente para acolher este tipo de pessoas marginalizadas. Tendo o Estado a pretensão de abranger todos os que passam fome através do seu assistencialismo mesmo que as razões não sejam exatamente amenizar as tensões e os conflitos das relações sociais essas são as suas conseqüências.

Já Monaliza é uma mulher negra de 26 anos e foi entrevistada tendo sua filha recém nascida no colo. Foi encaminhada para o albergue através do

¹³³ Entrevista com Paulo Amauri de Almeida, 47 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Mecânico de refrigeração desempregado.

Núcleo de Atendimento ao Migrante da Rodoviária quando não deram sua passagem de volta para Juiz de Fora. Não conhece ninguém na cidade. Veio para Uberlândia estando gestante com a finalidade de procurar o pai da criança. Há 60 dias come e dorme no albergue, e se encontra totalmente sozinha e sem apoio familiar. Não tem mais família nem em Juiz de Fora e nem tampouco em Uberlândia.

Monaliza afirma que na cidade não existem vagas nas creches para colocar sua filha e, portanto, não há possibilidade de procurar trabalho. Ela acredita na promessa do pai de sua filha, mas se descobre sozinha e com uma criança recém nascida em uma cidade estranha e hostil aos desempregados e sendo assim ela é totalmente dependente do albergue e apenas por isso ela não pode ser considerada mendiga. Ou seja, ela só não está nas ruas mendigando porque existe em Uberlândia o assistencialismo. Ela não acredita que o Poder Público seja culpado pela sua situação de penúria e acha que ela mesma é responsável por essa situação e reconhece que tem muita gente que se acomoda com essa situação.

Márcia Luzia Vieira é outra entrevistada do Albergue Noturno Ramatis. Ela tem 53 anos, sofre de epilepsia e representa um tipo bem comum de desocupado social, o louco. Não é intenção pesquisar sobre a loucura neste trabalho, mas sim de caracterização de Márcia enquanto sujeito histórico em questão.

A epilepsia permite que Márcia viva num estado de loucura e alienação. Apesar de ter família ela é discriminada mas afirma que não é pela sua doença apesar de reconhecer que existem dificuldades e segundo palavras de Márcia poderemos entender melhor.

Ultimamente eu não tenho assim, condições de me relacionar com as pessoas assim de um modo satisfatório então eu fico sempre isolada, não gosto de conversar. Meu pensamento não entende o que as pessoas estão dizendo e nem o que elas estão sentindo então eu pego e procuro me isolar.¹³⁴

¹³⁴ Entrevista com Márcia Luzia Vieira, 53 anos, albergada no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Auxiliar de contabilidade, desempregada.

Segundo as afirmações de Márcia, podemos concluir que tudo que ela é atualmente está relacionado com a sua doença, a epilepsia. *“Por causa da minha doença, porque propriamente o meu problema é a doença, né”*.

Assim, discriminada socialmente, e ao mesmo tempo querendo se isolar de todos por não se sentir bem ao lado delas, Márcia vive em estado de alienação.

Ela afirma que nunca precisou dormir na rua, mas que sempre dormiu na casa de pessoas “estranhas” e já dormiu na rodoviária. Com essa análise podemos refletir sobre o que é dormir na rua. Para a sociedade dormir na rodoviária pode significar que ela dorme na rua, mas na concepção de Márcia não.

Falaremos agora de Gerson Jacinto. Ele tem 54 anos e teve derrame em 1992. Em suas palavras *“ficou pelo mundo girando, girando até chegar no albergue”*. Todo ano ele vem para Uberlândia onde permanece por dois meses e depois volta para São Paulo. Ele vem à cidade com a esperança de conseguir tratamento de saúde, mas também não tem êxito. Apesar de ter conseguido fisioterapia no UAI (Unidade de Atendimento Integrado) do bairro Planalto isso não é suficiente para o seu tratamento de saúde.¹³⁵ Pretende daqui ir para São José do Rio Preto. Aqui na cidade ele não tem onde ficar e por isso precisa dormir no albergue.

Ele tem uma filha de 13 anos que *“arrumou num treixo”* em Itumbiara. *“Naquele tempo a mãe dela era cafetina”*. Apesar disso, Não tem relações com a sua família porque *“não é bem quisto perante eles”*. Não conseguiu se adaptar ao sistema deles. *“A maior parte é tudo crente tudo careta”*. Não se adapta à ordem e à rigidez das instituições.

Gerson é topógrafo formado em Minas. Trabalhou 10 anos no metrô entre São Paulo e Rio de Janeiro. Antes dos derrames começou a se *“dar bem”*, chegando a ganhar 10 mil por mês. Depois dos derrames *“atrapalhou*

¹³⁵ As Unidades de Atendimento Integrado, ou UAIs, são unidades hospitalares localizadas em Uberlândia, as quais são administradas pelo SUS (Sistema único de Saúde) pela Prefeitura de Uberlândia e pela Fundação Maçônica Manoel dos Santos (Fundada em 27 de março de 1981, por membros da Loja Maçônica Acácia do Triângulo, a Fundação Maçônica “Manoel dos Santos” tem caráter religioso e filantrópico) que prestam serviços de urgências médicas para Uberlândia. Atualmente existem oito unidades distribuídas em alguns bairros da cidade, são elas: Pampulha, Tibery, Planalto, Luizote, Roosevelt, Morumbi, São Jorge e Martins.

tudo". Neste caso teria sido interessante investigar sobre a sua doença o que não fez. Atualmente, ele vive de empréstimos e de aposentadoria.

Gerson gosta de ficar nas casas espíritas porque se a *"pessoa não tá agradando na casa eles pedem pra expulsar os espíritos"*. Fez vários cursos pela FEB (Federação Espírita Brasileira) e acredita nisso.

Gerson tenta legitimar sua dependência com relação às instituições assistenciais afirmando que *"pobre que é pobre precisa de muita instituição"*

Na sua entrevista existe uma fala que nos alerta para a denúncia de que os políticos ou politiqueiros só querem ganhar seus cargos e quando conseguem *"fica por isso mesmo"*. Isto permite a compreensão de que Gerson tem consciência das intenções dos administradores públicos na sociedade capitalista. *"A gente depende do poder público, apesar de que eles não reconhecem isso. Eles quando chegam lá em cima através de eleições, né (...)"*.

Porém, Gerson não se vê como um sujeito inserido no processo e se coloca como um indivíduo conformado com a sua situação como podemos verificar na sua entrevista no Albergue Noturno Ramatis.

Não adianta a gente fazer comentário porque eles (os políticos), não vê, eles não enxergam por outro lado. E a gente ficamos sempre assim, esquecidos, viu. Eles não dão ouvidos pro que a gente fala. Quando a gente fala alguma coisa tem que mostrar o papel, tem que ser por escrito. Não tenho palavra pra opinar em nada (...) porque é a lei do mais forte, né!. Pobre, carente, tudo não tem chance nenhuma. Isso é desde o começo do mundo. Sempre foi assim."

Na sua fala notamos que ele não percebe a capacidade de mudança no processo histórico. Quando diz que *"sempre foi assim"*, entendemos que ele só enxerga a continuidade oriunda do seu imediatismo.

Outra análise é a de Roberto Campos da Silva. Tem 28 anos e é um migrante que veio do nordeste para Uberlândia *"tentar levantar a vida"*. Viveu em Araras, Campinas, São Paulo, Sumaré, Osasco, Carapicuíba. Foi parar no albergue porque em suas palavras, *"encontra-se nas condições financeiras limitadas"* e encara a assistência como um auxílio para tentar encontrar

trabalho na cidade.

Roberto tem 2º grau completo e tem experiência em carteira de porteiro em colégios, metrô, fábricas, condomínios e hotéis. Ele se culpa da sua falta de emprego acreditando que o motivo do seu desemprego é a sua preguiça por não ter se esforçado em estudar.

O liberalismo tenta inculcar na cabeça das pessoas que todos têm as mesmas chances e quem não consegue emprego ou estudo é incompetente. Mas não é proposta do liberalismo dar as mesmas chances para todos pois inviabilizaria a competição que é inerente ao próprio mercado do qual depende.

Mas no final, quando a sua realidade se mostra hostil o indivíduo se vê frustrado e inútil e acaba legitimando o assistencialismo como notamos também na entrevista de Roberto Campos (Albergue Noturno Ramatis – Abril de 2007)

No tempo de hoje tipo o desemprego muito grande é uma ajuda. Eu conheço bastante pessoa que trabalha que tem condições, aposentado é que mora nessas instituições. Que tem ajuda familiar essas coisas assim. E é um gasto a menos. É um gasto de aluguel, é um gasto de alimentação. Menos um gasto, né. E eu por mim continuaria com esse sistema. Aperfeiçoaria em certas coisas.¹³⁶

Segundo István Mészáros a novidade da crise do Capitalismo na atualidade é que ele é estrutural. Manifesta-se em quatro aspectos principais: seu caráter é universal, seu alcance é global, sua escala de tempo é extensa

É interessante observar que nenhum entrevistado, apesar do seu conformismo e alienação não pode ser caracterizado como mendigo ou indigente pelo conceito clássico porque eles afirmam que não pedem esmolas.

Trataremos agora de Welles Pereira Gonçalves que tem 28 anos e é natural de Uberlândia. Atualmente ele sobrevive como catador de papelão e anda pela cidade toda sendo que às vezes acaba dormindo na rua tendo que “ficar acordado dia e noite” segundo suas palavras. Dormir na rua é inseguro e talvez por isso sua noite é de vigília e a sensação que se tem é que não

¹³⁶ Entrevista com Roberto Campos da Silva, 28 anos, albergado no Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Porteiro, pedreiro, ajudante geral, auxiliar de almoxarifado, garçom desempregado.

adormece a noite inteira. Ao ficar acordado os pensamentos fluem e as reflexões sobre as necessidades atormentam. Ao ser questionado sobre o motivo de não dormir a noite toda Welles responde:

A gente fica sem lugar pra ir, né! Não sabe onde que pode ajuda. Onde a gente fica direito. Anda com a sacolinha aqui de roupa da gente pra lavar. O povo pensa que a gente não faz nada e não dá apoio. Não tem um emprego fixo pra gente.

Welles afirma que já trabalhou de lavador, pintor, ajudante de eletricista, mecânico e na roça. Nunca conseguiu se fixar em nenhum deles, sendo que o trabalho representaria apenas a fonte para sustento das suas necessidades básicas.

O desemprego estrutural não o atinge diretamente, mas ao modificar as relações de trabalho na sociedade atinge-o indiretamente. Resta, portanto, para Welles os piores trabalhos e bicos insuficientes para sobreviver como prova sua entrevista.

Pega um caminhão pra descarregar ganha 15 real, 20, 18. Ce compra um cigarro, um trem pra comer. Aí vem pro albergue, almoça, dorme, toma banho, toma café.¹³⁷

Welles acredita que apenas um emprego poderia resolver todos os seus problemas.

Agora refletiremos sobre Érico Henrique Alves do Nascimento, 31 anos também é natural de Uberlândia. O qual come todos os dias no albergue e dorme também. Por causa de um acidente que sofreu em 1998 ficou 47 dias em coma. Atualmente ele toma 8 comprimidos por dia porque sofre de epilepsia. Permaneceu casado durante 12 anos herdando 4 filhos deste casamento.

Érico conta que após a morte da sua avó, a sua família se separou. Ele

¹³⁷ Entrevista com Werles Pereira Gonçalves, 28 anos, albergado Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007. Lavador, pintor e ajudante de eletricista desempregado.

afirma que a família esconde sua mãe. Érico ganha um salário mínimo de auxílio doença do Estado e mesmo assim sempre faz bicos. Com esse dinheiro ele tem que pagar pensão para os seus 4 filhos e sobreviver.

Antes do acidente trabalhava com marcenaria, fabricava cama, mesa, guarda-roupas, cadeiras, etc. Quando começou a ter as crises epiléticas sofreu o acidente com máquina e por isso agora tem medo.

Por fim mencionaremos Leonardo Pereira que tem 25 anos, é natural de Uberaba e estudou apenas até a 8ª série. Foi encaminhado para o albergue assim que chegou na cidade em busca de trabalho. Em Uberaba trabalhou como frentista, lavador de carros e em serviços gerais. Separou-se da esposa e ficou sem contato com seu filho.

De modo que a cidade constrói os seus próprios miseráveis e os transforma em indivíduos incapacitados e dependentes de um assistencialismo que não dá conta de resolver o problema da miséria. Como o de Paulo e todos os demais entrevistados ou não. Sujeitos que não conseguem emprego porque estão excluídos do “mundo do trabalho” por algum motivo como a baixa escolaridade de Leonardo, doenças de todas as procedências, como a epilepsia de Márcia , a falta de creches suficientes para abrigar seus filhos, como no caso de Monaliza e certamente muitas outras mulheres.

Assim, este capítulo traz variadas reflexões e experiências de indivíduos nesta condição miserável para apontar algumas razões que aparentemente nos levam a visualizar sua atual situação percebendo que é necessária uma mudança de foco, como a tomada de consciência dos indivíduos afetados pela miséria, na tentativa de solucionar esta questão, pois, o assistencialismo não consegue revertê-la.

Considerações finais

*Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscrição social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século - a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância - não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis.*¹³⁸

A partir das investigações realizadas neste trabalho percebemos que não é digno tratar os sujeitos em questão com o conceito estanque de mendigos, mas sim como indivíduos que burlam a miséria reinventando no seu cotidiano, as estratégias de sobrevivência, a partir da realidade que lhes são apresentadas como a do assistencialismo e também a partir da sua consciência diante das investidas do poder público e privado.

Assim, o tema se apresenta como uma problemática baseada nas discussões existentes sobre a exploração capitalista e sua conseqüente miséria com análises teóricas que se respaldam no marxismo.

Com a proposta de eleger alguns aspectos de indivíduos que aparentemente são caracterizados como mendigos nós verificamos como a sua imagem é forjada enquanto construção histórica na cidade. Esse apontamento pode ser verificado pelo fato deles mesmos não se reconhecerem como tal.

Depois de compreender que aqueles que dominam e têm o poder político na cidade procuram o objetivo do desenvolvimento econômico neoliberal, passamos a perceber essa construção como uma das razões para o horror à miséria expostas nas ruas, praças e calçadas.

Assim, após desenvolver uma reflexão sobre as reportagens do *Jornal Correio de Uberlândia*, passamos a compreender que seu discurso não é

¹³⁸ Prefácio - Victor Hugo.

imparcial, pois defende a “operação de guerra” contra os mendigos e também o assistencialismo.

Verificamos que essa “operação de guerra” é financiada pelo poder público e privado através de campanhas, programas de televisão, outdoors, respaldada por uma Lei nacional que data do período do Estado Novo e, por isso, pode ser considerada repressiva tendo participação da polícia local.

Mesmo não tendo encontrado estes indivíduos nas ruas da cidade como supostamente haveria de ser, acabei encontrando os “mesmos indivíduos” no albergue para onde a polícia os leva. Sendo essa percepção, o ponto inicial para perceber os indivíduos como fruto de uma construção.

O meu trabalho procura divergir da imagem oficial transformada em senso comum. E por isso, procuro tratar os sujeitos estudados como indivíduos desempregados, sem moradia, sem comida e conformados, sendo gerados, principalmente, pelo “desemprego estrutural” e fazendo parte do “exército de reservas” do capitalismo.

Percebemos também, através de dados do CEPES-UFU (Centro de Estudos e Pesquisas Econômico-Sociais da Universidade Federal de Uberlândia), que a miséria não vem de fora da cidade porque Uberlândia também produz seus próprios miseráveis e, por isso, não entendo que existam fronteira territoriais para a pobreza.

Não obstante, apesar da maioria dos entrevistados do Albergue Noturno Ramatis serem de outras localidades isso não representa relevância para a discussão sobre a pobreza, pois ela é produzida em todos os lugares do mundo onde houver o capitalismo.

Embora eu não tenha desenvolvido antes considerações a respeito, podemos concluir, a partir de toda a discussão, que os indivíduos não precisam ser mendigos ou lúpens no seu “conceito clássico” para pedir esmolas e que nem sempre a “esmola” é concedida em forma de dinheiro.¹³⁹

Por tudo isso, utilizo as narrativas orais para entender primeiramente as razões de estarem nesta situação de penúria, em segundo, para compreender

¹³⁹ Neste caso utilizo outra concepção de esmola, pois ela pode vir em forma de roupas, sapatos, comida, etc.

a relação que eles têm com o assistencialismo, neste caso, priorizando a relação com o Albergue Noturno Ramatis. E em terceiro lugar supor que eles têm sonhos e objetivos que são impostos, os quais se manifestam na vontade de ser um “igual” dentro da sociedade burguesa, conseguir trabalho, moradia, etc.

Por fim, como fruto do meu testemunho seria necessário apontar algumas observações do meu cotidiano como moradora da cidade. Essas observações são questões a serem refletidas e pesquisadas talvez em trabalhos futuros. Trata-se da experiência vivenciada pelas muitas andanças na cidade onde pude perceber que ainda existem muitos indivíduos que pedem esmolas mesmo depois de tanta repressão e políticas assistencialistas.

O que ocorre é que eles tiveram que se adaptar às novas relações sociais e políticas da cidade. Assim, eles ainda podem ser vistos pedindo esmolas no Terminal Central, dentro dos ônibus, e demais imediações.

Referencial bibliográfico:

ANDRADE, Rosirlei Renata. **Desenvolvimento urbano x assistencialismo: a função social do albergue noturno Ramatis: Uberlândia 1990 a 2000**. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia 2002.

BRAGA, Ruy. **A Restauração do Capital: um estudo sobre a crise contemporânea**. São Paulo: Xamã, 1996.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia**. São Paulo: Olho d'água, 2000, p. 155-172.

FILHO, Walter Fraga. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. Bahia: Hucite-Edufba, 1995.

GOLDMANN, L. "Consciência real e consciência possível, consciência adequada e falsa consciência". In: GOLDMANN, L. **Crítica e Dogmatismo na Cultura Moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

HUGO, V.. **Os miseráveis**. Tradução de José Maria Machado. 8. Ed. Curitiba: Hemus, 2002.

JACCARD, Pierre. **O tempo e o modo: psicossociologia do trabalho**. Lisboa: Moraes Editora, 1969.

KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem - a origem do trabalho livre no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Capitalismo e marginalidade urbana na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LAFARGE, Paul. **O direito à preguiça**. Tradução de Teixeira Coelho, Introdução de Marilena Chauí. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2000.

MACHADO, Maria Clara T. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês**. Dissertação de Mestrado, 1990 (USP).

MALTHUS, Thomas Robert. **Princípios de Economia Política: Ensaio sobre a População**. São Paulo: Ática, 1982, p. 66-99.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. **Salário, Preço e Lucro**. São Paulo: Centauro, [2002]

_____. **O Manifesto Comunista**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2002, p. 310-347.

NEVES, Delma Pessanha. Mendigo: trabalhador que não deu certo, **Ciência Hoje**. São Paulo: SBPC, n. 4, 1983.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de. **O assistente social em Uberlândia: formação e atuação profissional, 1972-1989**. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos**. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Revista Tempo. Universidade Federal Fluminense. Vol. 1. nº 2. Dez.. Rio de Janeiro, 1996.

RAGO, Luzia Margareth, 1948-; MOREIRA, Eduardo F.P.. **O que é taylorismo**. 2 ed., v.112, Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

REIS, Eliane Campos. **Apenas de passagem: o migrante sob a mira das práticas assistenciais do albergue noturno Ramatis**, Uberlândia, 1965/1980. Monografia / UFU, 2000.

ROMERO, Daniel, **Marx e a técnica: um estudo dos manuscritos de 1861-1862**. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 30.

SANTANA, Eliane Aparecida. **A margem da História: mendigos na cidade de Uberlândia nos anos 90**. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia 2002.

SECRETARIA DE AÇÃO SOCIAL E BEM-ESTAR DO ESTADO DE SÃO PAULO (Org.). **População de Rua: Quem é, Como vive, Como é vista**. 2 ed. São Paulo: Hucitec. 1994.

STOFFELS, Marie-Ghislaine. **Os mendigos na Cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

THOMPSON, E. P.. "Intervalo: a lógica histórica". **A Miséria da Teoria**; ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 47-62.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.

Fontes Trabalhadas:

Orais:

Entrevistados do Grupo ramatisiano: Albergue Noturno Ramatis em Abril de 2007:

Nome	Idade	Profissão
Érico Henrique Alves do Nascimento - albergado	31 anos	Marceneiro
Gerson Jacinto - albergado	54 anos	Topógrafo
Jorge Moreira - albergado	46 anos	Supervisor e mecânico de máquinas pesadas
Leonardo Pereira - albergado	25 anos	Lavador de carros, serviços gerais e braçais
Márcia Luzia Vieira - albergada	53 anos	Do lar
Monaliza - albergada	26 anos	Estudante
Paulo Amauri de Almeida - albergado	47 anos	Mecânico de refrigeração
Roberto Campos da Silva - albergado	28 anos	Porteiro, pedreiro, ajudante geral, auxiliar de almoxarifado, garçom
Roberto de Oliveira - albergado	34 anos	
Werles Pereira Gonçalves - albergado	28 anos	Lavador, pintor e ajudante de eletricista

Fontes escritas:

Jornais:

“FUNDADOR era bastante polêmico: José Osório Junqueira tinha fazendas e mais oito jornais”, **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 06/02/2000, Seção Cidade, p. A-8.

ANDARILHOS tiram o sossego de moradores, **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 12/03/2000, Seção Cidade, p. B-1.

MENDIGOS não conseguem tanto dinheiro quanto esperavam , **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 16/08/2000.

Leis:

Decreto - Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941. Lei das Contravenções Penais. (Alterada por Lei Nº. 6.416/77, Lei nº. 9.521/97, Lei nº. 6.734/79, Lei nº. 6.815/80, Lei nº. 10.741/ 1º. 10. 2003).

Lei nº. 8.742, de 07/12 /1993. Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS de 7 de dezembro de 1993, Itamar Franco.

Lei Orgânica da Assistência Social do Município de Uberlândia número 6480 de 28 de Dezembro de 1995 que dispõe sobre a organização e a política de assistência social no município.

Lei n.º 4668/2004. Apresentada ao plenário da Câmara dos Deputados, pelo parlamentar Eduardo Cardoso (PT-SP), no dia 15 de dezembro de 2004, recebendo parecer favorável da Comissão de Constituição e Justiça em 3 de julho de 2007.

Documentos em meio eletrônico:

FALSO mendigo tem até casa com DVD em MG, diz promotor, **Gazeta On Line**, 24/08/2007 10:07:00 - G1, Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/noticias/minutoaminuto/nacional/nacional_materia.php?cd_matia=345338&cd_site=843>.

MG: crime de mendicância é combatido em Uberlândia. **Jornal da Globo**, Uberlândia, 21/08/2007, Disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM717390-7823-MG+CRIME+DE+MENDICANCIA+E+COMBATIDO+EM+UBERLANDIA,00.htm>>. Acesso em: 03 de setembro de 2007.

OPERAÇÃO para conhecer pedintes e punir aqueles que cometem crime continua em Uberlândia. **MGTV/Megaminas.com**, Uberlândia - 15/03/2007, Disponível em: <<http://megaminas.globo.com/mgtv/>>.

BRASIL, Lei n.º 3.688, de 3 de outubro de 1941, **Lei das Contravenções Penais**. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/contravencoespenais.htm>>.

ALMEIDA, Tales Passos de. Mendicância contravencional: a gestão penal do medo. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 11, n. 1533, 12 set. 2007. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=10397>>.

CARVALHO, Djalma. Esmola não dá futuro. **Portal Maltanet**, Maceió, 28/10/2007. Disponível em: <http://www.maltanet.com.br/colunas/djalma_carvalho.php?id=185>.

BANCO de Dados Integrados 2005, **Prefeitura de Uberlândia**, Uberlândia, 2005. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/documentos/planejamento_urbano_e_meio_amb/bdi052.pdf>.

MENDIGOS fazem protesto contra lei que veta esmolas, **Central Globo.com**, 21/09/2007 - 07h50. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL108019-5602,00.html>>.

MINISTÉRIO Público denuncia "mendigos profissionais" de Uberlândia, **Copyright Folha On line**, Uberlândia, 21/08/2007 - 11h26, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/foiha/cotidiano/ult95u321754.shtml>>.

UBERLÂNDIA - MG faz campanha contra 'falsos mendigos', **Central Globo.com**, Uberlândia, 21/08/2007 - 18h46m. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1616001-5598,00.html>. Jornal Correio de Uberlândia>.

REFORMA do Centro, Opinião do Leitor, Leandro Bartonelli Comerciante e estudante, **Copyright © 2007, Jornal Correio**, Uberlândia, 22/08/2007. Disponível em: http://www.correiodeuberlandia.com.br/v2/coluna_ver.aspx?id=24&coluna=10494&data=>.

COLLOR, Fernando, Verbetes Biográfico, **Copyright © 2005, CPDOC**, Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/1418_2.asp>. Acesso em Janeiro de 2007.

PEREIRA, Luce. Profissão mendigo. **Jornal do Comércio on line**, Recife, 21 de junho de 1998. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/_1998/2106/jru2106.htm>.

BRASIL, Lei n.º 4.744 de 05 de Julho de 1988, **Institui o Código Municipal de Posturas de Uberlândia e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www2.uberlandia.mg.gov.br/pmu/jornal/lei4744.PDF>>.

MINISTÉRIO Público denuncia "mendigos profissionais" de Uberlândia. **Copyright Folha Online**, 21/08/2007 - 11h26. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u321754.shtml>>.

MENDIGOS fazem protesto contra lei que veta esmolas. **Central Globo.com**, 21/09/2007 - 07h50. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL108019-5602,00.html>>.

CONDIÇÕES Sócio-econômicas das famílias de Uberlândia, **Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômicos-Sociais**, Novembro de 2001, Disponível em: <<http://www.ie.ufu.br/cepes/tabelas/Pesquisas/Condi%C3%A7%C3%B5es%20S%C3%B3cio-econ%C3%B4micas%20das%20Fam%C3%ADlias%20de%20Uberl%C3%A2ndia.pdf>>.

PREFEITURA dá continuidade à Campanha "Uberlândia Sem Esmola". **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 13/06/2007. Disponível em: <<http://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=13/06/2007>>.

GOMES, Muriel. Pedintes abandonam o hipercentro: Ação do Ministério Público iniciada no mês passado rende resultado, **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 28/03/2007. Disponível em: <<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=28/03/2007>>.

O LEMA da campanha é "Quem dá esmola não dá escola, não dá futuro e não dá emprego", **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 23/02/2007. Disponível em: <<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=23/02/2007>>.

PREFEITURA Municipal de Uberlândia quer criar centro para atender pedintes: Unidade oferecerá atendimento médico e alimentação para quem vive na rua, **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 31/03/2005. Disponível em: <<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=31/03/2005>>

PEDINTES começam a ser retirados das ruas, do Ministério Público. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 19/02/2007. Disponível em: <<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=19/02/2007>>.

ANDARILHOS incomodam a comunidade: Grupo que se instalou em lote próximo a viaduto causa insegurança. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 25/10/2006. Disponível em: <<https://www.jornalcorreio.com.br/v2/default.aspx?data=25/10/2006>>.

Figuras:

Imagem em movimento:

Clipe: MG: Crime de mendicância é combatido em Uberlândia: Uberlândia processa mendigos aproveitadores. **Jornal da Globo**, Diretor da Central Globo de Jornalismo Carlos Henrique Schroder, Produtora Carolina Assunção, Rede Globo de Jornalismo, Roteirista Luiz Gustavo. Uberlândia, 21 de agosto de 2007. Duração 1'55". Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL91214-5598,00.html>>.